

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

BEATRIZ GLÉRIA ATIÊ

**A RELAÇÃO ENTRE UNIDADES GESTUAIS E AS RETRAÇÕES DA FALA:
um estudo baseado em corpus**

Belo Horizonte

2025

BEATRIZ GLÉRIA ATIÊ

**A RELAÇÃO ENTRE UNIDADES GESTUAIS E AS RETRAÇÕES DA FALA:
um estudo baseado em corpus**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais na linha 1D — Estudos Linguísticos Baseados em Corpora, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Heliana Mello

Belo Horizonte
2025

A872r

Atiê, Beatriz Gléria.

A relação entre unidades gestuais e as retrações da fala [manuscrito] : um estudo baseado em corpus / Beatriz Gléria Atiê. – 2025.
1 recurso online (113 f. : il., tabs., grafs., color.) : pdf.

Orientadora: Heliana Mello.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.

Linha de Pesquisa: Estudos Linguísticos Baseados em Corpora.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 97-105.

Apêndices: f. 106-113.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Linguística de corpus – Teses. 2. Atos de fala (Linguística) – Teses. 3. Gestos – Teses. I. Mello, Heliana. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD : 410



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

A RELAÇÃO ENTRE UNIDADES GESTUAIS E AS RETRAÇÕES DA FALA: um estudo baseado em corpus

BEATRIZ GLÉRIA ATIÊ

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Mestre em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Linguísticos Baseados em Corpora.

Aprovada em 21 de janeiro de 2025, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Heliana Ribeiro de Mello - Orientadora
UFMG

Prof(a). Tommaso Raso
UFMG

Prof(a). Bruno Neves Rati de Melo Rocha
UFMG

Belo Horizonte, 22 de janeiro de 2025.



Documento assinado eletronicamente por **Heliana Ribeiro de Mello, Professora do Magistério Superior**, em 22/01/2025, às 14:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Bruno Neves Rati de Melo Rocha, Professor do Magistério Superior**, em 22/01/2025, às 16:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tommaso Raso, Professor do Magistério Superior**, em 22/01/2025, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3903518** e o código CRC **DCD9BDD6**.

AGRADECIMENTOS

À Prof. Heliana, pela paciência e pelos ensinamentos.

Ao meu pai, que inúmeros vezes perguntou qual o assunto da minha pesquisa e “como ele poderia ajudar”.

À minha mãe, à minha irmã e às minhas avós.

Aos amigos do além-mar.

Aos amigos que BH me trouxe.

"Gestos e expressões faciais também comunicam, assim como se pode comprovar ao desligar o som de uma televisão e pedir ao espectador para caracterizar os falantes apenas a partir das imagens."

Peter Farb, 1973.

RESUMO

A pesquisa apresentada nesta dissertação teve como objetivo analisar o gesto e sua relação com os processos de disfluência da fala. Para tanto, utilizou-se o Brazilian Gesture Corpus (BARROS, 2021), corpus multimodal que registra a fala espontânea do português-brasileiro informal, especificamente na forma de monólogos. As disfluências são caracterizadas por falhas na produção da fala, que prejudicam a fluidez do discurso espontâneo, podendo ser marcadas por hesitações, erros e reparações (LICKLEY, 2015). Essa pesquisa focou nas retrações, uma forma de disfluência dentro do referencial teórico da Teoria da Língua em Ato (CRESTI, 2000; MONEGLIA, RASO, 2014) caracterizada por falsas partidas, em que o falante repara, dentro do próprio enunciado, o que se foi falado (RASO, 2012). O estudo do gesto perante as disfluências parte de teorias em que gesto e fala fazem parte de um só sistema integrado (MCNEILL, 1992; KENDON, 2004), o que sugere que, quando acontecem disfluências na fala, também ocorrem disfluências no gesto. Os resultados apontam para uma relação estreita entre gesto e retração, uma vez que foram encontradas ocorrências em que o gesto continua seu percurso apesar da disfluência, outras em que o gesto entra em fase de suspensão junto à disfluência. Entretanto, nos casos em que o gesto é suspenso junto à fala, tem-se que as fronteiras temporais gestuais tendem a espelhar as fronteiras das retrações, com a grande parte dos resultados evidenciando que gesto e fala são interrompidos e são retomados sincronicamente, conforme estudos anteriores (AKHAVAN et al., 2016). Por fim, são necessários mais trabalhos sobre a produção gestual relacionada às disfluências da fala.

Palavras chaves: Gestos. Disfluências. Retração. Linguística de corpus.

ABSTRACT

The research presented in this project aims to analyze the relation between gesture and speech disfluencies. To this end, the Brazilian Gesture Corpus - BGEST (BARROS, 2021) was used. BGEST is a multimodal corpus that compiles informal Portuguese-Brazilian spontaneous speech, specifically, monologues. Disfluencies are defined as flaws in speech production that jeopardize the flow of spontaneous speech, and may be revealed through hesitations, errors, and repairs (LICKLEY, 2015). This research, therefore, has focused on retractings, a form of disfluency defined by the Language into Act Theory (CRESTI, 2000; MONEGLIA, RASO, 2014) characterized by false starts, in which the speaker repairs, within the utterance itself, what was said (RASO, 2012). The study of gestures alongside speech disfluencies comes from the notion that speech and gesture arise from one integrated system (MCNEILL, 1992; KENDON, 2004), thus, when there are speech disfluencies, there should also be gesture disfluencies. The results here point to a narrow relation between gesture and retractings, as there were found both instances of ongoing gestures alongside the disfluencies, as well as the holding of the gestures. However, when it comes to the latter, the gesture temporal barriers tend to mirror the retracting barriers, and a considerable part of the results show that gesture and speech stop and resume at the same time, as found in previous research (AKHAVAN et al., 2016). Therefore, more studies into the relation between speech and gesture production are necessary.

Keywords: Gestures. Disfluencies. Retracting. Corpus linguistics.

LISTA DE FIGURAS






















FIGURA 2.1 — Exemplo de gesto referencial 	25
FIGURA 2.2 — Exemplo de gesto pragmático 	26
FIGURA 2.3 — Progressão do gesto 	29
FIGURA 2.4 — exemplo de gesto icônico 	30
FIGURA 3.1 — Descrição de um reparo	34
FIGURA 5.1 — Representação do posicionamento	54
FIGURA 5.2 — Exemplo de transcrição e segmentação no PRAAT	57
FIGURA 5.3 — Excursão do gesto 	58
FIGURA 5.4 — Unidade Gestual 	59
FIGURA 5.5 — Configuração da mão	60
FIGURA 5.6 — Orientação do movimento	61
FIGURA 5.7 — Posição espacial	62
FIGURA 5.8 — Tipos de movimento	62
FIGURA 5.9 — Exemplo de posição de repouso 	63
FIGURA 5.10 — Movimento do ataque do gesto 	63
FIGURA 5.11 — Distribuição de movimento, forma da mão, orientação e posição	64
FIGURA 7.1 — Cancelamento de palavras	67
FIGURA 7.2 — Tamanho dos enunciados (palavras)	68
FIGURA 7.3 — Posição (%) das retrações	69
FIGURA 7.4 — Distribuição de unidades informacionais das retrações	70
FIGURA 7.5 — Distribuição de unidades informacionais após EMP	71
FIGURA 7.6 — Comportamento gestual	72
FIGURA 7.7 — Comportamento de gestos que continuam em produção	73
FIGURA 7.8 — Gesto Repetido (1) 	74
FIGURA 7.9 — Gesto Repetido (2) 	75
FIGURA 7.10 — Gesto Repetido (3) 	76
FIGURA 7.11 — Retração marcada por mudança gestual (1) 	77
FIGURA 7.12 — Retração marcada por mudança gestual (2) 	78
FIGURA 7.13 — Retração marcada por mudança gestual (3) 	79
FIGURA 7.14 — Continuidade do gesto	80
FIGURA 7.15 — Gesto sustentado (1) 	82
FIGURA 7.16 — Gesto sustentado (2) 	83

FIGURA 7.17 — Sustentação do gesto antes da retração 	84
FIGURA 7.18 — Retorno do gesto antes da fala 	85
FIGURA 7.19 — Retorno do gesto após a fala 	86
FIGURA 7.20 — Relação temporal entre gesto e fala: interrupção	87
FIGURA 7.21 — Relação temporal entre gesto e fala: retorno	87
FIGURA 7.22 — G-Unit finalizada junto à retração 	88
FIGURA 7.23 — G-Unit iniciada junto à retração 	89
FIGURA 7.24 — Distribuição de reparos e repetições no universo de gestos em continuidade	91

LISTA DE QUADROS

QUADRO 2.1 — Continuum de Kendon	23
QUADRO 4.1 — Relação entre Padrões Prosódicos e Informativos	40
QUADRO 5.1 — Descrição dos trechos do corpus	55
QUADRO 5.2 — Níveis de anotação gestual	60
QUADRO 7.1 — Distribuição de gestos referenciais e pragmáticos coocorrentes com retrações	90
QUADRO 7.2 — Gestos referenciais e pragmáticos no universo de gestos em continuidade	91
QUADRO 7.3 — Gestos referenciais e pragmáticos no universo de gestos sustentados	92
QUADRO 7.4 — Tempo médio entre disfluência e interrupção do gesto	93

LISTA DE EXEMPLOS



EXEMPLO 2.1 — Gesto referencial: bgest_006 [17] 🗣️	25
EXEMPLO 2.2 — Gesto pragmático: bgest_004 [5] 🗣️	26
EXEMPLO 2.3 — Progressão do gesto: bgest_006 [8] 🗣️	29
EXEMPLO 2.4 — Gesto icônico: bgest_005 [16] 🗣️	30
EXEMPLO 4.1 — sequência de Tópico-Comentário: bgest_002 [6] 🗣️	42
EXEMPLO 4.2 — Apêndice de Comentário: bgest_008 [4] 🗣️	42
EXEMPLO 4.3 — Introdutor Locutivo: bgest_009 [15] 🗣️	43
EXEMPLO 4.4 — Parentético: bgest_006 [24] 🗣️	43
EXEMPLO 4.5 — Parentético editado: bgest_006 [24] 🗣️	44
EXEMPLO 4.6 — Escansão: bgest_004 [17] 🗣️	45
EXEMPLO 4.7 — Escansão: bgest_001 [1] 🗣️	45
EXEMPLO 4.8 — Comentários múltiplos: bgest_002 [14] 🗣️	46
EXEMPLO 4.9 — Comentários ligados: bgest_003 [10] 🗣️	47
EXEMPLO 4.10 — Enunciado interrompido: bgest_006 [25-26] 🗣️	47
EXEMPLO 4.11 — Unidade não identificada: bgest_001 [18] 🗣️	48
EXEMPLO 4.12 — Enunciado interrompido e não replanejado: bfamcv30	48
EXEMPLO 4.13 — Pausa preenchida: bgest_004 [16] 🗣️	49
EXEMPLO 4.14 — Retração: bgest_006 [13] 🗣️	49
EXEMPLO 4.15 — Retração: bgest_008 [16] 🗣️	49
EXEMPLO 4.16 — Retração: bgest_005 [14] 🗣️	50
EXEMPLO 4.17 — Retração: bgest_007 [22] 🗣️	50
EXEMPLO 4.18 — Retração: bgest_004 [17] 🗣️	50
EXEMPLO 4.19 — Retração: bgest_003 [5] 🗣️	51
EXEMPLO 5.1 — Transcrição: bgest_005 🗣️	56
EXEMPLO 5.2 — Transcrição: bgest_002 🗣️	56
EXEMPLO 5.3 — Excursão do gesto: bgest_004 [14] 🗣️	58
EXEMPLO 5.4 — Unidade gestual: bgest_005 [1-2] 🗣️	59
EXEMPLO 7.1 — bgest_001 [1] 🗣️	74
EXEMPLO 7.2 — bgest_003 [9] 🗣️	75
EXEMPLO 7.3 — bgest_006 [13] 🗣️	76

EXEMPLO 7.4 — bgest_009 [30]	77
EXEMPLO 7.5 — bgest_001 [9]	78
EXEMPLO 7.6 — bgest_003 [12]	79
EXEMPLO 7.7 — bgest_009 [30]	80
EXEMPLO 7.8 — bgest_001 [18]	82
EXEMPLO 7.9 — bgest_004 [2]	83
EXEMPLO 7.10 — bgest_004 [5]	84
EXEMPLO 7.11 — bgest_010 [39-42]	85
EXEMPLO 7.12 — bgest_001 [1]	86
EXEMPLO 7.13 — bgest_003 [14]	89
EXEMPLO 7.14 — bgest_001 [5]	90

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALL	Alocutivo
APC	Apêndice de Comentário
APT	Apêndice de Tópico
BGEST	Brazilian Gesture Corpus
CAAE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CMM	Comentários Múltiplos
CNT	Conativo
COB	Comentários Ligados
COB_r	Comentário Ligado reportado
DCT	Conector Discursivo
EMP	Empty
EXP	Expressivo
f0	Frequência fundamental
G-Phrase	Frase gestual
G-Unit	Unidade gestual
INP	Incipitário
INT	Introdutor Locutivo
L-Act	Language Into Act Theory
ms	Milisegundo
PAR	Parentético
PHA	Fático
SCA	Escansão
t.a	Tradução da autora
TMT	Time-taking
TOP	Tópico
UFMG	Unidade Federal de Minas Gerais
UNC	Unclear

LISTA DE SÍMBOLOS

(*)	Início de turno
(ABC)	Identificação do informante
(//)	Quebra prosódica terminal
(/)	Quebra prosódica não-terminal
(+)	Enunciado Interrompido
(< >)	Sobreposição de fala
([/n])	Retração
(&)	Início de palavra interrompida
(&he)	Hesitação ou pausa preenchida
(hhh)	Comportamento paralinguístico
(xxx)	Palavra ininteligível
(yyyy)	Trecho de áudio ininteligível
	Arquivo de áudio
	Arquivo de vídeo

SUMÁRIO

1	Introdução	18
1. 1.	Objetivos gerais e específicos	20
1. 2.	Organização do texto.....	20
2	Gesto	21
2. 1.	Kendon e o gesto.....	22
2. 2.	McNeill e o gesto	27
3	Disfluências da fala	32
3. 1.	Relação entre gesto e disfluência.....	35
4	Teoria da língua em ato	38
4. 1.	Unidades Textuais	41
4. 1. 1.	Unidade de Comentário	41
4. 1. 2.	Unidade de Tópico.....	41
4. 1. 3.	Apêndice de Tópico e Comentário.....	42
4. 1. 4.	Unidade de Introdutor Locutivo.....	42
4. 1. 5.	Unidade de Parentético	43
4. 2.	Unidades Dialógicas	44
4. 3.	Limites do Isomorfismo	45
4. 4.	Disfluências dentro do paradigma da L-AcT.....	47
4. 5.	A L-AcT e o gesto	51
5	Corpus bgest	53
5. 1.	Transcrição, alinhamento e anotação informacional	55
5. 2.	Anotação gestual	57
6	Metodologia	65
7	Descrição e análise das retrações do corpus	67
7. 1.	Descrição das disfluências	67
7. 1. 1.	Distribuição posicional	68
7. 1. 2.	Em relação às estruturas informacionais.....	69
7. 2.	A retração e o gesto.....	71
7. 2. 1.	Mapeamento gestual	71
7. 2. 1. 1.	Gesto sem interrupção.....	72

7. 2. 1. 1. 1. Repetição do gesto	73
7. 2. 1. 1. 2. Mudança de gesto	76
7. 2. 1. 1. 3. Continuidade do gesto	80
7. 2. 1. 2. Sustentação do gesto	81
7. 2. 1. 3. Término da g-unit.....	88
7. 2. 1. 4. Início da g-unit	89
7. 3. Discussão	90
8 Considerações finais	95
Referências.....	97
Apêndice A — Arquivos de Áudio no Texto.....	106
Apêndice B — Arquivos de Vídeo no Texto	108
Apêndice C — Glossário	109
Apêndice D — Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	111

1 INTRODUÇÃO

Essa dissertação apresenta uma pesquisa de caráter qualitativo sobre o mapeamento da gestualidade em relação às retrações da fala, a partir de um corpus multimodal com alinhamento de gestualidade, de som e de transcrição. Seu objetivo é relacionar o gesto e a fala, especialmente quando se trata de suas disfluências. Para tanto, foi utilizado o Brazilian Gesture Corpus — BGEST (BARROS, 2021), corpus multimodal voltado para a anotação gestual.

O corpus é anotado informacionalmente seguindo os parâmetros estabelecidos pela Teoria da Língua em Ato— L-AcT (CRESTI, 2000; MONEGLIA, RASO, 2014). A L-AcT considera a prosódia como fator fundamental para a organização informacional da fala, de forma que padrões prosódicos distintos manifestam unidades informacionais diferentes.

Para estudar a comunicação, especialmente aquela de caráter espontâneo, é preciso considerar as disfluências da fala. A disfluência é considerada uma falha no sistema de produção de linguagem (AKHAVAN et al., 2016), podendo estar relacionada à hesitação e aos erros e reparações (LICKLEY, 2015), que impedem a fluidez do discurso. Ao se tratar das reparações, tem-se a proposta de Levelt (1983), que diz que, quando o falante se depara com um erro na articulação do enunciado, ele tende a repará-lo, subentendendo que o falante tem um acesso à estrutura linguística reformulada. Ao paralelizar tal noção com o paradigma da L-AcT, tem-se as retrações, uma forma de disfluência caracterizada por reformulações de trechos da fala, em que o falante repara, dentro do próprio enunciado, o que foi falado (RASO, 2012).

Para o estudo do ato da comunicação, deve-se considerar, junto à linguagem verbal em si, o gesto como elemento comunicacional. No início dos estudos dos gestos, entendia-se que o ser humano, intencionalmente ou não, oferecia informações extra-comunicacionais durante o processo conversacional por meio de ações corporais visuais, assim elucidando intenções, interesses, sentidos e ideias (GOFFMAN, 1963). Mas, com o advento da tecnologia e de metodologias tecnologicamente embasadas, concebe-se que a linguagem corporal possui

características que se sobrepõem ao enunciado pragmático e semântico, de forma que a fala não pode ser estudado separadamente do ato gestual (KENDON, 2013).

O gesto, pois, está conectado à linguagem oral em todos os níveis de análise. No nível lexical, a gesticulação aumenta quando o falante está à procura de uma palavra (MORSELLA, KRAUSS, 2004; RAUSCHER et al., 1996), assim compensando lacunas no vocabulário do falante (DEMIR, GOLDIN-MEADOW, 2015). No nível sintático, os gestos são influenciados pelas propriedades estruturais dos enunciados orais, e a sua produção reflete a quantidade de informação codificada na estrutura sintática, de forma a facilitar a compreensão da linguagem (MCNEIL et al., 2000). No nível do discurso, falantes usam características gestuais recorrentes — por exemplo, a mesma forma ou local da mão — durante uma narração ao se referir a um determinado elemento, assim criando conexões contextuais ao decorrer da narrativa (MCNEILL, 2000). E, no nível fonológico, o ataque do gesto e sua contraparte linguística coincidem no tempo e na unidade de ideia que carregam; da mesma forma, quando a articulação oral é interrompida, como no gaguejar e na afasia, a produção gestual também para (MCNEILL et al., 1990).

Ao considerar a relação entre gesto e a disfluência, tem-se uma literatura muito esparsa sobre o tema; por tais motivos, essa dissertação busca correlacionar a execução do ato linguístico ao ato gestual dos membros superiores nas ocorrências de retrações. Para isso, foram analisadas dez amostras de vídeo e áudio e suas anotações informacionais e gestuais.

Os resultados aqui encontrados apontam que as retrações não necessariamente causam problemas na produção gestual, mas existe uma certa correlação entre gesto e disfluência, uma vez que as fronteiras do gesto tendem a espelhar as retrações no movimento gestual, apresentando situações em que o gesto entra em fase de sustentação no momento da retração, e também ocorrências em que há ou uma mudança do movimento gesto concomitante à retração, ou uma repetição gestual logo em seguida à retração. Essa relação pode salientar que a produção gestual faz parte do processo de produção da linguagem, de maneira que gesto e fala formam um sistema interrelacionado e co-orquestrado.

1. 1. OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Tem-se como objetivo geral desta dissertação analisar qualitativamente as unidades gestuais que ocorrem simultaneamente às retrações da fala. Posto isso, os objetivos específicos são:

- Dar continuidade à compilação do corpus BGEST;
- Extrair as ocorrências de retração do corpus;
- Analisar qualitativamente o mapeamento gestual dessas disfluências;
- Explorar o uso gestual concomitante às retrações.

1. 2. ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

Esta dissertação está dividida em oito capítulos, incluindo esta introdução e as considerações finais.

O capítulo 2 dialogará sobre o estudo do gesto concomitante à fala, trazendo o trabalho dos principais pesquisadores dessa área e suas contribuições para o campo.

O capítulo 3 apresentará uma revisão da literatura referente às disfluências, abarcando diferentes teorias a respeito e apontando o referencial teórico que mais se aproxima do fenômeno das retrações dentro do paradigma da Teoria da Língua em Ato.

O capítulo 4 explicará os conceitos fundamentais da Teoria da Língua em Ato — L-AcT e também trará exposto uma revisão das unidades informacionais propostas pela teoria.

O capítulo 5 detalhará as principais características do BGEST, corpus do qual foram extraídos os dados de análise. O capítulo 6 delineará a metodologia seguida nesta pesquisa. O capítulo 7, por fim, apresentará a descrição e comparação dos dados encontrados. Nas considerações finais, serão retomados os objetivos dessa dissertação e confrontados com os resultados encontrados.

2 GESTO

De acordo com Kendon, os gestos são “ações que apresentam a característica de manifestar expressividade deliberada” (KENDON, 2004, p. 15, t.a.)¹, isto é, ações que são realizadas com o intuito da expressão, e não como objetivos práticos. Igualmente, McNeill define o gesto como “uma ação expressiva que representa imagens, não necessariamente realizadas pelas mãos ou somente pelas mãos, que se torna parte do processo de fala” (MCNEILL, 2013, p. 29, t.a.)². Entende-se, assim, que o gesto está sob a orientação direta do falante, sendo realizado para fins de expressão e formando um conjunto sistemático realizado pelo locutor; por tais razões, gesto e fala não podem ser separados para a análise da linguagem como um todo.

O uso de movimentos corporais durante a comunicação mostra um discernimento por parte do falante de suas conceptualizações tanto do mundo físico quanto de ideias abstratas (CIENKI, 2013). Dessa forma, tem-se que os gestos possuem as mesmas funções básicas da linguagem verbal, e, por serem também um meio de expressão, sua função é de mesma importância que o papel da palavra em si (MÜLLER, 2013), apesar de serem qualitativamente diferentes de palavras e sentenças. Sendo um veículo de comunicação separado, os gestos possuem um canal de saída, uma forma e um curso de movimento próprio (MCNEILL, 1992).

O estudo do gesto iniciou-se com o estudo da retórica, ainda no início do primeiro milênio depois de Cristo. Quintiliano, professor de retórica romano, já defendia que o processo gestual era uma das partes mais importantes da oratória em uma apresentação (QUINTILIANO, 1922 [95]), uma vez que os gestos não somente se relacionam a momentos da fala, como também são capazes de expressar atos de fala e demonstrar emoções. Ainda, apesar dessa longa tradição do gesto como parte da fala, por grande parte dos estudos linguísticos o estudo gestual foi posto de lado, sendo, assim, a apreciação do gesto concomitante à fala, dentro da perspectiva linguística, um campo recente de análise (BRESSEM, LADEWIG, MÜLLER, 2013a).

¹ “*Gesture* is a label for actions that have the features of manifest deliberate expressiveness” (KENDON, 2004, p. 15).

² “An expressive action that enacts imagery (not necessarily by the hands or hands alone) that is part of the process of speaking.” (MCNEILL, 2013, p. 29).

Apenas a partir da segunda metade do século XX, o gesto, provindo do processo cognitivo, torna-se objeto de estudo — primeiramente no campo da sociologia e psiquiatria para depois ser dirigido à linguística. Esse surgimento ocorre juntamente à ascensão e a parametrização do uso de gravações audiovisuais para o estudo científico, que viabiliza a averiguação de sequências gravadas para uma análise da relação da linguagem verbal com o restante do corpo. Destaca-se, pois, os trabalhos de Efron (1941), que averiguou emblemas — atos gestuais que detêm uma tradução verbal direta e pré-definida, geralmente conhecido por pessoas de uma mesma classe ou cultura; de Goffman (1963), que apontou que as pessoas fornecem informações sobre suas intenções, interesses, sentimentos e ideias por meio do movimento corporal; de Condon e Ogston (1966), que descreveram como o movimento corporal é organizado e o seu padrão de acordo com sua relação à fala, em um estudo das diferenças clínicas entre pessoas com esquizofrenia e pessoas neurotípicas; e de Ekman e Friesen (1969), que apontaram uma diferença entre self-adaptors — movimentos em que o indivíduo tocava e/ou manipulava objetos ou o próprio corpo — e illustrators — movimentos diretamente ligados ao conteúdo verbal, que ilustravam o que era dito.

O crescimento dos estudos aprofundados sobre gestos, em que estes são entendidos como expressões de conceptualização dentro de um sistema fala-gesto governado por um só sistema, deu-se, posteriormente e sob influência das pesquisas previamente citadas, pelos trabalhos de Kendon e McNeill. A seguir, será aprofundado o trabalho deles.

2. 1. KENDON E O GESTO

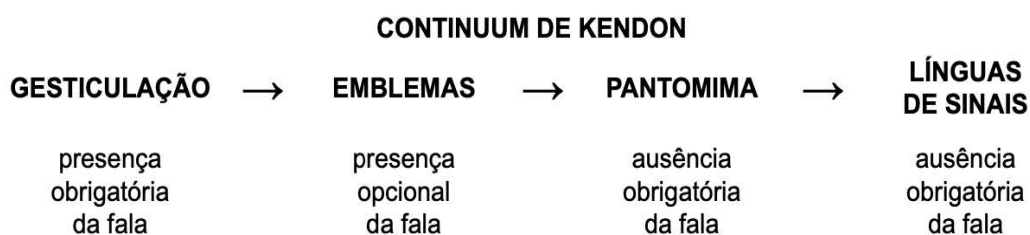
Em seu trabalho pioneiro sobre a relação entre gesto e fala, Kendon (1972) postula que o movimento corporal está integrado à fala. Isso ocorre uma vez que o movimento do corpo, incluindo-se o gesto, possui um papel crucial no processo de interação e comunicação.

Com o intuito de explicitar o vínculo entre a produção oral e o gesto, Kendon (1972) mapeou a relação gestual no que tange à prosódia. O autor defende que a gesticulação está relacionada ao que o falante está dizendo e serve para dramatizar, enfatizar ou ilustrar suas palavras (1972, 1980, 2004). Sua pesquisa inicial partiu da gravação de uma conversa em um pub londrino, cuja análise de vídeo seguiu a

metodologia de Condon e Ogston (1966) a partir do mapeamento dos principais movimentos corporais concomitantes à fala. Em sua análise, apontou um padrão gestual distintivo associado às frases prosódicas e aos atos locucionários³, que, por vez, promoviam uma organização gestual hierárquica que coocorria com a organização hierárquica das unidades da fala.

A partir disso, Kendon (1982) descreve o movimento corporal no que ele denomina de Continuum de Kendon⁴.

QUADRO 2.1 — Continuum de Kendon



Fonte: adaptado de McNeill (2005, p. 7.)

Kendon entende por gesticulação os gestos espontâneos que acompanham a fala, de forma que tais movimentos das mãos estão integrados ao enunciado com que coocorrem. Os emblemas são caracterizados por símbolos convencionalizados, utilizados no lugar da fala ou junto a ela, ou seja, são gestos realizados intencionalmente com um significado específico que representa um conceito popularmente conhecido — por exemplo, o levantar do polegar para cima representa um gesto de concordância, aprovação e/ou até mesmo encorajamento. As pantomimas, por vez, são responsáveis por representações corporais que descrevem palavras; em outras palavras, as pantomimas utilizam a mímica para tais representações. E, por último, as línguas de sinais são realizadas por elementos linguísticos, convencionalizados.

A partir desse referencial, Kendon traz sua atenção para a gesticulação. Kendon (1972) determina que cada unidade de fala é distinguida por um padrão de

³ Atos locucionários se referem à produção de uma sequência linguística, abrangendo a fonologia, a semântica e a sintaxe.

⁴ Kendon's continuum.

movimento gestual, e, entre essas unidades, há uma mudança na posição de determinadas partes do corpo, que são coordenadas de acordo com as próprias mudanças nos padrões tonais dos enunciados. Entende-se, assim, que o processo de produção da fala é manifestado simultaneamente pela realização sonora e pela execução de movimentos corporais, especialmente a partir da mão e do braço.

O trabalho de Kendon se destaca principalmente por apontar uma correspondência entre a hierarquia da fala e dos gestos. Quando se trata da fala, o enunciado é organizado em unidades tonais em termos prosódicos que correspondem a unidades de significado; igualmente, o gesto também é organizado em unidades, denominadas frases gestuais, que coincidem e são semanticamente coerentes com os significados expressados nas unidades tonais (KENDON, 1980, 2004). Ao produzir um enunciado que usa esses dois modos de expressão, o falante cria um conjunto em que o gesto e a fala são aplicados juntos em uma mesma manifestação dialógica.

Destaca-se, além disso, uma coerência entre o gesto e a fala. Não somente o gesto pode estar em paralelo ao significado verbal, mas também podem complementar este significado, de forma que o ato de enunciar se dá pelo meio verbal e pelo meio cinestésico (KENDON, 2013). Kendon denomina essa noção cinestésica de enunciados visuais⁵, e uma consequência do mesmo é que o gesto “deve ser entendido como componentes totalmente moldados do enunciado final, tendo sido produzido como uma parte integral do objeto que é criado a partir do enunciado” (KENDON, 2004, p. 157, t.a.)⁶.

Partindo da ideia de que o significado verbal está associado ao significado gestual, Kendon (2004) sugeriu algumas formas de se identificar as diferentes formas em que o significado verbal interage e relaciona-se com os enunciados verbais. Diferencia-os entre gestos referenciais e gestos pragmáticos.

Os gestos com funções referenciais expressam o conteúdo semântico por meio da representação visual de propriedades referenciais, como tamanho, forma e ação, ou por meio de propriedades indexicais, no caso, gestos dêiticos e o apontar. Para melhor representação, segue-se a figura 2.1.

⁵ Utterance visible action.

⁶ “Gestures should be looked upon as fully fashioned components of the finished utterance, produced as an integral part of the ‘object’ that is created when an utterance is fashioned” (KENDON, 2004, p. 157).

FIGURA 2.1 — Exemplo de gesto referencial 🗣️⁷



Fonte: bgest_006, frase gestual 226.

EXEMPLO 2.1 — Gesto referencial: bgest_006 [17]⁸ 🗣️

*ELI: a Status que eu ia / **que era só um corredorzinho** / que depois virou / né / um negócio enorme / era um um [/1] um corredorzinho / e / assim / e aí / nũ sei porque que eu / <cheguei nisso> +⁹

No exemplo 2.1, o enunciado é acompanhado por cinco gestos, sendo o gesto da figura 2.1 representado pelo trecho em negrito. Com as mãos esplanadas, em um movimento reto, a falante representa a imagem do corredorzinho, formando, assim, um gesto com função referencial.

Em contrapartida, os gestos com funções pragmáticas transmitem parte de “um significado do enunciado que não faz parte do significado referencial ou do conteúdo proposicional” (KENDON, 2004, p. 158)¹⁰. Isto é, ao não apresentarem um conteúdo referencial, eles transmitem a atitude do falante em relação ao conteúdo referencial. Ainda, dentre os gestos pragmáticos, pode-se subclassificá-los em: (1) gestos modais

⁷ Os arquivos de vídeo e de áudio, indicados respectivamente pelos símbolos 🗣️ e 🎧, estão disponíveis nos apêndices A e B.

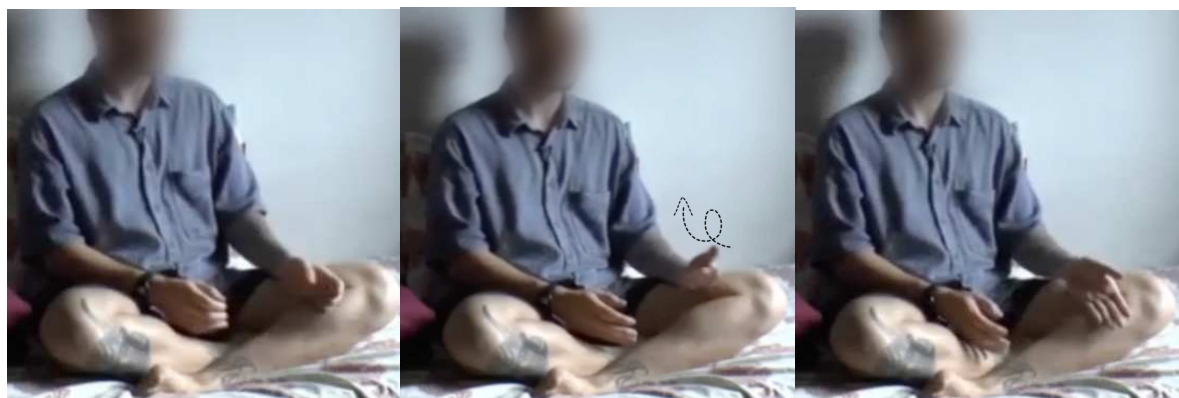
⁸ O número entre colchetes indica o enunciado reproduzido.

⁹ Neste exemplo, as barras simples (“/”) e as barras duplas (“//”) representam, respectivamente, quebras prosódicas não-terminais e terminais, sendo elas demarcações na fala que indicam diferentes funções linguísticas e prosódicas. O símbolo “+”, por vez, representa um enunciado interrompido.

¹⁰ “Gestures may relate to features of an utterance’s meaning that are not a part of its referential meaning or propositional content” (KENDON, 2004, p. 158).

(*modal gestures*)¹¹, que oferecem uma interpretação para o que está sendo dito; (2) gestos performativos (*performative gestures*), que expressam e manifestam a força ilocucionária do enunciado; e (3) gestos de processamento (*parsing gestures*), que distinguem diferentes segmentos ou componentes do discurso. Segue a figura 2.2 para ilustração.

FIGURA 2.2 — Exemplo de gesto pragmático 🗣️



Fonte: bgest_004, frase gestual 218

EXEMPLO 2.2 — Gesto pragmático: bgest_004 [5] 🗣️

*PEU: aí minha mãe me ligou / e falou olha / &he &s [1] &he / a gente nũ [3] cê não tem mais dependência do seu pai agora / você [1] no plano de saúde / que / o trabalho dele oferece / aí / a gente vai ter que procurar outro plano de saúde //

A figura 2.2, acompanhada pelo enunciado acima, em que o trecho sublinhado acompanha a unidade gestual, representa os momentos de preparação, ataque e sustentação da frase gestual, respectivamente. Percebe-se, assim, que o ataque do gesto, em um movimento de arco, abre a caminho para o discurso reportado que vem em seguida, representando assim um gesto pragmático — especificamente, um gesto modal, em que o falante indica um discurso reportado.

Para Kendon, tais enunciados visuais estão atrelados ao que ele se refere como unidades de ideias¹² (1980, 2004), isto é, unidades de significado que

¹¹ Como não existem traduções definidas da literatura para o português, todos os termos traduzidos nesta dissertação apresentaram o termo original em inglês na sequência.

¹² Unit ideas.

correspondem às unidades tonais. Ressalva-se, ainda, que essa relação entre gestos e unidades de ideias partem de uma perspectiva interativa, e que Kendon (2004) postula estes como dois sistemas semióticos diferentes que interagem entre si.

2. 2. MCNEILL E O GESTO

Com o advento do estudo dos gestos, o trabalho de McNeill (1992) aprofundou a análise da relação do gesto e da fala como um único sistema. Sua pesquisa aponta que os gestos estão entrelaçados com a fala oral tanto em tempo, em significado e em função, de forma que o gesto e o enunciado fazem parte de um mesmo processo mental — e, portanto, devem ser vistos como uma estrutura unificada. Consequência desse processo é o gesto e a fala serem semântica e pragmaticamente co-expressivos, isto é, um gesto que acompanha um enunciado apresentará suas mesmas funções pragmáticas.

Ademais, define-se o gesto como global e sintético, uma vez que o todo define o seu significado, enquanto a fala se categoriza por linearidade e segmentação. Juntos, pois, gesto e fala fazem parte de um único processo subjacente, de forma a estarem interligados, além de em significado, em tempo e em função, também em desenvolvimento e em dissolução. Tal noção é ilustrada pela frase gestual se antecipando à fala, uma vez que seu movimento de preparação se inicia antes da formação de uma estrutura linguística à qual o gesto se integrará — e, não somente, o gesto se sincronizará à fala em seu momento de ataque. Isso acontece devido à sincronia semântica, em que os dois canais apresentam o mesmo significado ao mesmo tempo; evidencia-se, assim, que o gesto e o enunciado concomitantes abordam uma mesma unidade de ideia. Os gestos, pois, não são restritos ao código, mas sim têm a liberdade de salientar os aspectos relevantes do contexto em que estão inseridos.

Ao se considerar o processo de gesticulação, deve-se entender a unidade gestual (*G-Unit*) e a frase gestual (*G-Phrase*) (KENDON, 1980, 1988; MCNEILL, 1992; BRESSEM, LADEWIG, MÜLLER, 2013). A *G-Unit* se define pelo período de tempo entre movimentos de descanso dos braços, isto é, ela começa junto ao início do movimento do membro e termina quando esta volta para a posição de descanso. Em contrapartida, a *G-Phrase* ocorre dentro da *G-Unit*, e consiste de uma ou mais fases

do movimento. O movimento dos membros superiores, estes tratados nesta dissertação, é constituído pela progressão das seguintes fases:

- (1) **Preparação** (*preparation*): o início do movimento, em que o braço deixa sua posição inicial de descanso para posicionar-se no espaço em que o ataque gestual começará — como mencionado anteriormente, a fase de preparação tende a antecipar os segmentos linguísticos que coocorrem com o significado gestual;
- (2) **Ataque** (*stroke*): um pico de esforço no gesto, em que a mão e o braço realizam um movimento acentuado que expressa o significado do gesto — nota-se, assim, que o ataque está sincronizado aos segmentos linguísticos com que compartilham significado;
- (3) **Sustentação** (*hold*): qualquer cessação temporária do movimento, podendo ocorrer antes ou após o ataque, ainda fazendo parte da hierarquia interna da gesticulação;
- (4) **Recuperação** (*recovery*)¹³: o retorno da mão para a posição de descanso — ressalta-se, entretanto, a possibilidade da sua omissão quando um gesto transfere diretamente para um gesto subsequente.

Para ilustração, tem-se o exemplo abaixo (Figura 2.3), que demonstra o participante, respectivamente na sucessão de *frames*, com suas mãos no colo em momento de descanso e pré-preparação, sua abertura para a periferia do corpo no ataque do gesto e seu retorno para a posição de descanso.

¹³ Em McNeill (1992) e Kendon (2004), essa fase é denominada *retração* (*retraction*). Já em Kendon (1980), essa mesma fase é referida por *recuperação*. Para distinção entre a retração do gesto e a retração da fala, esse trabalho adotará o termo *recuperação* para se referir à retração do gesto.

FIGURA 2.3 — Progressão do gesto 🗣️



Fonte: bgest_006, frase gestual 210

EXEMPLO 2.3 — Progressão do gesto: bgest_006 [8] 🗣️

*ELI: virou Café Status ||=COM=

McNeill, também, foi responsável pela caracterização dos diferentes tipos de gestos. De acordo com ele, o gesto concomitante à fala é instantâneo, global e imagético, mas não possui um significado analítico, já que sua contextualização à fala determinará o seu significado, e cada gesto representa o conteúdo de um ângulo diferente. Por tanto, gestos produzidos por pessoas diferentes são muito comumente parecidos quando o conteúdo do gesto é, igualmente, parecido, mas essa similaridade parte do conteúdo, e não porque houve uma consonância de padrões significativos. Essa noção acarretou a classificação de gestos de acordo com sua relação com o conteúdo da fala:

- **Icônicos** (*iconics*): carregam uma relação muito próxima com o conteúdo semântico da fala — o movimento de ataque do gesto coincide com a parte do enunciado que apresenta o mesmo significado;
- **Metafóricos** (*metaphorics*): carregam uma imagem próxima ao significado semântico, assim como os gestos icônicos, porém representam uma ideia abstrata — são uma metáfora concreta para um conceito;
- **Rítmicos** (*beats*): realizam um movimento ritmado de acordo com a pulsação rítmica da fala, sem uma relação direta ao conteúdo semântico — nota-se, também, que tais gestos apresentam uma mesma forma ao decorrer do enunciado, não relacionada ao significado da fala;

- **Coesivos** (*cohesives*): vinculam elementos discursivos que estão tematicamente relacionados mas temporalmente separados, assim enfatizando a continuidade do enunciado — são gestos que ajudam a conectar enunciados;
- **Dêiticos** (*deitics*): indicam objetos e eventos no mundo de forma concreta, principalmente por meio do apontar.

Para ilustrar tal denominação, segue-se a figura 2.4, retirada do BGEST.

FIGURA 2.4 — exemplo de gesto icônico 🗣️



Fonte: bgest_005, frase gestual 226

EXEMPLO 2.4 — Gesto icônico: bgest_005 [16] 🗣️

*ZUC: então /=DCT= e aí a gente tenta estender /=COB= sem fazer o projeto [/1]=SCA= projeto /=SCA= detalhado /=COM= né //AUX=”

Sublinhado, tem-se a parte do enunciado correspondente ao ataque do gesto; percebe-se, assim, que as mãos partem de uma posição central para a periferia, de forma a representar um gesto icônico, retratando o movimento de estender. Nota-se, pois, que tanto gesto e enunciado são síncronos em conteúdo, em que o gesto coocorre com o enunciado destacado acima, além de ser sustentado pela unidade tonal.

Destaca-se, ainda, que os gestos ocorrem apenas concomitantemente à fala, já que o gesto e a fala estão ligados um ao outro em tempo. Tal fato diferencia o gesto de emblemas e pantomimas, que, como visto na seção 2.1, podem se manifestar em momentos de silêncio. E, por gesto e fala serem co-temporais e co-expressivos, o

momento de ataque do gesto se alinha temporalmente com seu segmento linguístico equivalente. Reforça-se, novamente, que o gesto antecipa a fala em sua fase de preparo e sincroniza-se a ela durante a fase de ataque, assim como pode ser observado no exemplo 2.4; e, como o gesto não está restrito à linguagem, ele tem a liberdade de incorporar e salientar apenas os aspectos relevantes do contexto.

Em continuidade, a próxima seção fará uma revisão da literatura das disfluências da fala, trazendo um panorama das diferentes hipóteses a respeito das mesmas e aproximando-as da definição de retrações de acordo com a L-AcT.

3 DISFLUÊNCIAS DA FALA

“Na fala espontânea, o curso da linguagem não consegue ser contínuo em maior parte, uma vez que os falantes não sabem antecipadamente o conteúdo específico que eles vão proferir, ou como eles vão formulá-lo” (KOSMALA et al., 2019, t. a.)¹⁴. Enquanto a fluência se refere à produção sem esforço de enunciados longos e contínuos em uma velocidade rápida (STARKWEATHER, 1980)¹⁵, as disfluências da fala são o resultado de problemas na produção verbal, que acarretam uma interrupção nos enunciados, sendo observadas em qualquer produção de fala, independente de idade, língua ou característica do falante (DIDIRKOVÁ, 2024).

Ao considerar-se a literatura sobre disfluências da fala, apesar de uma grande quantidade de pesquisas a respeito dela, nota-se a ausência de um consenso sobre a terminologia do assunto. Isso ocorre especialmente devido a esses trabalhos focarem nos parâmetros de descrição das disfluências, o que acarreta diferentes trabalhos rotular as mesmas disfluências de formas diferentes.

Em um estudo sobre como a fala mostrava indícios de ansiedade em pacientes de psicoterapia, Mahl (1956) categorizou as “perturbações” da fala em 1) sonorização do fonema /ah/, 2) correção da sentença (*sentence correction*), 3) sentenças incompletas (*sentence incomplection*), 4) repetições (*repetition of words*), 5) sons incoerentes (*intruding incoherent sound*), 6) deslizes da língua (*tongue slip*), e 7) omissões de palavras ou parte delas (*omission of words or parts of words*). Seu interesse principal não era o estudo das disfluências na fala neurotípica, e Mahl identificou que perturbações da fala e períodos de silêncio eram indicadores de ansiedade.

Já Maclay e Osgood (1959) voltaram o estudo das disfluências para a fala espontânea e neurotípica. Sua proposta categorizou as disfluências em: (1) pausas preenchidas (*filled pauses*), interrupções verbais que não se relacionam com a proposta principal da mensagem; (2) partidas falsas (*false starts*), enunciados incompletos ou auto interrompidos; (3) repetições (*repeats*), repetições não

¹⁴ “In spontaneous typical speech, the course of human language can never be largely continuous, as speakers do not know in advance the specific content they are going to deliver, and how they are going to formulate it.” (KOSMALA, CANDEA, MORGENSTERN, 2019).

¹⁵ “Whether the word refers to first-language or second language skill, fluency is the effortless production of long, continuous utterances at a rapid rate.” STARKWEATHER, 1980)

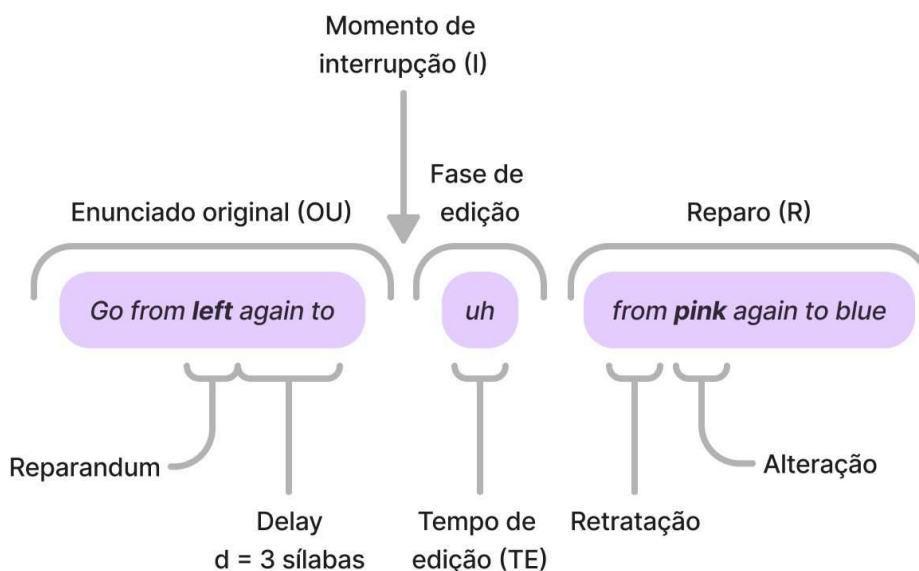
modificadas de palavras, sem qualquer significado semântico, de partes de palavras, ou de fluxos de palavras; (4) pausa silenciosa (*unfilled pauses*), hesitações prolongadas e anormais, podendo ser subcategorizadas por pausas de silêncio insolitamente prolongadas ou por alongamento de fonemas.

Johnson (1961), também, em um estudo comparativo entre pessoas neurotípicas e pessoas gaguejantes, anotou as seguintes disfluências: 1) interjeições de sons, sílabas, palavras e frases; 2) repetições de parte de palavras (*part-word repetition*), 3) repetições de palavras (*word repetition*), 4) repetições de sintagmas (*phrase repetition*), 5) revisões (*revisions*), 6) sintagmas incompletos (*incomplete phrases*), 7) palavras quebradas (*broken words*) e 8) sons prolongados (*prolonged sounds*).

Assim como se pode perceber, muitas vezes essas definições se sobrepõem, com diferentes sistemas descrevendo um mesmo padrão de disfluências. Estudos posteriores (SHRIBERG, 1994; HEEMAN, 1997; LICKLEY, 1998; EKLUND, 2004) apontam para um consenso entre os principais tipos de estruturas de disfluências: repetições, substituições, inserções e anulações, de forma que, em todas essas ocorrências, uma parte da fala é substituída ou rejeitada por completo.

O modelo de Levelt (1983) propôs uma descrição para esse tipo de fenômeno. Para ele, quando o falante encontra um erro no processo de produção do enunciado, provoca-se um processo de autorreparo (*self-repair*) da fala, seja por meio de ajustes no volume e/ou velocidade da fala, como por meio de retrocessos e reiniciação do enunciado. Nota-se, aqui, que o reinício não é totalmente desconexo do enunciado interrompido — tal fenômeno se mostra benéfico para o falante, uma vez que este deve resolver o problema de continuidade ao relacionar o reparo ao enunciado original.

FIGURA 3.1 — Descrição de um reparo



Fonte: adaptado de Levelt (1983, p. 45)

O arquétipo de Levelt, mostrado na figura 3.1, principia-se a partir do que é denominado como enunciado original (original utterance - OU). Neste enunciado está contido o ponto problemático, isto é, o item a ser reparado — Levelt o denomina de *reparandum*, e ele pode ser manifestado tanto por sons da fala quanto por um trecho inteiro do enunciado. Seguida do *reparandum* é a fase de edição, composta por um período de hesitação curto ou longo — nesta fase, pode ou não ocorrer uma pausa preenchida. Finalmente, ocorre o reparo (*repair*)¹⁶; o reparo pode começar tanto diretamente após o *reparandum*, ou a partir de algum momento antes deste. Normalmente, o reparo contém uma alteração condizente com o enunciado original.

Levelt, ainda, a partir de seu corpus, separa os tipos de reparos em diferentes categorias, sendo os mais numerosos — e, portanto, mais importantes — os reparos de adequação e os reparos de erros¹⁷. Os reparos de adequação (*appropriateness repairs*) acontecem quando o enunciado está correto mas precisa ser alterado para um melhor entendimento: o enunciado pode ter sido ambíguo, ou pode demandar um

¹⁶ Levelt faz uma observação sobre esse termo: apesar da palavra *repair* sinalizar a correção de algo que estava errado antes, a fase de reparo não necessariamente indica que havia algo errado com o enunciado. Não somente, mas também ocorre de o próprio reparo não estar correto, acarretando na adição de outros reparos (LEVELT, 1983, p. 44)

¹⁷ Um outro reparo de frequência alta em seu corpus são os reparos ocultos (*covert repairs*). Esses se tratam de reparos que são hipotetizados de ocorrerem no processo de planejamento da fala, mas são corrigidos antes do erro ser articulado. A hipótese do reparo oculto (*covert repair hypothesis*) decorre mais sobre o assunto (POSTMA et al., 1990; POSTMA, KOLK, 1993).

termo mais específico, ou pode ser mais coerente¹⁸. Os reparos de erros (*error repairs*) se dão a partir de uma palavra errada que precisa ser corrigida ligeiramente.

O modelo de Levelt possui uma certa proximidade com o fenômeno de retração dentro do referencial teórico da L-AcT. A próxima seção discorrerá à profundo sobre o assunto.

3. 1. RELAÇÃO ENTRE GESTO E DISFLUÊNCIA

A disfluência verbal, apesar de um fenômeno originalmente vocal, também pode ser sinalizado por outros canais, como as expressões faciais, os movimentos da cabeça, os movimentos dos ombros (JOKINEN, ALWOOD, 2010) e, também, o gesto. Hipóteses apontam que o gesto reduz a quantidade de recursos cognitivos necessários para a formulação da fala¹⁹ (GOLDIN-MEADOW, NUSBAUM, KELLY, WAGNER, 2001; WAGNER, NUSBAUM, GOLDIN-MEADOW, 2004). Entende-se, igualmente, que o gesto também é plausível de auxiliar com a carga cognitiva no momento da disfluência da fala.

Entretanto, a literatura sobre a função gestual no momento da disfluência é escassa. De acordo com estudos de Beattie e Butterworth (1979), a disfluência é acompanhada por gestos de quebra (*break-down gestures*), que sinalizam a quebra no plano prosódico e não se referem ao conteúdo da fala. Essa análise é acolhida por Gullberg (1998), que observou que, quando o falante gesticula durante a disfluência, a gesticulação se volta para a quebra prosódica, e não para o conteúdo referencial das potenciais palavras.

Ao mesmo tempo, alguns pesquisadores apontam que o gesto concomitante à fala — e à sua disfluência — facilita o processo de recuperação de palavras (HADAR, BUTTERWORTH, 1997; KRAUSS et al., 2000; RAUSCHER et al., 1996). Tal hipótese, denominada hipótese de recuperação lexical²⁰, defende que a produção gestual nesse cenário é particular à re aquisição vocabular, não sendo, pois, atribuída às funções de produção de linguagem ou de processamento cognitivo. Ainda dentro desse panorama, deve ser considerada a perspectiva cognitiva, uma vez que ela defende

¹⁸ *AA-Repairs, AL-Repairs e AC-Repairs*. Para mais aprofundamento nas subcategorias de *appropriateness repairs*, ver: LEVELT, 1983, p. 51-53.

¹⁹ *The cognitive load reduction hypothesis*. Ver: GOLDIN-MEADOW, NUSBAUM, KELLY & WAGNER, 2001; WAGNER, NUSBAUM & GOLDIN-MEADOW, 2004.

²⁰ *Lexical retrieval hypothesis*. Ver: RAUSCHER, KRAUSS, CHEN, 1996.

que o gesto auxilia em qualquer tarefa, inclusive na recuperação lexical, já que a sobrecarga cognitiva é aliviada (GOLDIN-MEADOW, 2003), fundamento que dialoga diretamente com a proposta de que uma inibição forçada do gesto afeta a fluência da linguagem (RAUSCHER et al., 1996), especialmente aquela referente à recuperação lexical. De acordo com Beattie e Coughlan (1999), o falante com sua gesticulação restringida não consegue recuperar esse vocabulário na ponta da língua²¹ tão bem quanto nas situações em que lhe é permitido gesticular. Duncan (1972), também ressalta que o falante tende a gesticular mais durante o processo de recuperação lexical, com o intuito de sinalizar que ainda não está pronto para passar a conversa para o interlocutor, e, assim, cria uma estratégia para que o ouvinte não o interrompa durante sua busca pela palavra certa.

Até o momento, a literatura sobre o comportamento gestual durante o momento da disfluência é divergente, com resultados apontando para direções opostas, devido a dados muito diferentes entre si. Por um lado, ao considerar a sincronia do gesto coocorrente à fala, há estudos que apontam que a gesticulação é propensa a começar durante uma pausa silenciosa (BUTTERWORTH, BEATTIE, 1978); do outro, há pesquisas que indicam que a fala e a gesticulação param ao mesmo tempo (MAYBERRY et al., 1998); outras mostram que a gesticulação é interrompida antes da interrupção da fala (SEYFEDDINIPUR, KITA, 2001); e até mesmo que a gesticulação está ausente durante a disfluência (CHRISTENFELD et al., 1991).

A ausência de evidência definida sobre a relação entre gesto e disfluência ocasiona estudos sobre o assunto até os dias atuais. Avci et al. (2022) realizaram um estudo comparativo em condições em que o gesto era espontâneo, restringido ou encorajado, que indagava se a produção gestual estava associada com a frequência das disfluências, e os resultados apontaram que não houve diferenças significativas entre as três condições. Graziano e Gullberg (2018) examinaram o papel gestual em disfluências em falantes de primeira e segunda língua, sendo os aprendizes de segunda língua tanto crianças quanto adultos. Os resultados, em síntese, indicaram que quando a fala para, o gesto também para, independente de língua, idade ou condição de fluidez do falante, de forma que a disfluência da fala é espelhada pela disfluência do gesto. Igualmente, Kosmala, Candea e Morgenstern (2019), em um estudo controlado de falantes de primeira e segunda língua, registraram que a

²¹ *Tip of the tongue state (TOT)*. Para uma revisão da literatura, ver: SCHWARTZ, METCALFE, 2011.

disfluência e o gesto podem ser sincronizados, uma vez que havia evidência de ambos serem suspensos simultaneamente, mas que os gestos não eram frequentes junto à fala disfluente. Tal discrepância de resultados sobre a manifestação gestual concomitante à disfluência atesta que ainda são necessários mais estudos na área.

Em seguida, o próximo capítulo trará exposto a Teoria da Língua em Ato, descrevendo brevemente, também, as unidades informacionais fundamentadas por este referencial teórico.

4 TEORIA DA LÍNGUA EM ATO

A Teoria da Língua em Ato — *Language Into Act Theory* (L-AcT) (CRESTI, 2000) tem como principal objetivo descrever a fala a partir de uma perspectiva pragmático-prosódica, sendo, acima de tudo, uma teoria *corpus-driven*, isto é, baseada em análises de corpora, o que lhe confere uma alta capacidade de verificação empírica. A L-AcT surgiu a partir da análise da fala espontânea, tendo a prosódia como elemento linguístico fundamental para a organização informacional da fala.

Assim, busca-se entender como o enunciado transmite uma ação a partir de uma perspectiva linguística, o que provém tanto do perfil prosódico correlacionado a cada ilocução, juntamente ao contexto em que o enunciado está inserido. Originalmente postulada a partir do *Corpus del parlato spontaneo adulto LABLITA*, o projeto de compilação de corpora já se expandiu para o francês, o espanhol, o português europeu (CRESTI, MONEGLIA, 2005), o português brasileiro (RASO, MELLO, 2012), o português angolano (ROCHA, MELLO, RASO, 2018), o japonês (GARROTE et al., 2013), o chinês (CRESTI, LUO, MONEGLIA, PANUNZI, 2022) e o inglês (CAVALCANTE, RAMOS, 2016).

A teoria é uma extensão da Teoria dos Atos de Fala, (AUSTIN, 1962), para a qual o enunciado é a contraparte do ato de fala e apresenta a unidade de referência primária para a análise da fala. Dentro desse arcabouço teórico, a unidade de referência da fala é o enunciado, definido como o menor trecho da fala com autonomia pragmática (QUIRK et al., 1985). Para tanto, a L-AcT entende que o enunciado é estabelecido pela pragmática e mediado pela prosódia.

Assim como proposto por Austin (1962), a L-AcT considera que um ato de fala corresponde à realização concomitante de três ações: ato locutivo, ato ilocutivo e ato perlocutivo. Em primeira instância, o ato locucionário se refere à produção de uma sequência linguística, abrangendo a fonologia, a semântica e a sintaxe. Em segundo lugar, o ato ilocucionário alude-se ao tipo de ação que o falante realiza sobre o interlocutor (ordem, pergunta, pedido etc.) por meio do ato de fala durante a produção do enunciado. Por fim, o ato perlocutório se refere ao efeito que o ato de fala tem sobre o ouvinte — ressalva-se, entretanto, que, para a L-AcT, o ato perlocucionário condiz com a base afetiva, isto é, o *libido asset* que leva ao ato de fala (CRESTI, 2000;

MONEGLIA, RASO, 2014). Diante desse cenário, destaca-se que uma das principais diferenças da teoria de Austin para a L-AcT é que, para ele, a prosódia tem um papel muito marginal para a realização do ato ilocucionário, enquanto, para a L-AcT, a prosódia é identificada como a principal marcação do enunciado.

Para o estudo da correlação entre prosódia e enunciado, faz-se necessária a identificação do último dentro do fluxo da fala. Para tanto, sua demarcação é realizada a partir de quebras prosódicas (CRYSTAL, 1975), referidas por quebras prosódicas terminais dentro do referencial teórico da L-AcT, que realizam acusticamente as unidades tonais (T HART, COLLIER, COHEN, 1990; RASO et al., 2015). Um enunciado pode conter mais de uma unidade tonal, estas delimitadas por quebras prosódicas não terminais. Dentro da metodologia da L-AcT, uma barra simples (“/”) sinaliza uma quebra não terminal, e uma barra dupla (“//”) sinaliza uma quebra terminal. A segmentação é realizada pelo conjunto de diferentes sinais acústicos, como pausas, redefinição de f_0 , e mudança de intensidade. As quebras terminais são mais proeminentes e indicam o final de declarações, perguntas ou outros atos ilocutórios, enquanto as quebras não-terminais ocorrem dentro das unidades entoacionais e separam os constituintes menores dessas unidades, não necessariamente sendo acompanhadas por pausas ou mudanças de tom e/ou intensidade (MELLO, RASO, 2012), e seu reconhecimento deve ser empiricamente consistente entre os anotadores (MELLO et al., 2012; MONEGLIA, 2011; MONEGLIA, RASO, 2014).

Em suma, para a L-AcT, a força ilocucionária é expressa por meio da prosódia da unidade tonal, que assim constitui o enunciado, e carregada pela unidade informacional, sendo que o enunciado pode ter uma ou mais unidades informacionais. Quando o enunciado é simples, ele é formado por apenas um envelope prosódico (MONEGLIA, 2011); quando um enunciado é formado por mais de um envelope prosódico, apenas um deles carregará a força ilocucionária — esta unidade sendo denominada Comentário. O Comentário carrega a unidade de informação central do enunciado, e, sem ela, o enunciado não pode ser interpretado.

Ainda, tem-se as Stanzas, em que ocorre a quebra do isomorfismo de forma que elas são compostas por ao menos duas unidades ilocucionárias, estas interligadas por uma continuidade prosódica. Stanzas são comumente encontradas em monólogos, uma vez que o falante tem mais controle dos turnos e, por

consequência, mais tempo disponível para o planejamento de enunciados (CAVALCANTE, 2020).

A partir disso, cunhou-se a *Informational Patterning Hypothesis* (CRESTI, MONEGLIA, 2010), para a qual existe uma correspondência sistemática entre as unidades tonais e as unidades informacionais do enunciado, sendo que uma unidade prosódica corresponde a apenas uma unidade informacional.

Cada unidade prosódica possui características prosódicas específicas, que variam em f_0 , intensidade, duração, e movimentos de pitch, além de uma distribuição padronizada de raiz, prefixo e sufixo. O padrão raiz, único de caráter obrigatório dentro da sentença, sinalizado pelo Comentário, carrega a força ilocutória do enunciado; a raiz, também, pode ser acompanhada pelos padrões prefixo e sufixo, estes compostos por unidades informacionais opcionais, e suas distribuições determinadas por moldes melódicos. Para representação da organização das unidades informacionais e prosódicas, segue o quadro 4.1.

QUADRO 4.1 — *Relação entre Padrões Prosódicos e Informacionais*

Padrão Prosódico			Padrão Informacional	
Raiz		→	Comentário COM	
(prefixo)	(sufixo)	→	(Tópico) TOP	(Apêndice) APC
(introdutor)		→	(Introdutor Locutivo)	
(parentético)		→	(Parentético)	
(incipitário)	(fático)	→	(Incipitário) INC	(Fático) PHA

Fonte: adaptado de MONEGLIA, RASO, 2014.

As unidades informacionais podem ser divididas entre unidades textuais e unidades dialógicas. As unidades textuais podem carregar ilocuções — unicamente no caso do comentário — ou não, mas, neste caso, ainda fornecem informações textualmente relevantes ao enunciado — como no caso do tópico (TOP), do apêndice de tópico (APT), do apêndice de comentário (APC), do parentético (PAR) e do introdutor locutivo (INT). Já as unidades dialógicas regulam a interação, sendo, em maior parte, direcionadas ao interlocutor e não compõem o texto do enunciado. Elas

são: o incipitário (INP), o conativo (CNT), o alocutivo (ALL), o expressivo (EXP), o fático (PHA) e o conector discursivo (DCT). Todas essas unidades são identificadas a partir de sua função dentro do enunciado, de suas características prosódicas (f_0 , duração e intensidade) e de sua posição em relação ao comentário.

4. 1. UNIDADES TEXTUAIS

As unidades textuais são responsáveis pelo texto do enunciado, produzindo seu conteúdo semântico (MONEGLIA, RASO, 2014). Elas estão conectadas entre si de acordo com suas relações informacionais.

4. 1. 1. UNIDADE DE COMENTÁRIO

Assim como previamente mencionado, a unidade de Comentário carrega a força ilocucionária do enunciado, sendo, portanto, a única unidade essencial e suficiente para a realização do enunciado. Ele é formado a partir de um padrão raiz, que, por consequência, detém um núcleo, isto é, uma proeminência prosódica funcional. Ainda, sua forma prosódica varia de acordo com a ilocução e a atitude que é transmitida (MELLO, RASO, 2011).

4. 1. 2. UNIDADE DE TÓPICO

A unidade informacional de Tópico tem a função de oferecer uma representação semântica do domínio pragmático do qual o ato ilocucionário refere-se (“pragmatic aboutness”). Por permitir um distanciamento do contexto imediato situacional, o Tópico tem a função de oferecer um domínio de identificação, seja ela espacial, temporal, individual etc., para possibilitar a interpretação da força ilocucionária carregada pelo Comentário (CAVALCANTE, 2020).

O Tópico é realizado por uma unidade de prefixo, essa, por vez, conectada ao núcleo — ou seja, ao Comentário. Por tais motivos, o Tópico sempre estará localizado à esquerda²² do Comentário, sendo possível a presença de mais de um Tópico dentro de um enunciado. A relação TOP-COM possui uma natureza funcional, de forma que

²² Sua disposição pode variar de língua para língua, a depender da ordem dos constituintes.

é desnecessária qualquer composicionalidade sintática entre eles (RASO, 2012), o que permite que o Tópico seja semântica e sintaticamente independente de outras unidades informacionais.

EXEMPLO 4.1 — sequência de Tópico-Comentário: bgest_002 [6] 🗣️

*GUI: **diferente do que a gente pensa !=TOP=** cê não
 tinha documento igual cê tem agora **//=COM=**

Acima, o exemplo 4.1 representa uma sequência de Tópico-Comentário, em que “diferente do que a gente pensa” é um Tópico, seguido pelo Comentário “cê não tinha documento igual cê tem agora”, de forma que a unidade de Tópico oferece um domínio informacional para a interpretação da força ilocucionária do Comentário.

4. 1. 3. APÊNDICE DE TÓPICO E COMENTÁRIO

Os apêndices, sejam eles de Tópico ou de Comentário, têm a função de integrar um conteúdo textual à unidade da qual é apêndice. Estão sempre em função de sufixo, sem um núcleo funcional, e seus perfis prosódicos podem ser nivelados ou descendentes.

EXEMPLO 4.2 — Apêndice de Comentário: bgest_008 [4] 🗣️

*ALI: e às vezes a gente pega mesmo se perguntando **!=COB= No'**
 que que eu vou fazer **!=COM_r depois de formar !=APC_r**

No exemplo 4.2, tem-se um Comentário “no’ que que eu vou fazer” seguido por um Apêndice de Comentário, “depois de formar”.

4. 1. 4. UNIDADE DE INTRODUTOR LOCUTIVO

O introdutor locutivo introduz meta-ilocuições, como, por exemplo, discursos reportados, instruções e exemplos, indicando que as unidades seguintes pertencem a um nível hierárquico diferente daquele da enunciação. Seu perfil prosódico é descendente, finalizando com uma f_0 mais baixa do que a da unidade seguinte.

EXEMPLO 4.3 — Introdutor Locutivo: bgest_009 [15] 🗣️

*FAB: chegou a quarentena /=TOP= **ela falou** /=INT= ótimo //COM

No exemplo 4.3, “ela falou” representa a meta-ilocução, tendo um claro reset da f_0 na unidade informacional do Comentário, indicando nitidamente um contraste entre ambas as unidades.

4. 1. 5. UNIDADE DE PARENTÉTICO

O parentético tem como principal objetivo fornecer trechos metalinguísticos para que o interlocutor consiga melhor interpretar o enunciado (RASO, 2012), permitindo que o falante coloque tal conteúdo fora do ato de fala em andamento, criando uma ruptura do texto com o intuito de adicionar informações em posições relevantes para o ouvinte (SANTOS, 2020). O parentético detém uma certa liberdade de distribuição dentro do enunciado, podendo estar em qualquer posição, até mesmo dentro de uma outra unidade textual. Sua única posição irrealizável é o começo absoluto do enunciado²³.

EXEMPLO 4.4 — Parentético: bgest_006 [24] 🗣️

*ELI: então /=DCT= eu pedia pro meu aluno falar do trabalho dele
 /=COB= **em inglês obviamente** /=PAR a gente tinha livro e tudo
 /=PAR mas eu sempre levava /=SCA= pro trabalho /=SCA= do aluno
 //COM=

No exemplo 4.4, os parentéticos “em inglês obviamente” e “a gente tinha livro e tudo” representam trechos metalinguísticos, cujas informações o falante considera cruciais para o entendimento por parte do ouvinte. Nota-se, em 4.5 no caso dos parentéticos, que, devido ao seu perfil prosódico, caso eles sejam eliminados do enunciado, não gera quaisquer impressões de corte.

²³ Os parentéticos são um fenômeno muito discutido na literatura, sendo atualmente rediscutidos dentro da perspectiva da L-AcT. Isso ocorre pois, muitas vezes, unidades que parecem parentéticas quando analisadas sintática, lexical ou prosodicamente, não apresenta, funções parentéticas. Para aprofundamento do assunto, ver: SANTOS, 2020.

EXEMPLO 4.5 — Parentético editado: *bgest_006* [24] 🗣️

*ELI: então /=DCT= eu pedia pro meu aluno falar do trabalho dele
 /=COB= mas eu sempre levava / =SCA= pro trabalho /=SCA= do
 aluno //COM=

4. 2. UNIDADES DIALÓGICAS

As unidades dialógicas são unidades que organizam a interação, expressando uma força de apoio em relação ao ato ilocutório, mas não exercendo uma função de construção textual (FROSALI, 2008), equivalendo aos *marcadores discursivos* em outros referenciais teóricos (RASO, VIEIRA, 2016, GOBBO, 2019). Por essência, essas unidades são dirigidas ao interlocutor, regulando a interação de forma que o ouvinte consiga conectar enunciados ou até mesmo unidades tonais. Segue uma breve explicação sobre os diferentes tipos de unidades dialógicas (GOBBO, 2019).

O Incipitário (INP) opera para indicar o início de um turno ou de uma Stanza²⁴, podendo também marcar um contraste sinalizando a troca de turnos. Apresenta um perfil prosódico ascendente-descendente, curta duração, alta intensidade e grande variação de f_0 . Sua posição é no início do enunciado.

O Conativo (CNT) exerce o papel de suscitar o interlocutor a realizar alguma ação ou a desistir de uma ação, não possuindo uma distribuição fixa, apesar de tendenciar a operar no início ou fim de enunciados. Sua prosódia é marcada por uma descendência na sílaba tônica, além de ter uma duração curta e uma intensidade alta. Com posição livre no enunciado, essa unidade tende a acontecer junto de atos de falas diretivos.

O Alocutivo (ALL) identifica o interlocutor, além de marcar uma coesão social. Sem restrições de distribuição, podendo ocorrer no início, meio ou final do enunciado, possui um perfil prosódico de descendência, com uma curta duração e baixa intensidade.

O Expressivo (EXP) pode funcionar tanto como mecanismo de troca de turno, ou fornecer um suporte emocional para a ilocução. Não tendo quaisquer restrições de

²⁴ Retomando a sua definição, Stanzas são unidades terminadas formadas por duas ou mais unidades ilocucionárias, denominadas de Comentários Ligados (COB) e Comentários Múltiplos (CMM)

distribuição, tem uma prevalência em posição inicial. Seu perfil prosódico, também, é variável, com duração e intensidade média.

O Conector Discursivo (DCT) confere uma conexão entre enunciados, assegurando que a sequência anterior está relacionada com a sequência seguinte. Sendo sempre encontrado no início de enunciados ou de Stanzas, possui um perfil prosódico nivelado ou descendente, além de uma duração longa e uma intensidade alta.

4. 3. LIMITES DO ISOMORFISMO

Dentro do quadro teórico da L-Act, em casos específicos é possível a quebra do isomorfismo entre unidades prosódicas e unidades informacionais (RASO, 2012; MONEGLIA, RASO, 2014). Os três cenários em que essa correspondência entre enunciado e ilocução se desfaz serão discutidos a seguir.

Dessa forma, tem-se as escansões (SCA). Nestes casos, as unidades informacionais textuais — especialmente os comentários, os tópicos e os parentéticos — são realizadas em mais de uma unidade tonal. Algumas razões para esse fenômeno são: dimensão silábica muito grande, o que não permite sua realização em uma única unidade tonal; performance falha por parte do falante; razões enfáticas; ou formas de hesitação.

Nota-se, no caso das escansões, que as unidades informacionais sempre serão realizadas na última unidade tonal, enquanto as unidades escandidas vêm antes, sempre com um perfil prosódico neutro e sem valor funcional. Elas formam um padrão composicional sintático-semântico, e são plausíveis de acontecer mais de uma vez em um mesmo enunciado, em sequência.

EXEMPLO 4.6 — Escansão: bgest_004 [17] 🗣️

*PEU: **e aí eu fui em vários médicos pra** /=SCA= ter múltiplas
/=SCA= opiniões né //COM=

EXEMPLO 4.7 — Escansão: bgest_001 [1] 🗣️

*JUL: **como se fosse a &pr [1/2]=SCA=** a continuação da Selênio
/=TOP= é a rua Japão /=COM= eu acho //PAR=

No exemplo 4.6, o falante escande a unidade de Comentário em três unidades tonais, com a forma prosódica do Comentário ocorrendo apenas na última unidade. Igualmente, no exemplo 4.7, a unidade de Tópico é escansionada, e sua realização prosódica acontece apenas na segunda unidade tonal.

Uma outra ocorrência de limite de isomorfismo são os Comentários Múltiplos (CMM). Eles acontecem quando dois — ou, raramente, mais de dois — comentários estão interligados em um padrão prosódico mas separados por uma quebra não-terminal. Destaca-se, nesses casos, que a relação entre comentários é responsável por apenas um padrão ilocucionário, que deve ser entendido como um todo. Apesar dos Comentários Múltiplos poderem ser interpretados isoladamente como atos independentes, eles perdem o seu significado combinado, que é transmitido de forma holística (RASO, 2012; MONEGLIA, RASO, 2014). Nota-se, no exemplo 4.8, a presença de dois atos ilocucionários.

EXEMPLO 4.8 — Comentários múltiplos: bgest_002 [14] 🗣️

*GUI: porque tipo <ela com certeza é ruim> /=CMM= <porque o pai é ruim> //CMM=

A última possibilidade não-isomórfica são as estrofes (stanzas), realizadas por Comentários Ligados (COB). As estrofes são compostas por mais Comentários interligados por sinais prosódicos de continuidade (RASO, 2012). Os Comentários, apesar de individualmente carregarem ilocuições, não devem ser entendidas como finalizadas, e a prosódia dos Comentários Ligados sinaliza que essa sequência não deve ser interpretada como finalizada. Ocorrendo principalmente em monólogos (PANUNZI, MITTMAN, 2014), os Comentários Ligados também são caracterizados por uma força assertiva fraca, o que acarreta uma sequência elaborada progressivamente, ao invés de serem formadas holisticamente como os Comentários Múltiplos. Consequência desse fenômeno são os Comentários Ligados não serem considerados enunciados, mas sim, estrofes, uma vez que buscam construir um texto, ao invés seguirem princípios internos de coerência pragmática (PANUNZI, SCARANO, 2009; MONEGLIA, RASO, 2014).

EXEMPLO 4.9 — Comentários ligados: bgest_003 [10] 🗣️

*GUS: e aí /=DCT= &q [/1]=EMP= qual tipos de línguas /=COB= vamos ler aqui o' /=COB= vamos ver essas frases /=COB= que que cês acharam dessas frases /=COB= vamo tentar /=SCA= discutir elas /=COB= como são as construções /=COB= tentar ver se eles tão conseguindo pegar o sentido /=COB= e tal /=APC= <então> /=DCT= é um passo a passo //COM=

No exemplo 4.9, o falante utiliza vários comentários ligados para elaborar o conteúdo textual.

4. 4. DISFLUÊNCIAS DENTRO DO PARADIGMA DA L-ACT

Assim como explicado na seção 3, as disfluências são falhas na produção verbal, ocorrendo em altas frequências no curso da fala espontânea, uma vez que o falante está pensando enquanto fala. A metodologia da L-AcT conta com a anotação de disfluências, em especial: os enunciados interrompidos, as pausas preenchidas e as retrações.

O enunciado interrompido acontece quando o interlocutor interrompe o fluxo do enunciado (nas transcrições, são anotados pelo sinal "+"). Nesses casos, o falante abandona o enunciado, podendo, até mesmo, abandonar o turno conversacional por completo. É possível, apesar de sua interrupção, que o falante complete a unidade informacional antes da sua cessão, permitindo a identificação da mesma; mas, também, o enunciado pode ser abandonado antes da realização da unidade informacional, e, nesses cenários, a unidade é etiquetada como Empty (EMP). Destacam-se, ainda, as ocorrências em que a unidade informacional é realizada integralmente, mas sua função informacional não é identificada, e, portanto, são etiquetadas como Unclear (UNC).

EXEMPLO 4.10 — Enunciado interrompido: bgest_006 [25-26] 🗣️

*ELI: que isso ia ajudá-lo +=EMP= olha quem chegou //COM=

EXEMPLO 4.11 — Unidade não identificada: bgest_001 [18] 🗣️

*JUL: [18] mas /=DCT= aí eles foram /=COB= então assim /=CNT=
a =EMP= a relação /=SCA= &d [1]=EMP= do casamento do meu pai
com a [2]=i-TOP= do anterior /=PAR-COB= com a minha mãe
/=TOP= nũ teve [2]=EMP= nũ foi direta /=COB= **assim /=UNC=** nũ
foi que ele /=SCA= conheceu minha mãe /=CMM= e quis separar
/=CMM= nem nada disso /=CMM= tipo eles &d [1]=SCA= ele
separou /=COB= e aí veio pra cá /=COB= e reencontrou minha mãe
//=COM=

No exemplo 4.10, tem-se a interrupção do enunciado pelo falante, em que não ocorre a realização da unidade informacional. O exemplo 4.11, por vez, mostra uma unidade informacional não identificada.

Ainda, ao considerar enunciados interrompidos, é comum, em conversas, que um enunciado seja interrompido por outro falante; nesses casos, pode não haver um replanejamento do enunciado por parte do interlocutor e ele é abandonado por completo. Devido à natureza monológica do corpus BGEST, tem-se uma chance diminuída de interrupções desse tipo, apesar de ser plausível que o entrevistado ou o entrevistador interrompesse um ao outro, mas a transcrição dos dados do corpus conta apenas com a fala do entrevistado. Por tanto, o exemplo 4.12 a seguir foi retirado do C-ORAL-BRASIL para exemplificação dessa anotação.

EXEMPLO 4.12 — Enunciado interrompido e não replanejado: bfamcv30

*CLA: hhh é muita [1] <muita coisa pa guardar / né / Raquel> //
*RAQ: <é / **porque eu não hhh**> +
*TUT: <não / tá igual> / à &An [2] à Angélica ontem no táxi do [1]
do <Huck> //
*RAQ: <quem é> Angélica //

Em sequência, tem-se as pausas preenchidas. Compostas pelo sustentamento de um som vocálico²⁵ por um período de tempo, são unidades tonais utilizadas para

²⁵ A qualidade sonora dessas vogais muda de acordo com a língua e a cultura do falante. Apesar disso, qualifica-se como um fenômeno presente em todas as línguas (CAVALCANTE, 2020).

tomada de tempo, não detendo quaisquer funções informacionais. Por tais motivos, elas são etiquetadas como Time-Taking (TMT), e são anotadas pelo símbolo “&he”. O exemplo 4.13 ilustra esse cenário, com a presença de duas tomadas de tempo dentro do enunciado.

EXEMPLO 4.13 — Pausa preenchida: bgest_004 [16] 🗣️

*PEU: <mas olha> /=CNT= **&he** /=TMT= apesar disso /=TOP= foi muito bom tipo /=COB= porque /=DCT= &he /=TMT= aí eu voltei lá pra [/1]=SCA= pra minha cidade /=COB= e aí eu comecei a passar nos médicos do SUS //COM=

Finalmente, tem-se as retrações. As retrações são responsáveis por pequenas alterações no enunciado, sem que estes sejam abandonados e necessite-se começar um novo. Devido a esse comportamento Cavalcante (2020, p. 59) refere-se às retrações como uma forma de “borracha prosódica”²⁶. Podem se manifestar a partir de repetições ou reparos no enunciado, de forma que o falante sempre procure a melhor forma de se expressar (SANDOVAL et al., 2012).

A anotação das retrações ocorre a partir de uma barra simples (“/”), simbolizando a quebra prosódica, seguida pelo número de palavras que foram reparadas, numa configuração “[/n]”, em que n equivale ao número de palavras canceladas pelo falante. No referencial teórico de Levelt (1983), exposto na seção 3, essas palavras compõem o *reparandum*.

EXEMPLO 4.14 — Retração: bgest_006 [13] 🗣️

*ELI: cê [/1]=EMP= cê pode me dar aula na Status //COM

EXEMPLO 4.15 — Retração: bgest_008 [16] 🗣️

*ALI: tinha [/1]=EMP= tinha criança que cê via nitidamente que não queria tá lá //COM=

²⁶ *Prosodic eraser*, t. a.

Nos exemplos 4.14 e 4.15 acima, há uma retração de uma palavra. Em ambos os casos, ocorrem repetições de palavras. Apesar de repetições significativas acontecerem na fala (CAVALCANTE, 2020), não é o caso aqui, uma vez que as unidades prosódicas não possuem quaisquer funções, sendo qualificada como unidades vazias (EMP).

EXEMPLO 4.16 — Retração: bgest_005 [14] 🗣️

*ZUC: hhh eu já calculei essa droga [1]=SCA= desgraça entendeu
/=COB= eu nã vou fazer isso de novo //=COM=

EXEMPLO 4.17 — Retração: bgest_007 [22] 🗣️

*CAR: aí /=DCT= eu [1]=EMP= ele respondeu que e' tava bem
/=COB= aí ele [2]=EMP= aí eu /=INT= cê sumiu né //=COM

Os exemplos 4.16 e 4.17 contêm reformulações do enunciado. Em 4.16, o falante muda de ideia em relação ao item lexical escolhido, e, portanto, cancela somente uma palavra da unidade tonal, de forma que a sequência linguística é mantida. Já em 4.17, nas duas retrações, ao falante perceber que as palavras enunciadas estavam erradas, ocorrem seus reparos após a quebra prosódica, de forma que as unidades tonais são etiquetadas como vazias, sem que nenhum elemento das mesmas componha o texto do enunciado.

EXEMPLO 4.18 — Retração: bgest_004 [17] 🗣️

PEU: e cara /=CNT= eu fui /=SCA= depois /=SCA= quando
[1]=EMP= que eu fiz [3]=EMP= que eu fiz a [1]=SCA= os exames
médicos /=COB= fiz o acompanhamento /=COB= e aí eu fui em
vários médicos pra /=SCA= ter múltiplas /=SCA= opiniões né
//=COM=

No exemplo 4.18, por vez, o falante emite uma série de segmentos até alcançar a estrutura necessária para realizar a locução. Percebe-se, pois, que a primeira e a segunda retração têm sua unidade tonal cancelada, mas na terceira retração ocorre

uma escansão (SCA), de forma que parte do texto do enunciado original é mantido para formar a unidade informacional.

EXEMPLO 4.19 — Retração: bgest_003 [5] 🗣️

*GUS: é cara /=AUX= é tipo é uma coisa muito [/6]=EMP= eu nũ sei qual que foi exatamente a aula que cê pegou /=COB= dela /=APC= mas é uma coisa assim /=INT= cê vai tentando construir coisas //COM=

Por fim, o exemplo 4.19 confere o cancelamento das seis palavras na unidade. Apesar de exequíveis, retrações de longo alcance, como a exemplificada, parecem ser raras na fala espontânea.

4. 5. A L-ACT E O GESTO

Ao relacionar a gesticulação à entonação, destaca-se o trabalho de Loehr (2004), pioneiro em tal proposta, quem utilizou o conjunto de convenções para transcrição e anotação da prosódia da fala o ToBI (*Tones and Breaks Indices*; BECKMAN, ELAM, 1997) em sua análise. Em uma análise quantitativa, Loehr (2004) encontrou uma correspondência entre os picos do ataque gestual e os picos tonais da fala, havendo um alinhamento entre os limites gestuais e os limites prosódicos. Entretanto, a correspondência entre as G-Units e as locuções não são tão significativas, sendo que as G-Units, em suma, abrangiam vários sintagmas sintáticos.

Já Cantalini (2018) foi pioneira em relacionar o referencial teórico da L-Act com a gestualidade. Especificamente, seu trabalho analisou, a partir de uma perspectiva acional fundamentada em Kendon (2004) e o movimento corporal como enunciados visuais (*visible action as utterance*)²⁷, se as G-Units e as G-Phrases estavam alinhadas às unidades prosódicas da fala ou se tinham a tendência de ultrapassar os limites das mesmas. Os resultados apontaram a existência de um sincronismo entre as quebras prosódicas e as fronteiras do gesto, com uma correspondência de 78,33% entre as unidades gestuais e as quebras prosódicas terminais baseadas na

²⁷ Assim como proposto na seção 2.1, Kendon (2004) defende que a enunciação ocorre por meio da fala e pelo meio cinestésico, consequentemente dando origem à noção de *visible action as utterances*.

metodologia da L-AcT (CANTALINI, 2018, p. 144). De modo geral, o começo e o final das unidades gestuais são síncronos com o começo e o final das quebras prosódicas; as frases gestuais quase nunca ultrapassam os limites das quebras terminais (CANTALINI, MONEGLIA, 2020).

Não somente, Cantalini (2018) notou que a grande maioria de unidades textuais era acompanhada pelo ataque do gesto — em contrapartida, uma minoria acompanhava as unidades dialógicas²⁸. Com 22,80% de ataques coocorrendo com Comentários (COM), 15,59% com Comentários Ligados (COB), 17,02% com Tópicos (TOP), 11% com Parentéticos (PAR) e 12,65% com escansões (SCA), os resultados podem ser atribuídos a uma “tendência de o gesto sinalizar tanto informações de destaque quanto aquelas que exigem uma atenção particular do ouvinte”²⁹ (CANTALINI, 2018, p. 160, t.a.).

Ainda ao relacionar a L-AcT à gesticulação, tem-se o trabalho de Barros (2021), trazendo o estudo desse referencial para o português-brasileiro, cuja pesquisa focou na relação gestual com Parentéticos. Os resultados apontaram uma mudança do padrão gestual durante os Parentéticos em relação ao restante do enunciado, de forma que uma alteração dos parâmetros gestuais era propensa. Tal análise indica que os gestos tendem a se sincronizar com as proeminências prosódicas veiculadas à fala (BARROS, 2021, p. 93).

A seguir, os próximos capítulos discutirão a metodologia adotada pelo corpus BGEST, assim como a metodologia utilizada nesta dissertação.

²⁸ Ressalva-se que o corpus utilizado por Cantalini (2018) era composto por textos de caráter monológico, que, por consequência, detêm um número menor de unidades dialógicas.

²⁹ “Tutto ciò potrebbe essere ricondotto ad una tendenza del gesto a segnalare sia le informazioni salienti che quelle che necessitano di una speciale attenzione da parte dell’ascoltatore” (CANTALINI, 2018, p. 160).

5 CORPUS BGEST

O Brazilian Gesture Corpus³⁰, acrônimo BGEST³¹, é um corpus multimodal cuja compilação foi iniciada por Barros (2021). Sua compilação foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais (CEP/UFMG, CAAE 34355920.2.0000.5149), sendo a primeira iniciativa do grupo C-ORAL-BRASIL em compilar e analisar dados multimodais. Nesta seção, será brevemente apresentada a metodologia por trás da compilação do corpus; para melhor detalhamento, ver Barros (2021).

Define-se um corpus multimodal como o conjunto de materiais relacionados a mais de uma modalidade sensorial e/ou a mais de uma modalidade de produção (ALLWOOD, 2008). Igualmente, um corpus linguístico é definido por um conjunto de textos organizados eletronicamente que contêm autenticidade, grandeza, representatividade e anotação (STEFANOWITSCH, 2020) Ao considerar as modalidades de produção, abrange-se a própria fala, além do uso de sinais, expressões faciais, postura corporal e gestos — para os quais esta pesquisa está voltada. Para a construção de um corpus linguístico multimodal, faz-se necessário que o material audiovisual seja selecionado a partir de um olhar voltado para seus objetivos, para que possa ser transcrito e anotado de acordo com o formato previamente estabelecido (BJÖRKENSTAM, 2013).

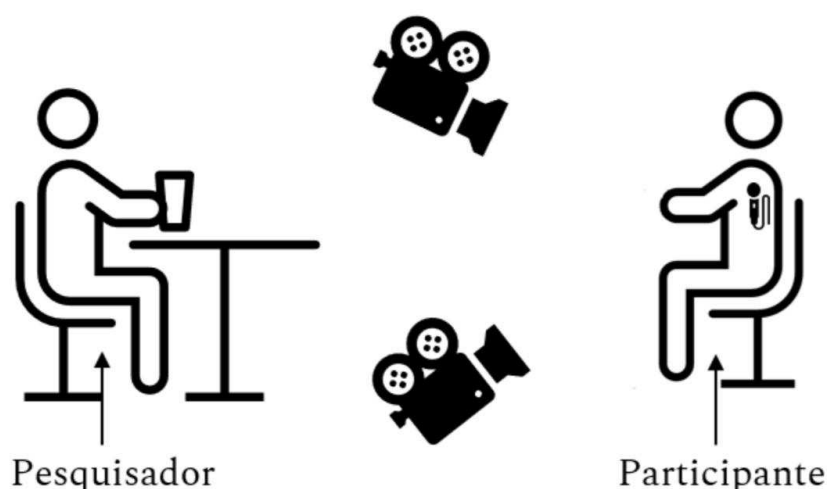
O corpus BGEST é composto apenas por falantes nativos do português-brasileiro, todos residentes da cidade de Belo Horizonte/MG há no mínimo dois anos, entre 20 e 40 anos de idade, com um alto grau de escolaridade e com pouco ou nenhum conhecimento de Libras, uma vez que tal noção torna plausível a influência da linguagem de sinais na gesticulação. Os participantes, tendo assinado o termo livre e esclarecido que permite a utilização das gravações para pesquisa, não estavam cientes do âmbito do estudo, e foram instruídos a se manifestarem o mais espontaneamente possível, podendo ser orientados a narrar experiências pessoais e/ou profissionais.

³⁰ O corpus está armazenado e disponível em: <https://osf.io/3k9gu/>

³¹ O acrônimo BGEST será utilizado a partir dessa seção para se referir à parte do corpus já compilada por Barros.

As gravações do corpus ocorreram tanto em locais públicos quanto privados, a partir de uma ou duas câmeras direcionadas ao torso do participante, preferencialmente fora do campo de visão do mesmo. O emprego de duas câmeras, assim como representado na figura 5.1, era preferido, visto que favoreciam uma captura tanto da profundidade quanto de ângulos diferentes, algo que não era possível operar apenas com um aparelho, uma vez que, nestes casos, era necessário posicionar a câmera diretamente em frente ao participante. Além disso, o entrevistado possuía um microfone de lapela para captura da fala. Os dispositivos utilizados durante as gravações, todos de tamanho reduzido e discretos, contribuíram para que o participante não tivesse o foco na aparelhagem em si.

FIGURA 5.1 — Representação do posicionamento



Fonte: Barros (2021)

Foram realizadas 14 gravações com 18 participantes, totalizando aproximadamente 14 horas de dados, das quais 10 gravações foram utilizadas. Posteriormente, recortou-se os vídeos em trechos de 3 minutos, com o pré-requisito de que houvesse no mínimo 30 segundos ininterruptos de um turno monológico por parte do participante. Finalmente, tais fragmentos foram transcritos e anotados, e correspondem temporalmente a 24 minutos e 28 segundos, com 3984 palavras baseados em dez textos de dez participantes diferentes. A descrição dos trechos do corpus está detalhada no quadro 5.1.

QUADRO 5.1 — Descrição dos trechos do corpus

Arquivo	Duração (mm:ss)	Palavras	Enunciados	Número de gestos
bgest_001	02:24	330	18	44
bgest_002	02:24	386	33	35
bgest_003	02:40	417	22	57
bgest_004	02:11	382	19	41
bgest_005	02:04	341	19	42
bgest_006	02:40	375	36	41
bgest_007	02:39	514	39	58
bgest_008	02:04	276	18	28
bgest_009	02:39	545	35	74
bgest_010	02:43	418	36	32
Total	24:28	3984	275	452

Fonte: Barros (2021)

5. 1. TRANSCRIÇÃO, ALINHAMENTO E ANOTAÇÃO INFORMACIONAL

A transcrição do BGEST foi realizada seguindo os mesmos parâmetros do corpus C-ORAL-BRASIL (RASO, MELLO, 2012), sendo suas diretrizes descritas minuciosamente em Mello et al. (2012).

Conforme os princípios da L-Act, os enunciados são segmentados prosodicamente através de quebras terminais (“/”) e não-terminais (“/”). Além das convenções sinalizadas nas seções anteriores, como as retrações representadas por “[/n]” e os enunciados interrompidos por “+”, seguem outros fenômenos linguísticos reproduzidos nas transcrições:

- *ABC: turno proferido pelo participante;
- &he: hesitação ou tomada de tempo;
- &[fonema]: palavra interrompida;
- hhh: sons paralinguísticos (risadas, tosses etc.)
- < >: sobreposição de falas;
- yyyy: sequência incompreensível;
- xxx: palavra incompreensível.

EXEMPLO 5.1 — *Transcrição: bgest_005* 🗣️

*ZUC: [7]³² tô / &fr &neu [2] <falando isso em &g> [2] em termos de a [1] aviação geral assim / mas / pra [1] pro aerodesign o custo é humano hhh / assim / no final das contas hhh //

*ZUC: [8] é trabalho //

*ZUC: [9] mas +

*ZUC: [10] <é> //

No exemplo 5.1, ZUC começa o enunciado e, após a primeira quebra não-terminal, há a retração de duas palavras, &fr e &neu, que, no caso, não chegaram a ser articuladas inteiramente. O enunciado seguinte, “<falando isso em &g> [2]” é sobreposto à fala da entrevistadora — apesar de ela não ter sido transcrita — e, depois, tem uma retração. Há outras duas retrações em [7], além de risadas representadas por “hhh”. Em [9], ocorre um enunciado interrompido.

Outras características da transcrição que valem ser mencionadas remetem à ortografia. Nos casos de aféreses, com muitas ocorrências no corpus, adotam-se convenções não-ortográficas, transcrevendo-as da forma que foram pronunciadas, como comumente acontece com o verbo *estar*, nas formas *tá*, *tamos* etc.. Já em casos de sândis — modificações fonológicas dadas à justaposição de sons vizinhos —, alongamentos e assimilações, mantêm-se a ortografia padrão. Siglas e abreviações são transcritas como uma única palavra representante da sequência de letras.

EXEMPLO 5.2 — *Transcrição: bgest_002* 🗣️

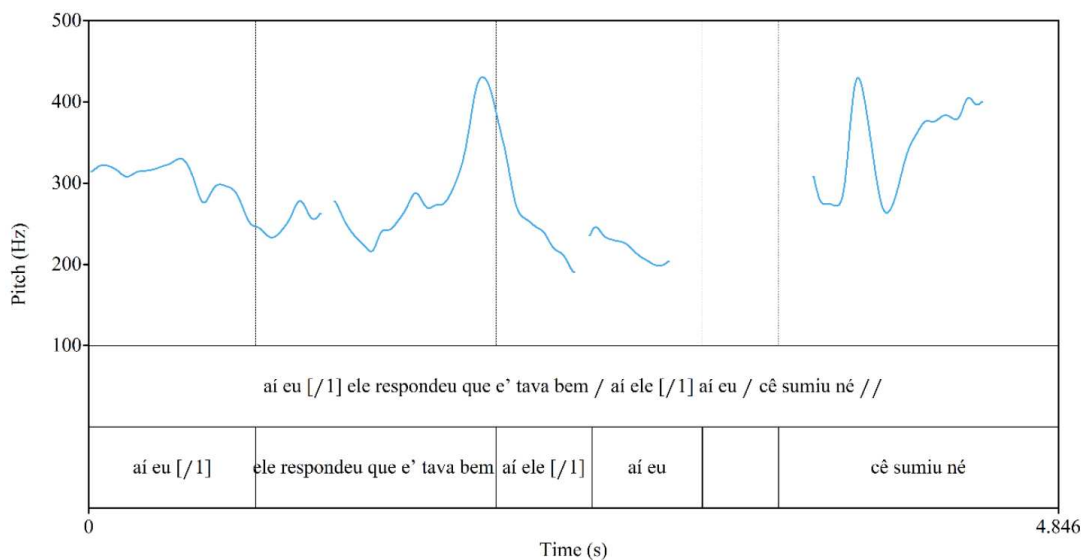
GUI: [7] em que cê tem / a sua família garantida por documento / porque você é filho de nã sei o quê / seu erregê vem / escrito isso / cê tem certidão de nascimento / nã tinha isso //

No exemplo 5.2, percebe-se a aférese da forma *você*, escrita como *cê* em duas ocasiões diferentes, além da realização completa de *você*, sinalizando as diferentes pronúncias durante o enunciado. Também, a sigla RG (registro geral) é transcrita como *erregê*, sinalizando que sua pronúncia se deu a partir de uma sequência de letras.

³² Os números entre colchetes referem-se à numeração dos enunciados em cada transcrição.

Após o processo de transcrição, os textos foram alinhados ao som por meio do software PRAAT³³ (BOERSMA; WEENINK, 2020). Nota-se que a transcrição é baseada no áudio, sendo anotada em enunciados e unidades tonais; tais parâmetros possibilitam a análise das fronteiras prosódicas.

FIGURA 5.2 — Exemplo de transcrição e segmentação no PRAAT



Fonte: Barros (2021)

A figura 5.2 tem, na linha superior, o enunciado, enquanto a linha inferior representa as unidades tonais alinhadas ao som. A partir desse alinhamento, ocorre a etiquetagem informacional das unidades informacionais, assim como postulado por Cresti (2000) e descrito na seção 4.

5. 2. ANOTAÇÃO GESTUAL

Após os processos de transcrição, alinhamento e etiquetagem, os arquivos foram transferidos para o software ELAN (WITTENBURG et al., 2006)³⁴, software em que a anotação gestual foi realizada. O ELAN é uma ferramenta dedicada à anotação e transcrição de vídeos e áudios, tornando-se, pois, benéfico para a anotação das imagens do corpus, especialmente em relação aos gestos, além de tornar possível a importação e exportação de arquivos do e para o PRAAT, o que facilita o processo de

³³ <https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>

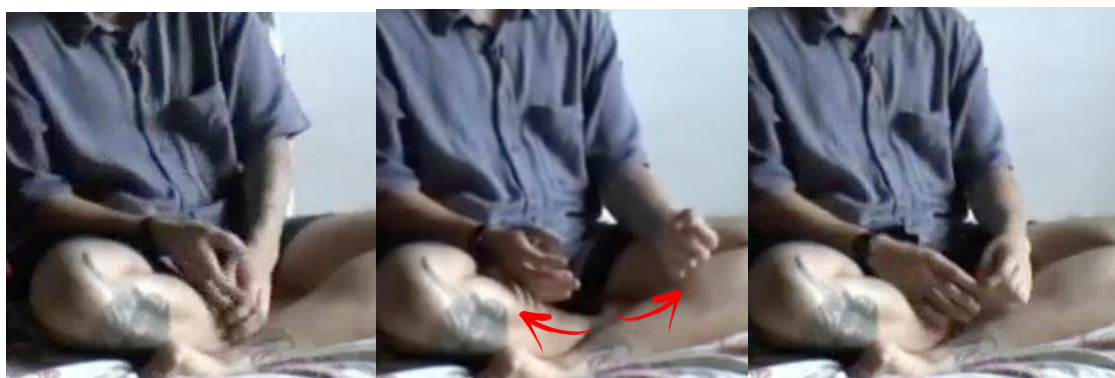
³⁴ <https://archive.mpi.nl/tla/elan>

análise. O motivo de usar o PRAAT para alinhamento texto-som foi de o software permitir uma melhor visualização da onda sonora — quando o corpus foi primeiramente compilado, o ELAN ainda não permitia a visualização da onda sonora.

A anotação gestual do corpus se deu a partir da adaptação das diretrizes de McNeill (1992), Kendon (2004) e Bressemer, Ladewig e Müller (2013b).

Para tanto, devem ser lembrados os conceitos de G-Units e G-Phrases. Kendon (2004) postula que as unidades gestuais (G-Units) se referem à “excursão inteira, do momento que os articuladores começam a deixar a posição de descanso até o momento que eles retornam para a mesma” (KENDON, 2004, p. 111, t.a.)³⁵. As G-Units são formadas por frases gestuais (G-Phrases), isto é, fases de movimento individuais do gesto (BRESSEMER, LADEWIG, 2011; BRESSEMER, LADEWIG, MÜLLER, 2013b). Essas fases são entendidas por (1) posição de descanso; (2) preparação; (3) ataque; (4) sustentação; e (5) recuperação. Os ataques, reconhecidos como picos de esforços, são a parte mais fundamental do percurso de um gesto, sendo, também, a única fase obrigatória para a formação de uma G-Phrase.

FIGURA 5.3 — Excursão do gesto 🗣️



Fonte: bgest_004, unidade 108, frase 234

EXEMPLO 5.3 — Excursão do gesto: bgest_004 [14] 🗣️

*PEU: e aí os meus pais tipo /=INT= caraca ele nũ tem plano
agora hhh //COM_r=

³⁵ “This entire excursion, from the moment the articulators begin to depart from a position of relaxation until the moment they finally return to one, will be referred to as a *gesture unit*” (KENDON, 2004, p. 111)

Na figura 5.3, o participante começa com suas mãos em posição de repouso e, em sequência, abre suas mãos em forma de arco em uma direção para fora. As mãos retornam simultaneamente à posição de descanso, assim completando uma unidade gestual que coincide com o enunciado “caraca ele nũ tem plano agora hhh”. Devido à presença de apenas um ataque do gesto, a unidade conta com apenas uma frase gestual.

FIGURA 5.4 — Unidade Gestual 🗣️



Fonte: bgest_005, unidade 101, frases 201-204

EXEMPLO 5.4 — Unidade gestual: bgest_005 [1-2] 🗣️

*ZUC: e aí tem o projeto detalhado // que é onde você faz os cálculos mais de engenharia / mesmo / &pro [/1] mais profundos né / que tipo / estrutural / cê vê uma coisa aerodinâmica mais / detalhada / e tal //

Já a figura 5.4 ilustra o trecho correspondente ao enunciado acima. Nela, tem-se uma G-Unit composta por quatro G-Phrases diferentes, em que cada frame em (5.4) corresponde a um ataque distinto.

De acordo com Bressemer, Ladewig e Müller (2013b), o Sistema de Anotação Linguística para Gestos³⁶ deve ser composto, obrigatoriamente pelos seguintes níveis de anotação:

³⁶ *Linguistic Annotation System for Gestures* (BRASSEM, LADEWIG, MÜLLER, 2013).

QUADRO 5.2 — Níveis de anotação gestual

ANOTAÇÃO GESTUAL	unidades determinantes	Unidade Gestual Frase Gestual
	anotações da forma	Forma da Mão
		Orientação
		Posição
		Tipo de Movimento
		Direção do Movimento
	motivação da forma	Qualidade do Movimento
		Modo de Representação
		Ação
		Padrão Motor
Esquema de Imagem		

Fonte: adaptado de Bressemer, Ladewig, Müller (2013b, p. 1101)

Apesar dessas especificações, apenas as unidades gestuais, as frases gestuais, a forma da mão, a orientação, a posição espacial e o tipo de movimento foram anotados no BGEST³⁷. A seguir, serão explicados brevemente os critérios de cada um dos parâmetros anotados.

A forma da mão acontece a partir de diferentes displays de posicionamento dos dedos e das características mais proeminentes da mão³⁸. As possíveis disposições das mãos são: punho (*fist*), mão espalmada (*flat hand*), um único dedo (*single fingers*), e combinação de dedos (*combination of fingers*).

FIGURA 5.5 — Configuração da mão



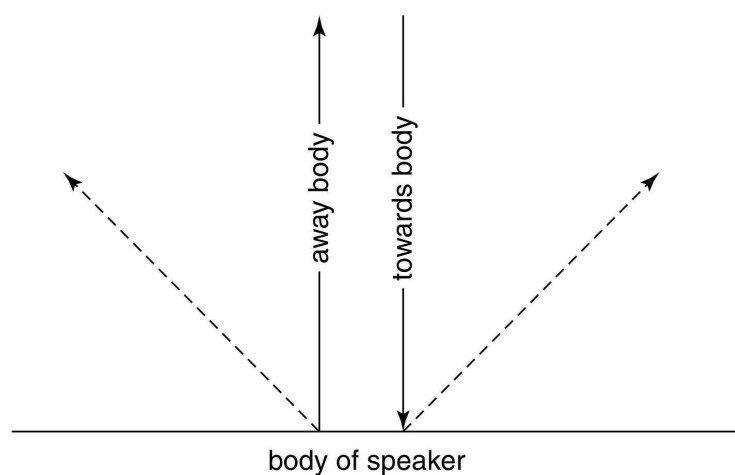
Fonte: Bressemer (2013, p. 1085)

³⁷ Para as justificativas de anotação, ver Barros (2021, p. 55).

³⁸ Não foi anotada a disposição dos dedos no BGEST, uma vez que a forma da mão já era informativa o suficiente para os propósitos iniciais da pesquisa (BARROS, 2021, p. 55)

A orientação é proposta a partir das diretrizes de McNeill (1992, p. 380), e referem-se à orientação da mão em relação ao corpo, formando o espaço gestual. As direções possíveis, em primeiro plano, partem do eixo sagital para o centro (*towards center*) ou para longe do centro (*away center*), e, no outro eixo, partem para o corpo (*towards body*) ou para longe do corpo (*away body*).

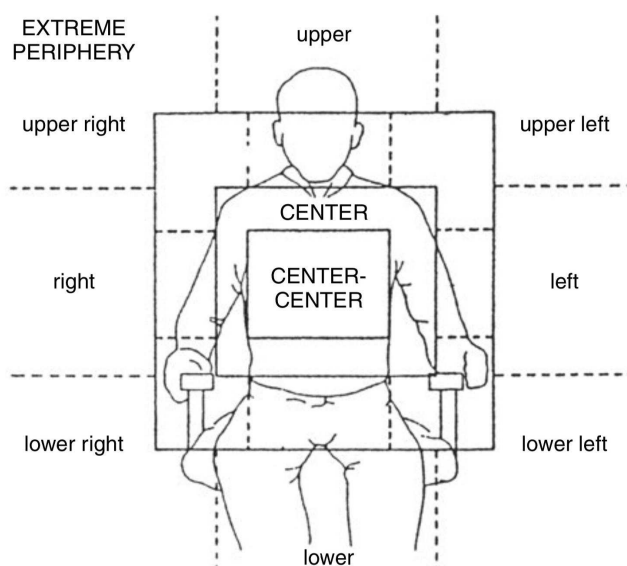
FIGURA 5.6 — Orientação do movimento



Fonte: Bressemer (2013, p. 1090)

A posição espacial também se deu a partir das notações de McNeill (1992, p. 86), que divide o espaço gestual em setores de quadrados concêntricos. Esses setores são: centro-centro (*center-center*), centro (*center*), periferia (*periphery*) e periferia-extrema (*extreme-periphery*).

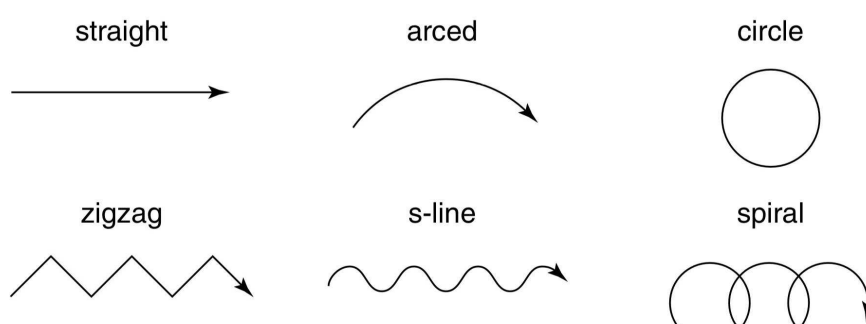
FIGURA 5.7 — Posição espacial



Fonte: McNeill (1992, p. 89)

Por fim, o tipo de movimento retrata os possíveis movimentos realizados pelas mãos, sendo estes: reto (*straight movement*), arqueado (*arced movement*), circular (*circled*), espiral (*spiral*), ziguezague (*zigzag*) e em uma linha S (*s-line*).

FIGURA 5.8 — Tipos de movimento



Fonte: Bressem (2013, p. 1088)

Para ilustração desses parâmetros, segue a figura 5.9, correspondente ao enunciado “e aí começou a vim demanda / do grupo //”. Inicialmente, o participante tem suas mãos em posição de repouso, com ambas as mãos espalmadas.

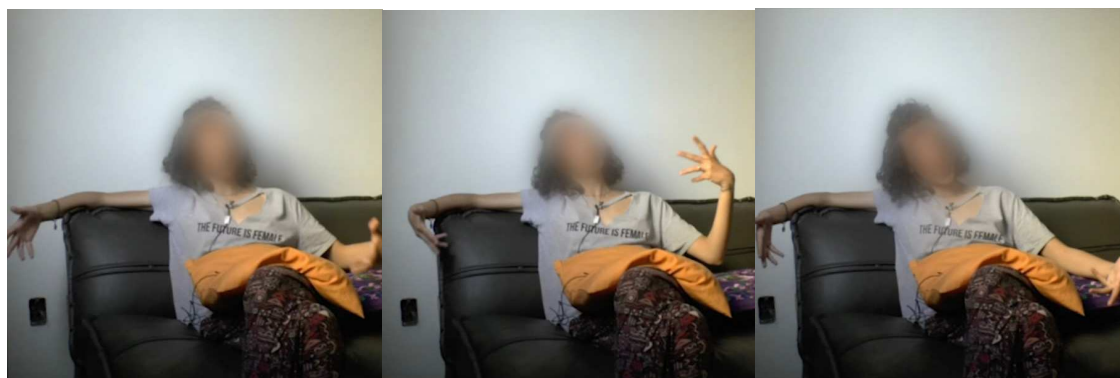
FIGURA 5.9 — Exemplo de posição de repouso 🎥



Fonte: bgest_009, unidade 105, frase 273

Partindo da posição de repouso, o gesto entra em fase de preparação até atingir seu pico, isto é, seu momento de ataque. O ataque, evidenciado pela sequência de frames da figura 5.10, é realizado pela combinação dos dedos, em um movimento de espiral, em que as mãos se movimentam para longe do corpo, no espaço visual da periferia.

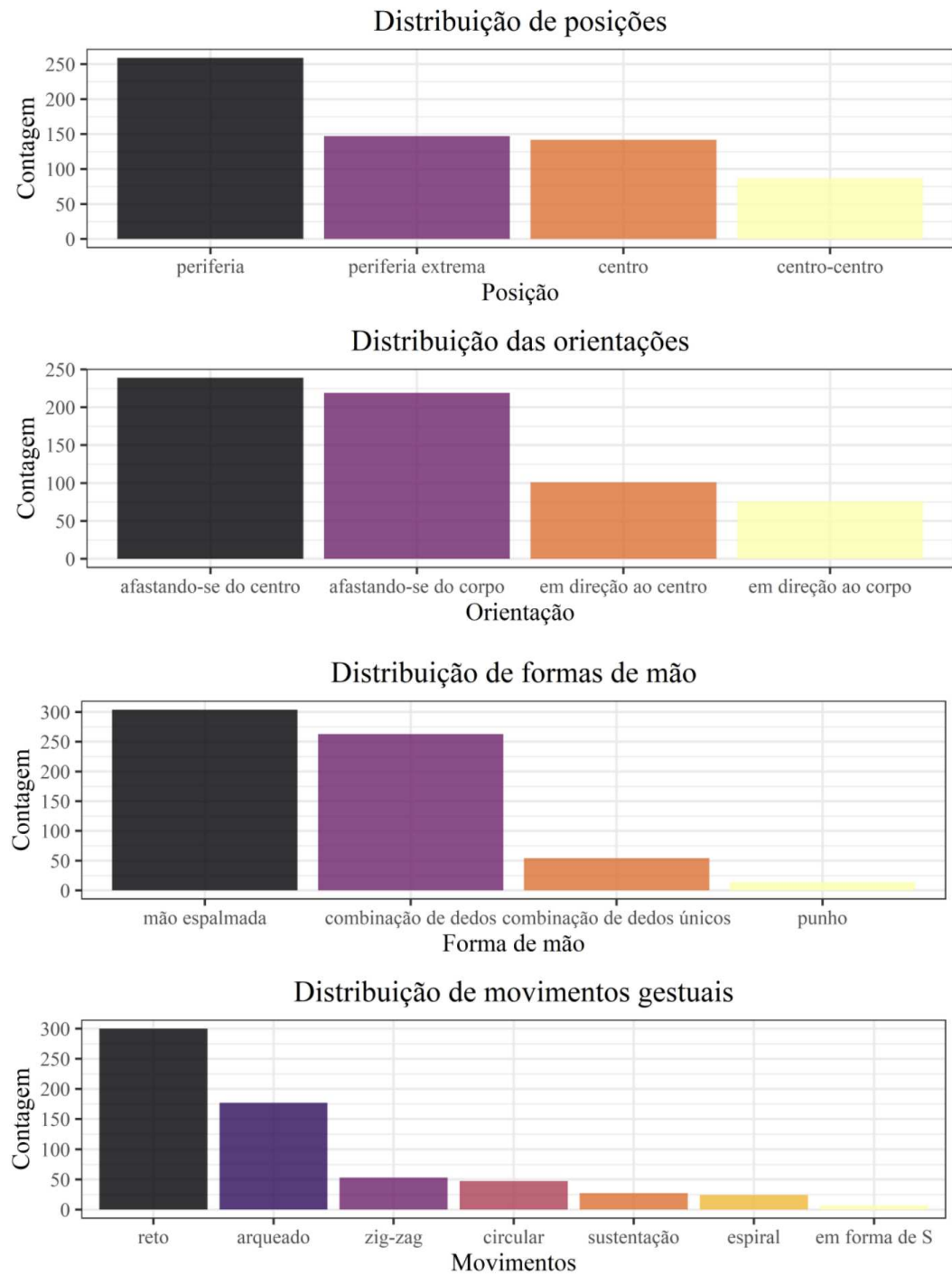
FIGURA 5.10 — Movimento do ataque do gesto 🎥



Fonte: bgest_009, unidade 105, frase 274

A partir dessa visão, a figura 5.11 representa a distribuição de dados do corpus de acordo com os parâmetros de movimento, de forma da mão, de orientação e de posição.

FIGURA 5.11 — Distribuição de movimento, forma da mão, orientação e posição



Fonte: Barros (2021)

6 METODOLOGIA

Como um dos objetivos deste trabalho, continuou-se a expansão do corpus BGEST. Foram realizadas outras oito gravações com oito participantes, todas elas de caráter monológico, gravadas em ambientes privados, em que os participantes foram instruídos a relatar casos pessoais ou profissionais. As gravações têm duração de entre 5 e 20 minutos, para futura transcrição e anotação de trechos de até três minutos.

As gravações seguiram os parâmetros expostos na seção 5, utilizando microfones de lapela e câmeras GoPro. Apenas em duas das gravações utilizou-se uma câmera, em uma configuração em que esta se encontrava de frente para o participante; as demais gravações contaram com duas câmeras, ambas fora do campo de visão dos participantes.

Todos os participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido, este anexado no Apêndice C.

Como os dados compilados para integrarem o corpus ainda não estão, em sua maioria, transcritos e anotados, essa pesquisa usou como base apenas as dez gravações originais compiladas por Barros (2021).

A análise de dados se deu a partir do software ELAN. Num primeiro momento, foram comparadas as transcrições com os dados anotados no ELAN. Em algumas instâncias, havia discrepâncias em relação às retrações, já que as transcrições contavam com retrações não relatadas no ELAN e vice-versa. Então, as anotações texto-áudio foram reavaliadas por parte da pesquisadora, que efetuou as correções onde necessárias.

A partir disso, todas as ocorrências de retrações foram extraídas das transcrições para a criação de um dataset; os dados foram transferidos para uma planilha Excel, e categorizados a partir dela. A intenção desta dissertação foi analisar qualitativamente o mapeamento gestual que coocorre nas retrações da fala, para averiguar a existência de quaisquer relações entre gesto e disfluência.

Todas as análises foram feitas manualmente. Em primeiro momento, considerando as retrações, foi avaliado se elas eram formadas por repetições ou reparos. Elas também foram quantificadas em relação a sua estrutura informacional equivalente. Além disso, calculou-se o número de palavras canceladas nas retrações.

Por último, mediu-se a posição das disfluências dentro do enunciado; para tanto, foi necessário calcular a média de palavras por enunciado dentro do corpus, e, a partir desse número, a medida foi computada em sequências de 1-10, 11-20, 21-30, 31-40 e 41-50 palavras. As ocorrências de enunciados formados por mais de 50 palavras foram muito poucas, portanto elas foram desconsideradas para o cálculo.

Ao considerar a análise gestual, essa pesquisa baseou-se metodologicamente em estudos da relação entre gesto e disfluência anteriores (AVCI et al., 2022; GRAZIANO, GULLBERG, 2018; KOSMALA, CANDEA, MORGENSTERN, 2019).

Em primeira instância, foram analisados semioticamente os gestos concomitantes às disfluência, sendo eles categorizados de acordo com as classificações de McNeill (1992) — gestos icônicos, metafóricos, dêiticos, coesivos e rítmicos —, e com as classificações de Kendon (2004) — referenciais e pragmáticos. Também, investigou-se em qual fase do gesto a retração tende a ocorrer.

Em seguida, analisou-se a relação temporal entre gesto e disfluência, estudando-se o comportamento gestual mediante à retração. Para tanto, primeiramente, foi averiguado se o gesto era interrompido ou contínuo concomitante à retração. Em relação aos gestos contínuos, analisou-se se ocorria uma mudança do padrão gestual junto à disfluência. Já nos casos em que ocorria um congelamento ou sustentamento do gesto, averiguou-se se o gesto era interrompido junto, antes ou depois da retração e se o movimento gestual retornava junto, antes ou depois da retomada da fala. A partir disso, foi calculado o tempo médio nas ocasiões em que o gesto e a disfluência não eram síncronos; esse cálculo foi realizado duas vezes para certificação de sua acurácia

Os dados encontrados serão expostos e explorados na próxima seção.

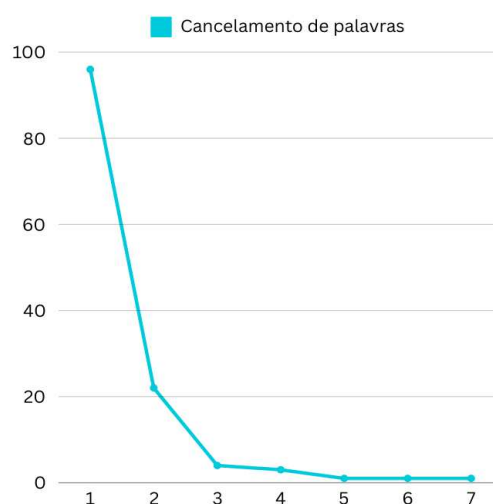
7 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS RETRAÇÕES DO CORPUS

Assim como abordado nas seções anteriores, as retrações são uma forma de disfluência em que o falante reformula, dentro do próprio enunciado, o que foi falado. A retração, pois, pode ser um reparo ou uma repetição. A seguir, serão analisadas as retrações que coocorrem com gestos presentes no BGEST. Nota-se, em primeira instância, que, das 128 retrações presentes no corpus, 96 delas são acompanhadas por gestos, totalizando um percentual de 75% de ocorrências.

7.1. DESCRIÇÃO DAS DISFLUÊNCIAS

Assim como exposto na seção 4, as retrações, em grande maioria, abarcam o cancelamento de apenas uma palavra. No corpus BGEST, os resultados encontram-se condizentes com a literatura, com 96 (75%) das ocorrências compondo retrações com cancelamento de uma palavra. Ocasões de cancelamento de três ou mais palavras foram diminuindo drasticamente, como se pode observar na figura 7.1 a seguir, com o número máximo de sete palavras canceladas, em apenas uma ocorrência. O eixo y representa a quantidade de ocorrências no corpus, e o eixo x representa a quantidade de palavras canceladas.

FIGURA 7.1 — Cancelamento de palavras



Fonte: elaboração própria

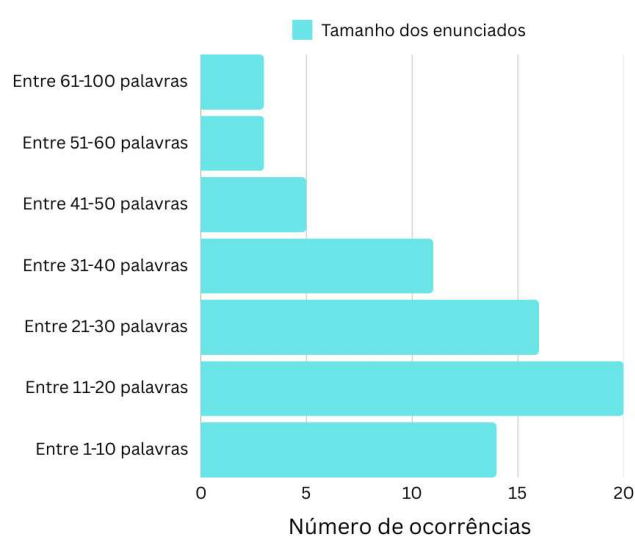
Não somente, os cancelamentos encontrados no corpus constituem-se tanto de reparos quanto de repetições, com um percentual de reparos superior, correspondente a 60% do total ocorrências, em contraposição a 40% equivalentes a repetições³⁹.

7. 1. 1. DISTRIBUIÇÃO POSICIONAL

O cálculo da distribuição posicional das retrações é realizado a partir da extensão do enunciado, isto é, do número de palavras do enunciado no qual ela ocorreu, de forma que uma retração que acontece na 3ª palavra de um enunciado de 5 palavras, ocorre em 60% dele, da mesma forma que uma retração que acontece na 2ª palavra de um enunciado de 20 palavras ocorrem em 10% dele.

Dentro desse quadro, tem-se que, no corpus BGEST, 90% dos enunciados com retrações possuem entre 5 e 50 palavras, assim como mostra a figura 7.2, em que o eixo X representa o tamanho dos enunciados por quantidade de palavras neles presentes. A partir disso, a figura 7.3 representa um boxplot da posição das retrações, sequenciada a partir de intervalos de 1-10 palavras, 11-20, 21-30, 31-40 e 41-50.

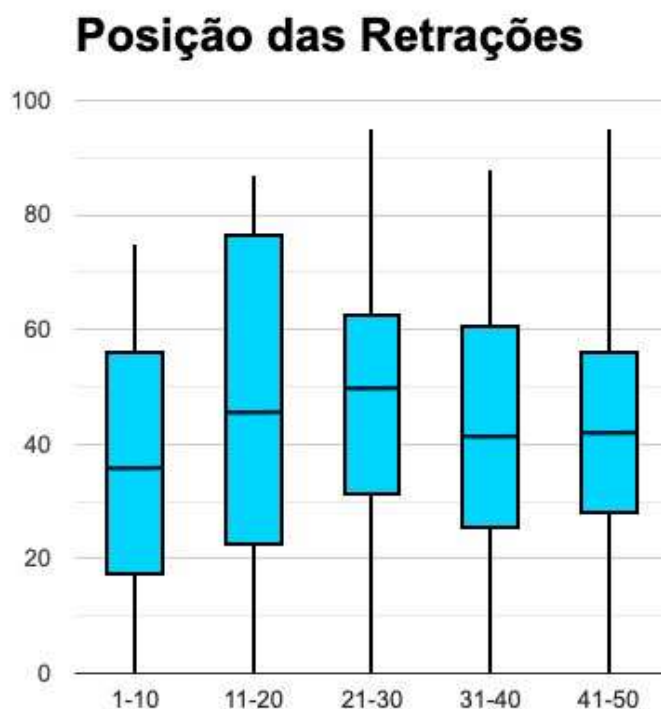
FIGURA 7.2 — Tamanho dos enunciados (palavras)



Fonte: elaboração própria.

³⁹ Reforça-se que esses números englobam apenas as retrações concomitante aos gestos. Não foram analisadas retrações desacompanhadas de gestos.

FIGURA 7.3 — Posição (%) das retrações



Fonte: elaboração própria.

Baseado nessas informações, pode-se perceber que não há uma diferença considerável na posição das disfluências em relação ao tamanho dos enunciados. Em enunciados entre 1-10 palavras, as retrações tendem a acontecer um pouco antes, com uma mediana de 36%, enquanto nas demais sequências, a mediana permanece entre 42 e 50%. Os resultados se aproximam do encontrado por Vital (2013), cuja mediada permanece constante em 50% no corpus de fala espontânea explorado em sua pesquisa, o C-ORAL-BRASIL.

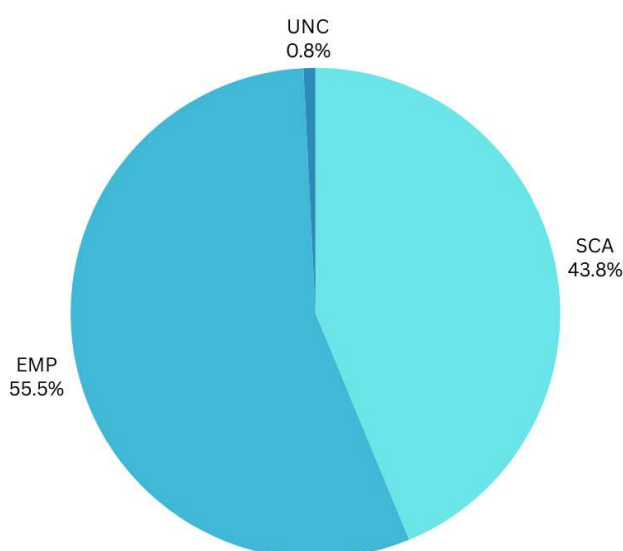
7. 1. 2. EM RELAÇÃO ÀS ESTRUTURAS INFORMACIONAIS

Assim como previsto na seção 4, é necessário que as retrações sejam formadas por unidades escansionadas ou unidades vazias, uma vez que, no primeiro caso, a retração proporciona um cancelamento de apenas algumas palavras e a unidade informacional é realizada em mais de uma unidade tonal; e, em relação às

unidades vazias, a retração acarreta o cancelamento de todas as palavras da unidade tonal antes da realização da unidade informacional.

Como esperado, as unidades informacionais carregadas pelas retrações eram, em maioria, vazias, com 71 ocorrências, e escansionadas, com 56 ocorrências. Houve apenas um caso de uma unidade Unclear, isto é, unidade cuja função informacional ser identificada, que representa um percentual inferior a 1%. Para visualização, segue a figura 7.4.

FIGURA 7.4 — Distribuição de unidades informacionais das retrações



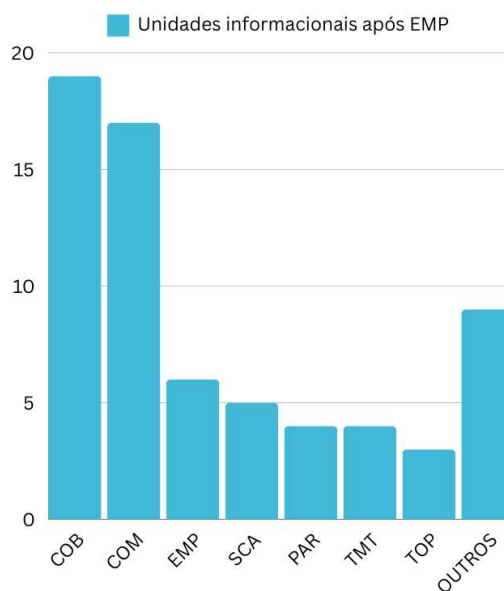
Fonte: elaboração própria.

Há uma tendência de que a quantidade de retrações em unidades vazias seja maior do que a quantidade em unidades escansionadas, assim como evidenciado na análise de outros corpora da família C-ORAL — em específico, o C-ORAL-BRASIL e o C-ORAL-ESQ (VITAL, 2023). Os resultados presentes no corpus BGEST seguem o esperado.

Ao considerar esse cenário, especificamente, as unidades vazias, é interessante investigar as unidades informacionais das unidades tonais seguintes, para se analisar quais eram as unidades informacionais inicialmente planejadas. A figura 7.5 mostra sua distribuição, sendo as unidades vazias seguidas principalmente por Comentários Ligados, com 19 (28,3%) ocorrências, e por Comentários, com 17 (25,4%) ocorrências. Em terceiro lugar, tem-se a ocorrência de outras unidades

vazias, isto é, as unidades com retração eram seguidas por outras unidades com retração, com um total de 6 (8,9%) ocorrências.

FIGURA 7.5 — Distribuição de unidades informacionais após EMP



Fonte: elaboração própria

7. 2. A RETRAÇÃO E O GESTO

De maneira geral, há uma certa sobreposição entre a gesticulação e as disfluências da fala. Da mesma forma que fala e gesto formam um sistema integrado no processo comunicacional (MCNEILL, 1992; CLARK, 1996; KENDON, 2004), o mesmo pode ser observado ao analisar-se a relação entre gesto e disfluência.

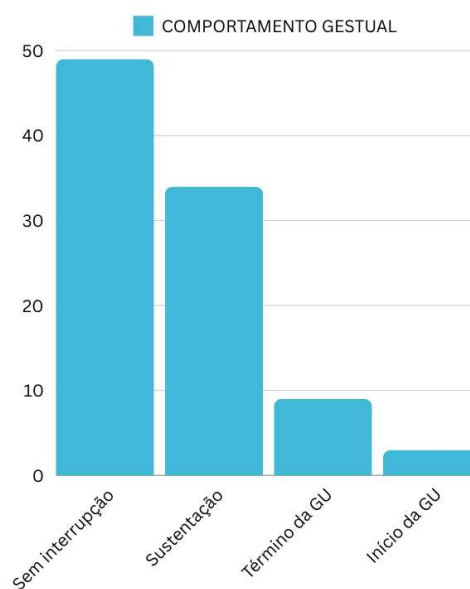
Na literatura, até o momento, não há outros estudos que focam especificamente na relação entre o gesto e as retrações da fala. A seguir, serão apresentados os resultados quantitativos das amostras analisadas.

7. 2. 1. MAPEAMENTO GESTUAL

Com as retrações, há um reparo, por parte do falante, do que foi enunciado. Os dados colhidos nesta pesquisa mostram comportamentos gestuais diversos, em que os gestos continuaram seu percurso ou foram sustentados concomitantemente à disfluência, em que o gesto se interrompia junto com o momento de retração da fala.

Em pouquíssimos casos houve uma interrupção completa do gesto ou o próprio início da unidade gestual a partir do momento da disfluência. A figura 7.6 mostra a distribuição dos diferentes comportamentos gestuais encontrados.

FIGURA 7.6 — Comportamento gestual



Fonte: elaboração própria.

Percebe-se, assim, que em grande parte das ocorrências não houve uma interrupção do gesto, com 49 (51%) casos. Em seguida, em 34 (35%) ocorrências, tem-se uma sustentação do gesto. Na menor parte dos casos, houve a conclusão da G-Unit junto à retração, com 9 (9%) de casos, ou o início de uma G-Unit, sendo que não havia gesto em momento anterior, com 3 (3%) dos casos.

Nas próximas subseções, serão descritos os comportamentos gestuais em cada um desses casos.

7.2.1.1. GESTO SEM INTERRUPÇÃO

Há um número expressivo de casos em que o falante continua produzindo o gesto apesar da retração da fala. Ao analisá-los, encontram-se ocorrências tanto de gestos pragmáticos, quanto de gestos referenciais, acompanhando a definição de

Kendon (2004), e por gestos icônicos, metafóricos, dêiticos, coesivos e batidas, seguindo a proposta de McNeill (1992).

Ainda, ao analisar esse panorama de gestos, pode-se perceber três comportamentos distintos. Em primeiro lugar, com o maior número de ocorrências, houve uma mudança do gesto na quebra entre retração e a continuação do enunciado, com 21 casos. Em segundo lugar, houve a repetição do gesto após a retração, com 17 ocorrências. E, em menor número, houve a continuidade do percurso gestual apesar da retração, com 4 casos. Abaixo, a figura 7.7 representa essa distribuição percentualmente.

FIGURA 7.7 — Comportamento de gestos que continuam em produção



Em seguida, serão exemplificadas essas realizações gestuais.

7.2.1.1.1. REPETIÇÃO DO GESTO

A repetição gestual, em que o falante produz um gesto igual ou muito semelhante após a retração, apresentou-se em maior percentual dentre as ocorrências em que o gesto continua sendo produzido. Tal fenômeno pode ser explicado pelo falante sentir que o gesto iniciado anteriormente à retração não bastasse, havendo necessidade para sua repetição.

A seguir, serão exemplificados esses casos. Em todos os exemplos, o trecho em **negrito** indica a retração da fala, enquanto o trecho em sublinha retrata o enunciado concomitante à frase gestual.

FIGURA 7.8 — *Gesto Repetido (1)* 🗿



Fonte: bgest_001, frase gestual 207

EXEMPLO 7.1 — *bgest_001 [1]* 🗿

*JUL: e aí eles iam pra essa /=SCA=&he +=TMT= eles tinham essa turma /=COB= então era a turma do bairro assim /=COB= aí tinha gente /=SCA= que era da /=SCA= Selênio /=COB= que é a [/1]=SCA= a rua do poste /=PAR-COB= e a [/2]=EMP= e atravessando a Amazonas /=TOP= do outro lado /=TOP= como se fosse a &pr [/2]=SCA= a continuação da Selênio /=TOP= é a rua Japão /=COM= eu acho //PAR=

No exemplo 7.1, no enunciado que acompanha a retração, há uma primeira frase gestual, cujo padrão é arqueado, indo do torso para a extrema periferia, formado pela combinação de dedos. Subsequente à retração, esse padrão gestual é repetido em um novo gesto, ambos sendo gestos icônico e referenciais, como se JUL estivesse reforçando o enunciado “continuação da [rua] Selênio”.

FIGURA 7.9 — Gesto Repetido (2) 🎥



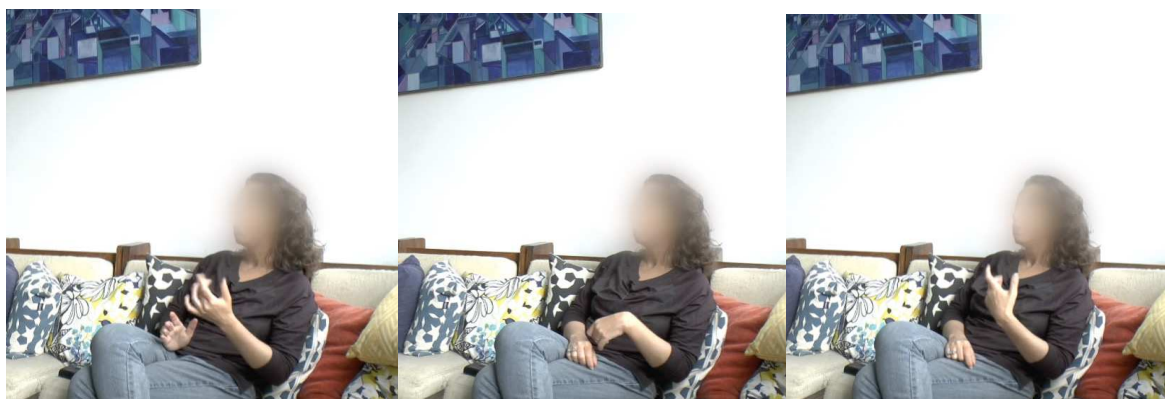
Fonte: bgest_003, frase gestual 202

EXEMPLO 7.2 — bgest_003 [9] 🎥

*GUS: eu vou [/2]=EMP= &he /=TMT= eu vou explicando /=SCA= o que é esperado deles /=COB= por exemplo /=PAR-INT= se eles vão produzir um statement of purpose /=PAR= que é o [/1]=SCA= a escrita dele /=PAR= o que que é esperado /=CMM= quais são as fases disso /=CMM= né //AUX=

Igualmente, o exemplo 7.2 acima representa um gesto cujo percurso foi repetido. A retração consiste em um reparo de apenas uma palavra, esta destacada em negrito no exemplo. Concomitante a “*que é o* [/1]”, englobando a retração, tem-se um gesto, formado pela combinação de dedos na mão esquerda e pela mão direita esplanada, com a mão direita executando um movimento circular e a mão esquerda, um movimento reto, formando um gesto icônico e referencial que simboliza a escrita do *statement of purpose*. Subsequente à retração, esse gesto é repetido junto a “*a escrita dele*”. Assim, pode-se perceber que o gesto tende a repetição quando ocorre uma unidade de retração da fala.

FIGURA 7.10 — Gesto Repetido (3) 🗣️



Fonte: bgest_006, frase gestual 218

EXEMPLO 7.3 — bgest_006 [13] 🗣️

*ELI: ele falou assim /=INT= ah **eu gostaria de ter aula** [/5]=EMP=
gostei de ter aula com você /=COB_r= e tudo /=APC_r= gostaria de
ter aula com você /=COB_r= cê [/1]=EMP= cê pode me dar aula na
 Status //COM_r=

No exemplo 7.3, tem-se uma retração de cinco palavras, caracterizados por um reparo e destacadas em negrito. As figuras representadas em 7.10 mostram um gesto ritmado, formado pela combinação de dedos em moção arqueada, com posição no centro-centro do torso e orientação para fora do corpo. Percebe-se, ainda, uma reprodução análoga a esse gesto logo após a retração, com uma repetição coocorrendo em “*gostei de ter aula com você / e tudo*” e novamente em “*gostaria de ter aula com você*”. Apenas quando ELI termina de expressar que o aluno gostaria de ter aula novamente com ela que a frase gestual termina, com outro gesto emergindo o pedido de ter aula com ela na [escola] Status.

7.2.1.1.2. MUDANÇA DE GESTO

Ao considerar a mudança de gesto, deve-se reconsiderar a hipótese de recuperação lexical (RAUSCHER, KRAUSS, CHEN, 1996), exposta na seção 3, que defende que o falante é mais propenso a gesticular quando o conteúdo verbal pode ser representado espacialmente. Essa hipótese está em paralelo com Ladewig (2014, p. 1671), para quem se uma interrupção do falante expõe uma lacuna sintática de um

substantivo, essa lacuna é transmitida pela forma da mão⁴⁰. Por isso, nestes casos, pode-se perceber uma sincronia entre a retração e as fronteiras gestuais.

Um exemplo dessa manifestação é demonstrado na figura 7.11.

FIGURA 7.11 — Retração marcada por mudança gestual (1) 🧑🏻



Fonte: bgest_009, frase gestual 265

EXEMPLO 7.4 — bgest_009 [30] 🧑🏻

*FAB: só que como as parada tavam meio incerta assim /=TOP= porque &n [/1]=PAR-SCA= né /=PAR-AUX= ia parar tudo /=PAR-CMM= então vou monitorar quem /=PAR-CMM= et cetera /=PAR-APC= a gente nã [/3]=EMP= enfim /=CNT= nã sabia o que que ia acontecer /=COB= nã tinha recebido nenhuma bolsa ainda né /=PAR-COB= tinha acabado de acontecer o processo /=PAR= e a mulher foi lá e falou olha /=COB_r **&e** [/1]=EMP= a minha tutora /=PAR= né /=PAR-EVD= ela falou assim /=INT= eu tinha a possibilidade de /=SCA_r= cancelar as bolsas /=COB_r= e a gente volta quando retomar aula /=PAR_r= mas tem como a gente fazer alguns trabalhos aqui nos bastidores /=COB_r= que acho que seria interessante da gente desenvolver //COM_r=

⁴⁰ “This means that the underlying syntactic and also semantic structure of an utterance triggers particular semantic aspects transmitted by the gestures: If an interruption by the speaker exposes the syntactic gap of a noun, the aspect of object is foregrounded or triggered, transmitted by the hand shape” (LADEWIG, 2014, p. 1671).

A princípio, na figura 7.11, o padrão gestual é iniciado por gestos amplos na extrema periferia do corpo, com as mãos esplanadas, em um gesto pragmático que acentua a palavra “*olha*”. A mudança gestual começa logo na retração, tendo, concomitantemente, a inserção de uma unidade de Parentético. O padrão gestual subsequente parte para o centro do tronco, com FAB apontando para si mesma, em um gesto dêitico que coincide com o pronome possessivo “*minha*” indicado pelo destaque em negrito no exemplo 7.4. Assim como exposto por Barros (2021), mudanças de padrões gestuais tendem a acontecer durante os Parentéticos em relação ao restante do enunciado.

FIGURA 7.12 — Retração marcada por mudança gestual (2) 🗿



Fonte: bgest_001, frase gestual 219.

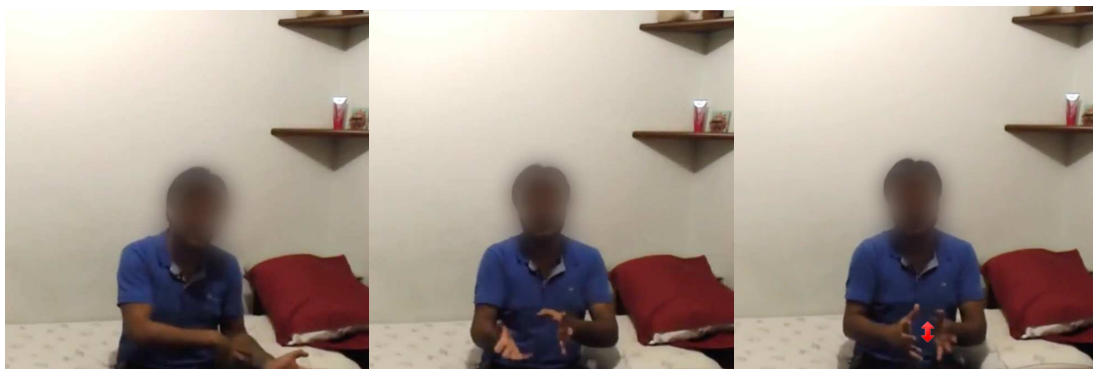
EXEMPLO 7.5 — bgest_001 [9] 🗿

*JUL: &he /=TMT= &t [/1]=EMP= meu pai gostava de outra menina
 /=COB= minha mãe gostava de outro menino /=COB= então assim
 /=CNT= é &ou [/1]=SCA= outra coisa assim /=COB= eles eram só
 amigos e /=COB= contemporâneos assim /=COB= nũ /=SCA=
 tinham muita relação não //COM=

Igualmente, no enunciado acima, acompanhado pela figura 7.12, tem-se um gesto concomitante à fala, mostrado em sublinhado. O padrão gestual muda juntamente à retração; a princípio, como mostrado no primeiro frame, o gesto configura uma mão esplanada, com um movimento arqueado em orientação para fora do corpo. Na retração, representada pelo segundo frame, o movimento muda de

orientação para longe do centro, ainda mantendo as características de forma, tipo de movimento e posição. Tal gesto é denominado como *brushing away*⁴¹ na literatura (BRESSEM, MÜLLER, 2014), tendo uma função pragmática de dispensar tópicos indesejáveis ao jogá-los para fora por meio do gesto da mão.

FIGURA 7.13 — Retração marcada por mudança gestual (3) 🧑



Fonte: bgest_003, frase gestual 217-218.

EXEMPLO 7.6 — bgest_003 [12] 🧑

*GUS: nũ é assim /=COB= tendeu /=AUX= é uma coisa que cê vai /=SCA= construindo /=COB= cê vai entendendo /=SCA= coisas que não soam tão bem /=COB= coisas que nũ soam tão &um [/1]=COB= &a [/1]=EMP= tendeu //COM=

No enunciado exemplificado em 7.6, o participante GUS realiza dois gestos concomitantes à fala, de forma que ambos os gestos abarcam as duas retrações. Neste exemplo, os ataques dos gestos são contínuos, sem uma fase de preparação para os mediar. Um primeiro gesto acompanha o trecho “tão bem / coisas que nũ soam tão”, e sua composição, mostrada no frame 1 da figura 7.13, conta com mãos esplanadas, em um movimento de ziguezague com orientação para longe do centro. A mudança de gesto ocorre junto à primeira retração, e, agora, o gesto, ainda com as mãos esplanadas em uma orientação para longe do centro, tem um movimento circular. Esse segundo gesto pode ser entendido como um gesto de *swaying*⁴²

⁴¹ “Loose hand, palm oriented towards body, is moved away from body with a (rapid) twist of the wrist - as if brushing away annoying crumbs” (BRESSEM, MÜLLER, 2014, p. 1581).

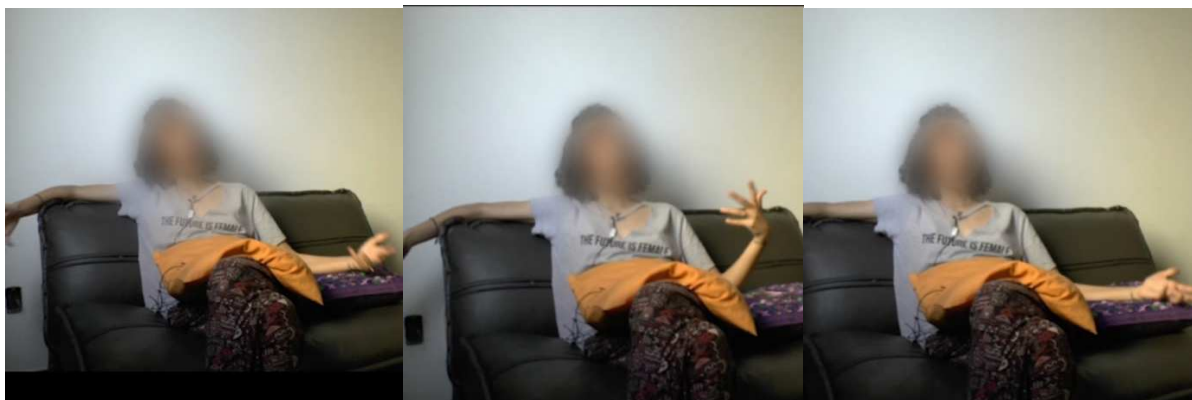
⁴² “The (lax) flat hands, palm facing towards the center, are alternated by rotations of the wrist” (BRESSEM, MÜLLER, 2014, p. 1581)

(BRESSEM, MÜLLER, 2014), caracterizado por suas funções meta-comunicativas e geralmente utilizado para marcar ideias como incertas e/ou indeterminadas; tal noção condiz com o conteúdo semântico do enunciado, em que GUS verifica o canal fático ao enunciar “tendeu”. O gesto age sobre o próprio enunciado, incorporando sua força ilocucionária.

7.2.1.1.3. CONTINUIDADE DO GESTO

Por fim, os casos em que há uma continuidade do movimento gestual apesar de uma retração na fala, com a ocorrência de apenas quatro casos. Notou-se, também, que, nessas ocorrências, a retração tende a englobar apenas uma palavra ou um fone, podendo ou não representar um conteúdo semanticamente vazio.

FIGURA 7.14 — Continuidade do gesto



Fonte: bgest_009, frase gestual 261.

EXEMPLO 7.7 — bgest_009 [30] 🗣️

*FAB: só que como as parada tavam meio incerta assim /=TOP= porque **&n** [/1]=PAR-SCA= né /=PAR-AUX= ia parar tudo /=PAR-CMM= então vou monitorar quem /=PAR-CMM= et cetera /=PAR-APC= a gente nũ [/3]=EMP= enfim /=CNT= nũ sabia o que que ia acontecer /=COB= nũ tinha recebido nenhuma bolsa ainda né /=PAR-COB= tinha acabado de acontecer o processo /=PAR= e a mulher foi lá e falou olha /=COB_r &e [/1]=EMP= a minha tutora /=PAR= né /=PAR-EVD= ela falou assim /=INT= eu tinha a possibilidade de /=SCA_r= cancelar as bolsas /=COB_r= e a gente

volta quando retomar aula /=PAR_r= mas tem como a gente fazer alguns trabalhos aqui nos bastidores /=COB_r= que acho que seria interessante da gente desenvolver //=COM_r=

No exemplo 7.7, tem-se a retração de apenas um fone, “&n”, mostrando um conteúdo semanticamente vazio. Com uma enunciação muito rápida, há uma pequena pausa de 150ms no fluxo da fala entre a retração e a continuação do enunciado. Apesar disso, o percurso gestual não é interrompido, alterado nem repetido, mas sim contínuo em todo seu momento de ataque. O padrão gestual é formado por mãos esplanadas, ambas na extrema periferia com um movimento de zigzag em direção ao centro, com o frame 1 da figura 7.14 representando o momento gestual antes da retração, o frame 2 mostrando o movimento, e o frame 3 se situando logo após a retração.

7. 2. 1. 2. SUSTENTAÇÃO DO GESTO

A pesquisa empírica de Graziano e Gullberg (2018) mostra que sustentações do gesto parecem acontecer em momentos de dificuldade de recuperação de item lexical. Como essa pesquisa não averigua todas as formas de disfluências, não se investigou comparativamente a proporção de sustentações gestuais durante a fluência e durante a disfluência; ainda assim, percebe-se uma presença significativa de sustentações gestuais junto às retrações.

Ao analisar esses casos, verifica-se que tais sustentações duram entre 250 e 2465 ms, com uma mediana de 570 ms. Além disso, percebe-se a tendência de que elas ocorram em unidades vazias, em um total de 21 ocorrências, totalizando 61% das ocorrências. Em contrapartida, o restante percentual, com 13 ocorrências, equivale a unidades escansionadas — e, em todos os casos das unidades escansionadas, teve o cancelamento de apenas uma palavra durante a retração.

A seguir, vejam-se exemplos.

FIGURA 7.15 — Gesto sustentado (1) 🗣️



Fonte: bgest_001, frase gestual 236

EXEMPLO 7.8 — bgest_001 [18] 🗣️

*JUL: mas /=DCT= aí eles foram /=COB= então assim /=CNT= a
 =EMP= a relação /=SCA= &d [1]=EMP= do casamento do meu pai
 com a [2]=i-TOP= do anterior /=PAR-COB= com a minha mãe
 /=TOP= **nũ teve [2]=EMP=** nũ foi direta /=COB= assim /=UNC= nũ
 foi que ele /=SCA= conheceu minha mãe /=CMM= e quis separar
 /=CMM= nem nada disso /=CMM= tipo eles &d [1]=SCA= ele
 separou /=COB= e aí veio pra cá /=COB= e reencontrou minha mãe
 //COM=

No exemplo 7.8, a participante JUL relata como seus pais se conheceram e deram início à sua relação. Neste enunciado, uma frase gestual, mostrada no frame 1 da figura 7.15 é iniciada junto à retração em negrito, com um padrão gestual de combinação de dedos, em que a mão direita tem uma orientação de ziguezague em direção ao corpo e a mão esquerda, uma orientação reta em uma direção para longe do corpo. No momento da retração, o gesto sofre uma sustentação, mostrada no frame 2. A palavra “teve” é prolongada por 1070 ms, e o gesto encontra-se em posição de sustento pela mesma duração, de forma que uma nova frase gestual se inicia somente com a próxima unidade informacional, no caso, “nũ foi direta”.

FIGURA 7.16 — Gesto sustentado (2) 🗣️



Fonte: bgest_004, frase gestual 203

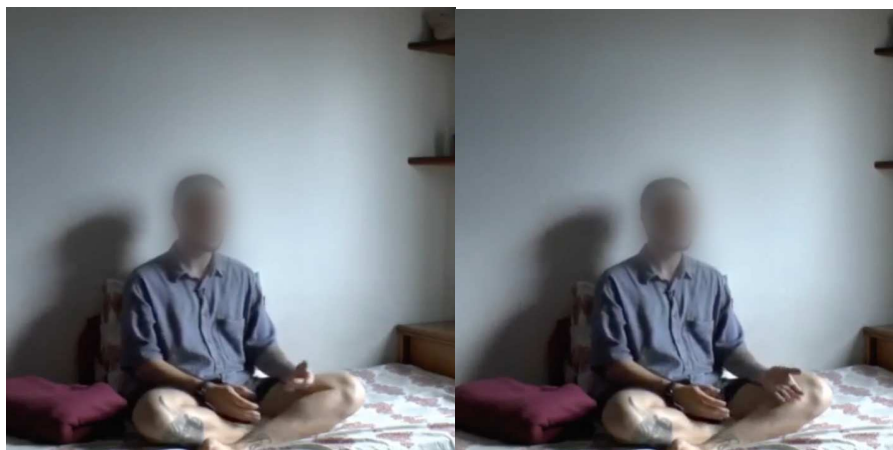
EXEMPLO 7.9 — bgest_004 [2] 🗣️

*PEU: eu entrei [2]=EMP= eu /=SCA= entrava como dependência
 /=COB= do [/1]=EMP= do meu pai /=APC= mas aí minha mãe
 /=TOP= ela [/1]=EMP= &he /=TMT= isso é coisa boa /=PAR-COM=
 ela foi promovida /=COB= e aí ela começou a [2]=i-COB= nesse
 trabalho novo dela /=PAR-TOP= começou a ganhar mais /=COB= e
 ela começou a ganhar mais que meu pai também //COM=

Ao analisar o exemplo 7.9, o gesto, em posição de repouso, como mostrado no frame 1 da figura 7.16, entra em fase de preparação até chegar na posição do frame 2; neste momento, ocorre a retração da unidade vazia, e o gesto entra em uma fase de sustentação concomitantemente. Há um prolongamento da vogal /a/, com uma duração de 945 ms, ao mesmo tempo em que o gesto se encontra sustentado. O gesto é retomado no momento da enunciação da tomada de tempo “&he”, formando um gesto rítmico que coincide com o prolongamento da vogal /ε/, mostrado no frame 3.

Apesar de, na grande maioria dos casos em que ocorre a sustentação, o gesto ser suspenso junto à retração e retornar com a volta da fluência, há casos em que o gesto é interrompido antes ou após a disfluência, e/ou é retomado antes ou após à disfluência. Estas ocorrências serão mostradas a seguir.

FIGURA 7.17 — Sustentação do gesto antes da retração 🗣️



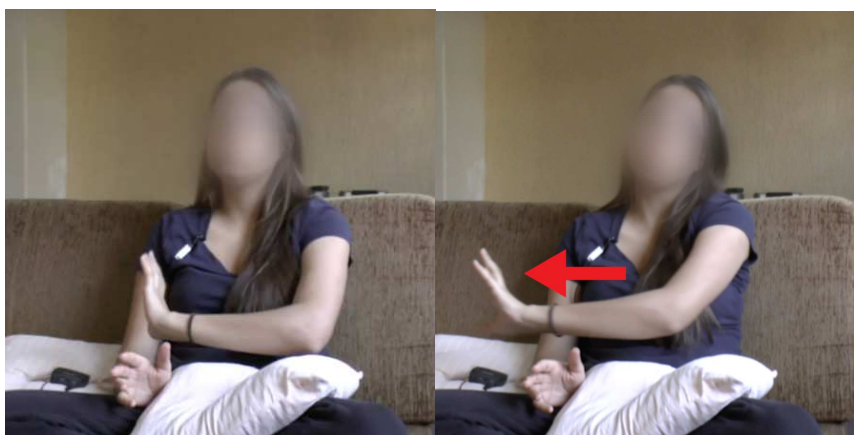
Fonte: bgest_004, frase gestual 218

EXEMPLO 7.10 — bgest_004 [5] 🗣️

*PEU: aí minha mãe me ligou /=COB= e falou olha /=COB= &he &s
 [/1]=EMP= &he /=TMT= a gente nũ [/3]=EMP= cê não tem mais
 dependência do seu pai agora /=COB_r= você [/1]=EMP= no plano
 de saúde /=COB_r= que /=SCA= o trabalho dele oferece /=PAR-
 COB_r= aí /=DCT_r= a gente vai ter que procurar outro plano de
 saúde //COM_r=

Neste primeiro exemplo, em 7.10, a frase gestual corresponde ao trecho em destaque, com o seu momento de ataque correspondendo a “olha”, mostrado no frame 1 da figura 7.17, sendo um movimento arqueado realizado pela mão esquerda esplanada, em uma orientação para longe do corpo, formando um gesto com função pragmática. Em seguida, tem-se a sustentação do gesto antes da retração, com um intervalo de 570ms antes da realização da retração. Nota-se, ainda, que gesto e fala retornam em sincronia ao iniciar uma nova frase gestual.

FIGURA 7.18 — Retorno do gesto antes da fala 🗣️



Fonte: bgest_010, frase gestual 227

EXEMPLO 7.11 — bgest_010 [39-42] 🗣️

*CLA: não //COM= porque /=DCT= a gente nũ mexe com herança
 //COM= herança tem um [/1]=SCA= coisa própria //COM=

No exemplo 7.11, ao CLA relatar sobre seu trabalho, a frase gestual inicia-se com a unidade informacional escansionada, novamente mostrando essa sincronia entre fronteiras prosódicas e gestuais; no momento da escanção, o gesto é sustentado na posição mostrada no frame 1 da figura 7.18. Entretanto, enquanto há uma pausa de 913 ms da fala, o gesto é sustentado apenas por 610 ms, de forma a ser retomado antes do reinício do enunciado, realizando um movimento reto com a mão esquerda esplanada, em uma direção para longe do centro, assim como pode ser observado no frame 2, representando um gesto metafórico que simboliza a distância figurativa entre o trabalho de CLA e o fato que ela não lida com heranças. No momento em que o enunciado é retomado, o gesto já está em fase de recuperação, voltando para a posição de descanso concomitantemente ao final do Comentário, “coisa própria”.

FIGURA 7.19 — Retorno do gesto após a fala 🗣️



Fonte: bgest_001, frase gestual 205

EXEMPLO 7.12 — bgest_001 [1] 🗣️

*JUL: e aí eles iam pra essa /=SCA=&he +=TMT= eles tinham essa turma /=COB= então era a turma do bairro assim /=COB= aí tinha gente /=SCA= que era da /=SCA= Selênio /=COB= que é a [/1]=SCA= a rua do poste /=PAR-COB= e a [/2]=EMP= e atravessando a Amazonas /=TOP= do outro lado /=TOP= como se fosse a &pr [/2]=SCA= a continuação da Selênio /=TOP= é a rua Japão /=COM= eu acho //PAR=

Igualmente, pode-se encontrar momentos em que o gesto retoma seu percurso após o retorno da fala. No exemplo 7.12, ao elaborar sobre a turma do bairro, uma frase gestual é iniciada, marcada pelo negrito, em que o momento de preparação se sobrepõe à unidade vazia, “e a [/2]”. Após a preparação, há uma sustentação do gesto, que começa no mesmo momento que a retração, visualizada no frame 1 da figura 7.19. A sustentação do gesto dura 730 ms, enquanto a pausa seguida pela disfluência tem uma duração pequena de 116 ms, ou seja, o gesto só retorna após a fala, finalmente completando sua fase de ataque, em que o padrão gestual mostra a mão esquerda esplanada em um movimento reto para longe do centro, representando um gesto icônico que simboliza a [avenida] Amazonas.

Ao examinar a relação temporal entre a disfluência e o percurso gestual, percebe-se que, em grande maioria, o gesto tende a entrar em fase de sustentação no exato momento da disfluência e retomar seu movimento junto ao retorno da fala.

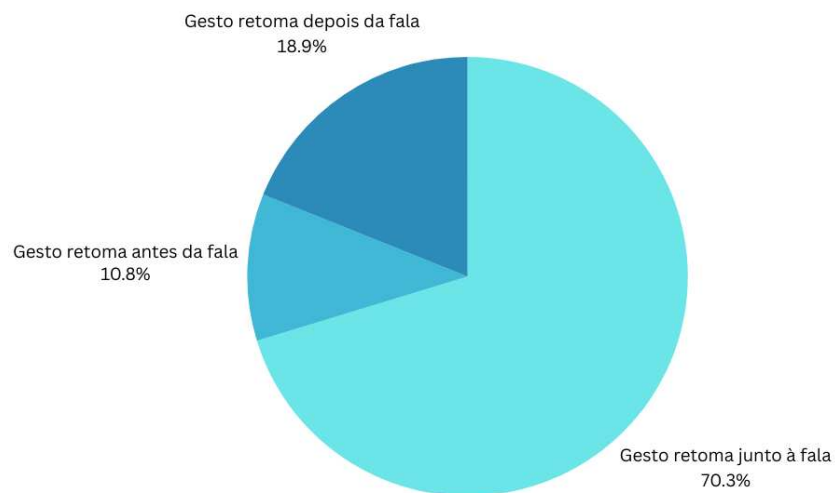
Os casos em que houve uma assincronia entre gesto e retração foram poucos; mesmo assim, havia uma tendência em que o gesto ou parasse junto à retração, ou retornasse junto à fala, com nenhuma ocorrência em que a sustentação gestual não seguisse nenhuma das fronteiras temporais da fala.

FIGURA 7.20 — Relação temporal entre gesto e fala: interrupção



Fonte: elaboração própria.

FIGURA 7.21 — Relação temporal entre gesto e fala: retorno



Fonte: elaboração própria.

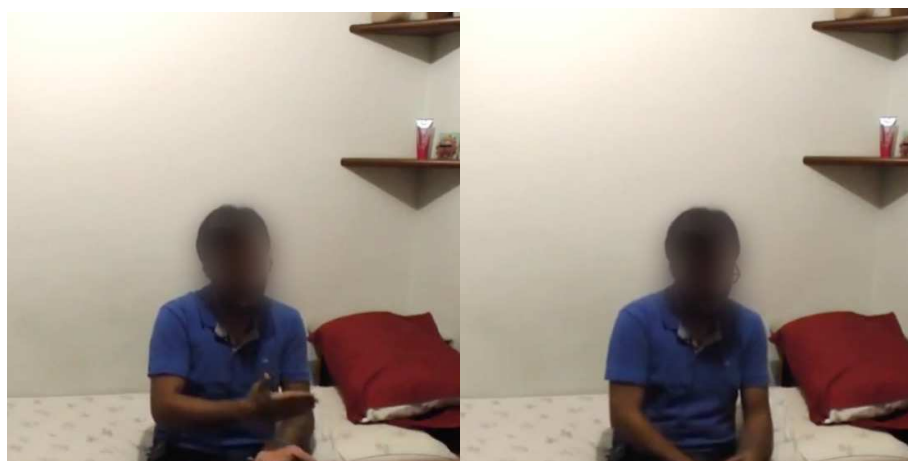
Ao observar as figuras 7.20 e 7.21, nota-se que, tanto para interrupção quanto para retorno do gesto, há uma sincronia em mais de 70% dos casos. Ao considerar as demais ocorrências, percebe-se que em pouquíssimos casos o gesto é interrompido após a retração, com menos de 5% de probabilidade. Esses dados são condizentes com os resultados encontrados por Akhavan et al. (2016), cuja pesquisa encontrou apenas casos críticos em que o gesto entrava em momento de sustentação após a disfluência.

Já a distribuição percentual do retorno do gesto nos demais casos é mais balanceada, com 10.8% de casos em que o gesto retoma antes do retorno da fala, e 18.9% em que ele retoma após o retorno da fala. O resíduo percentual equivale aos casos em que gesto e fala retornam simultaneamente.

7. 2. 1. 3. TÉRMINO DA G-UNIT

Ainda que constasse um número menor de ocorrências, em nove ocasiões houve o final da unidade gestual e, portanto, o final da frase gestual, junto à retração. Isto é, a retração ocasionava o término do movimento gestual.

FIGURA 7.22 — G-Unit finalizada junto à retração 🗿



Fonte: bgest_003, frase gestual 219

EXEMPLO 7.13 — *bgest_003* [14] 🗣️

*GUS: a ideia é tipo você quebrar isso em [1]=SCA= em /=SCA= compreensão /=COB= né /=AUX= &he /=TMT= discussão /=COB= e reprodução /=COB= basicamente /=COM= né //AUX=

O exemplo em 7.13 mostra um enunciado em que a frase gestual e a retração finalizam no mesmo momento, de forma que não ocorra nenhuma outra gesticulação até o término do enunciado. Percebe-se, pois, no frame 1 da figura 7.22, que o ataque do gesto foi composto pelas duas mãos em forma esplanada em movimentos de ziguezague, em um gesto icônico que representa o ato de quebrar. No momento da enunciação da primeira partícula “em”, esta em retração, acontece rapidamente a fase de recuperação e o gesto retorna para a posição de repouso, veja-se frame 2, onde permanece até o final do enunciado.

7.2.1.4. INÍCIO DA G-UNIT

Com o menor percentual, o corpus traz apenas três ocasiões em que uma unidade gestual e, por consequência, uma frase gestual, iniciava-se simultaneamente à retração. Para ilustrar esse cenário, segue o exemplo 7.14.

FIGURA 7.23 — *G-Unit iniciada junto à retração* 🗣️



Fonte: *bgest_001*, frase gestual 215

EXEMPLO 7.14 — *bgest_001* [5] 🗣️

*JUL: e aí tinha &m =SCA= &he /=TMT= gente com irmãos /=COB=
então &e [1]=SCA= sempre era uma turma muito grande assim
//=COM=

Assim como mostrado no frame 1 da figura 7.23, a participante JUL tinha suas mãos em posição de repouso. No momento da enunciação da partícula “&e”, a retração, semanticamente vazia, dá início à frase gestual, referente ao trecho negrito no exemplo 7.14. O padrão do gesto consiste em uma mão esplanada em um movimento arqueado. O pico do gesto coincide com o trecho “uma turma”, que, assim, representa um gesto dêitico.

7.3. DISCUSSÃO

Os dados do corpus BGEST evidenciam um certo espelhamento entre retrações e gestos.

Em primeiro momento, foram encontrados gestos tantos referenciais quanto pragmáticos que coocorreram à retração, em uma distribuição de 45%-55%, respectivamente. A distribuição de retrações de repetição e retrações de reparos foi unânime dentro dos gestos referenciais, com 22 ocorrências cada; já nos gestos pragmáticos, houve um maior número de retrações de reparos, com 38 ocorrências, do que de retrações de repetições, com apenas 14 ocorrências. O quadro 7.1, a seguir, mostra essa distribuição para melhor visualização.

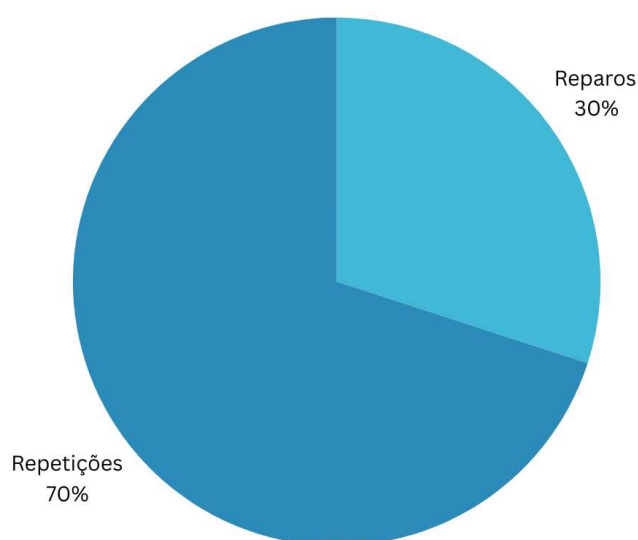
QUADRO 7.1 — *Distribuição de gestos referenciais e pragmáticos coocorrentes com retrações*

REFERENCIAIS	44 (45%)	repetição	22 (50%)
		reparo	22 (50%)
PRAGMÁTICOS	52 (55%)	repetição	14 (27%)
		reparo	38 (73%)

Fonte: elaboração própria.

Ao considerar os casos em que o gesto mantinha a continuidade do movimento apesar da disfluência, as retrações são em maioria de reparo (35 casos – 70%), como mostrado na figura 7.24. Ainda, semelhante ao mapeamento geral mostrado no quadro 7.1, os gestos referenciais tiveram uma distribuição unânime entre retrações de repetição e reparo, enquanto os gestos pragmáticos foram, em maioria, retrações de reparo. O quadro 7.2 ilustra esse cenário.

FIGURA 7.24 — Distribuição de reparos e repetições no universo de gestos em continuidade



Fonte: elaboração própria.

QUADRO 7.2 — Gestos referenciais e pragmáticos no universo de gestos em continuidade

REFERENCIAIS	24 (48%)	repetição	12 (50%)
		reparo	12 (50%)
PRAGMÁTICOS	26 (52%)	repetição	3 (11,5%)
		reparo	23 (88.5%)

Fonte: elaboração própria.

Percebe-se, pois, um percentual quase igual entre os gestos referenciais e pragmáticos. Dentro desse contexto, deve-se considerar que os gestos pragmáticos não estão relacionados ao conteúdo semântico, mas sim indicam dificuldades nas

interações que surgem a partir das disfluências. Consequência dessa noção é o gesto carregar uma função interativa (BAVELAS et al., 1992), de forma a indicar que o falante ainda não concluiu seu turno e, assim, o gesto ajuda a estimular e focar a atenção no ato comunicativo em andamento (GRAND et al., 1977). Essa percepção é congruente com os achados aqui reportados, especialmente quando se trata da repetição do gesto.

Em contrapartida, o quadro 7.3 mostra a distribuição de gestos referenciais e pragmáticos coocorrentes às sustentações dos gestos. Esse cenário foi o único que apresentou uma distribuição mais uniformizada entre retrações de repetição e de reparo juntas aos gestos pragmáticos.

QUADRO 7.3 — Gestos referenciais e pragmáticos no universo de gestos sustentados

REFERENCIAIS	20 (43,5%)	repetição	10 (50%)
		reparo	10 (50%)
PRAGMÁTICOS	26 (56,5%)	repetição	11(42%)
		reparo	15 (58%)

Fonte: elaboração própria.

Ainda considerando os gestos sustentados, há uma ocorrência maior de gestos pragmáticos. Tais resultados não contribuem diretamente para a hipótese de recuperação lexical, uma vez que, para seu suporte, seria esperado encontrar gestos majoritariamente referenciais, visto que a sustentação desses gestos deveria ativar itens lexicais. Não somente, também deveriam existir um percentual maior de retrações de reparo para contribuir para tal pressuposto.

Apesar de ainda serem um grande número percentual, as sustentações do gesto durante as retrações não foram as ocorrências predominantes no corpus. Isso difere dos resultados de pesquisas anteriores (MAYBERRY, JACQUES, 2000; SEYFEDDINIPUR, KITA, 2001; YASINNIK et al., 2005; ESPOSITO, MARINARO, 2007, GRAZIANO, GULLBERG, 2018), que sugerem que as disfluências tendem a ser acompanhadas por uma interrupção do gesto, seja ela uma sustentação do movimento ou um congelamento deste. Entretanto, ressalta-se que tais pesquisas

focam em um quadro geral das disfluências, e não somente nas retrações como esse trabalho propõe.

Cibulka (2016), também, em sua pesquisa, relatou que a sustentação do gesto pode ser deliberadamente inserida em sequências de reparos para indicar que um enunciado está momentaneamente suspenso. Os dados aqui encontrados não mostram evidências contra nem a favor dessa conjectura.

Apesar disso, é pertinente observar como as fronteiras gestuais tendem a seguir as fronteiras da retração, reforçando a noção de um sistema integrado entre gesto e fala, tanto da fluência quanto na disfluência. Ao analisar as fronteiras temporais, a maior parte dos resultados indicou que gesto e fala são interrompidos ao mesmo tempo; em alguns casos a disfluência gestual precede a disfluência da fala; em apenas dois casos críticos a interrupção do gesto acontece após a retração da fala. Tais resultados estão em conformidade com estudos anteriores (AKHAVAN et al., 2016). O quadro 7.2 apresenta o tempo médio entre o início da disfluência e a interrupção do gesto.

QUADRO 7.4 — Tempo médio entre disfluência e interrupção do gesto

	PERCENTUAL	TEMPO MÉDIO (EM MS)
A retração precede a interrupção do gesto	4.7%	652
A interrupção do gesto precede a retração	23.3%	812.4
A retração e a interrupção do gesto acontecem simultaneamente	72.1%	0

Fonte: elaboração própria.

Diante desse cenário, recapitula-se a proposta de McNeill (1992), em que existe uma sincronia semântica entre o movimento gestual e o conteúdo verbal. Para ele, essa sincronia leva a frase gestual a se antecipar à fala, de forma que a fase de preparação comece antes da formação linguística com a qual o ataque gestual estará sincronizado. De forma semelhante, os resultados aqui presentes indicam que as disfluências podem ser refletidas nos gestos até mesmo antes que elas apareçam na produção da fala, contribuindo para a hipótese de que gesto e fala estão interligados.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação constitui uma pesquisa de caráter qualitativo sobre o mapeamento gestual de retrações da fala espontânea. A hipótese que norteou esse trabalho foi a de que as disfluências da fala são espelhadas por disfluências gestuais também.

As retrações foram aqui definidas de acordo com a Teoria da Língua em Ato — L-AcT (CRESTI, 2000; MONEGLIA, RASO, 2014) e analisadas dentro de um conjunto de dados multimodais. O estudo do gesto concomitante à fala parte das teorias em que o gesto e a fala fazem parte de um sistema único, integrado e interligado (MCNEILL, 1992; KENDON, 2004), que, portanto, não devem ser estudados separadamente.

Tendo como intuito dessa dissertação a exploração dos gestos concomitantes às retrações, tal objetivo foi fundamentado por metodologias anteriores (AVCI et al., 2022; GRAZIANO, GULLBERG, 2018; KOSMALA, CANDEA, MORGENSTERN, 2019). Os dados encontrados apontaram para uma relação entre gestos e as disfluências da fala, de forma a solidificar a hipótese que gesto e fala fazem parte de um sistema co-orquestrado.

A princípio, os resultados das análises indicaram que, gestualmente, as retrações foram marcadas por dois padrões distintos. Em primeiro lugar, o movimento gestual continuou sem interrupção apesar da disfluência, em ocasiões mudando seu percurso e seus parâmetros — forma, orientação, posição e tipo de movimento — junto à retração, ou ocorrendo a repetição do movimento gesto, tanto em percurso e em parâmetros. As ocasiões em que o gesto continuou sem percurso em quaisquer interrupções ou alterações foram escassas, apresentando um percentual muito baixo.

Do outro lado, teve-se o congelamento ou sustentação do gesto junto à retração, de forma que, em grande maioria, o gesto se interrompia e retornava concomitantemente à fala. Houve, também, casos em que a retração ativasse o início de uma unidade gestual, uma vez que os membros superiores se encontravam em posição de descanso anteriormente, e, também, casos em que a disfluência resultasse no término da unidade gestual, com os membros superiores entrando em posição de repouso logo em seguida à retração. Apesar dos casos em que a retração acionasse ou o início ou o final de uma unidade gestual terem um percentual baixo de ocorrências

no corpus, esses resultados ainda contribuem para evidenciar uma relação direta entre as disfluências da fala e a produção gestual.

Dentro dessa metodologia teoricamente coerente, fez-se possível perceber que o gesto tende a espelhar a disfluência, até mesmo nas situações em que não há uma pausa na frase gestual, já que também é plausível mudanças do percurso e dos parâmetros do gesto conjuntamente à retração, ou a repetição gestual subsequente à retração.

Assim, a partir dos resultados aqui averiguados, é possível entender, de maneira ampla, que a fala e o gesto estão interligados, tanto em fluência quanto em disfluência. Apesar disso, é necessária uma maior compilação de dados, que abranjam, igualmente, uma maior variação diastrática de falantes, também abordado os demais tipos de disfluências, para uma validação e aprofundamento dos dados aqui encontrados.

REFERÊNCIAS

'T HART, J., COLLIER, R., COHEN, A. A perceptual study of intonation: an experimental-phonetic approach to speech melody. Cambridge, Nova Iorque: Cambridge University Press, 1990.

AKHAVAN, N., GOKSUN, T., NOZARI, N. B. Disfluency Production in Speech and Gesture. *In: PAPAFRAGOU, A. et al. (ed.). 38th Annual Meeting of the Cognitive Science Society: Recognizing and Representing Events*. Filadélfia: Cognitive Science Society, 2016. Trabalho apresentado no 38th Annual Meeting of the Cognitive Science Society, Filadélfia, Pensilvânia, 2016.

ALLWOOD, J. Multimodal Corpora. *In: LÜDELING, A.; KYTÖ, M. (ed.). Corpus linguistics: An International Handbook*. Berlim, Nova Iorque: De Gruyter Mouton, 2008. v. 1, p. 207-225. Disponível em: <<https://hal-hprints.archives-ouvertes.fr/hprints-00511882/document>>. Acesso em 24 out. 2023.

AUSTIN, John. *How to Do Things with Words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.

AVCI, C., ARSLAN, B., GÖKSUN, T. Gesture and Speech Disfluency in Narrative Context: Disfluency Rates in Spontaneous, Restricted, and Encouraged Gesture Conditions. *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, v. 44, 2022, p. 1912-1917. Disponível em: <<https://escholarship.org/uc/item/6xg8p5rd>>. Acesso em: 19 mai. 2023.

BARROS, C. A relação entre unidades gestuais e quebras prosódicas: o caso da unidade informacional Parentético. Dissertação (Mestrado em Linguística), Faculdade de Letras, UFMG, 2021.

BAVELAS, J., CHOUIL, N., LAWRIE, D. A., WADE, A. Interactive gesture. *Discourse Processes*, 15, 1992, p. 469-489.

BEATTIE, G.; COUGHLAN, J. An Experimental Investigation of the Role of Iconic Gestures in Lexical Access Using the Tip-of-the-tongue Phenomenon. *British Journal of Psychology*, Londres, n. 90, p. 35-56, fev. 1999.

BECKMAN, M.; ELAM, G. A. Guidelines for ToBI labeling, version 3. Disponível em: <https://www.ling.ohio-state.edu/research/phonetics/E_ToBI/>. Acesso em: 7 ago. 2024.

BJÖRKENSTAM, K. N. What Is a Corpus and Why Are Corpora Important Tools? Estocolmo: Universidade de Estocolmo, 2013.

BRESSEM, J. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. *In: CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; MÜLLER, C.; TESSENDORF, S. (ed.). Body — Language — Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Berlim, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. v. 1, cap. 70, p. 1079-1098.

BRESSEM, J., LADEWIG, S. H. Rethinking gesture phases: articulatory features of gestural movement? *Semiotica*, 184 (1-4), 2011, p. 52-91.

BRESSEM, J.; LADEWIG, S. H.; MÜLLER, C. Gestures and Speech from a Linguistic Perspective: A New Field and Its History. In: CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; MÜLLER, C.; TESSENDORF, S. (ed.). *Body — Language — Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Berlim, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. v. 1, cap. 3, p. 55-81.

BRESSEM, J.; LADEWIG, S. H.; MÜLLER, C. Linguistic annotation system for gestures. In: CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; MÜLLER, C.; TESSENDORF, S. (ed.). *Body — Language — Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Berlim, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. v. 1, cap. 70, p. 1098-1124.

BRESSEM, J., MÜLLER, C. 119. A repertoire of German recurrent gestures with pragmatic functions. In: MÜLLER, C., CIENKI, A., FRICKE, E., LADEWIG, S., MCNEILL, D., BRESSEM, J., (Org.). *Handbücher zur Sprach- und Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/2*. Berlin, München, Boston: De Gruyter, 2014. p. 1575–1591

BOERSMA, P; WEENINK, D. *Praat: Doing Phonetics by Computer*. Versão 6.4.04. [S.l.]: [s.n.], 2020. Disponível em: <<https://www.fon.hum.uva.nl/praat/>> Acesso em: 11 mai. 2023.

BUTTERWORTH, B.; BEATTIE, G. Gesture and Silence as Indicators of Planning in Speech. In: CAMPBELL, R. N.; SMITH, P. T. *Recent Advances in the Psychology of Language: Formal and Experimental Approaches*. Nova Iorque: Plenum, 1978. p. 347-360.

CANTALINI, G. La gestualità co-verbale nel parlato spontaneo e nel recitato. 2018. 281 f. Tesi di Dottorato – Università degli studi Roma Tre, Roma Tre, 2018.

CANTALINI, G., MONEGLIA, M. The annotation of gesture and gesture/prosody synchronization in multimodal speech corpora. *Journal of Speech Sciences*, n. 9, p. 7–30, 2020. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/joss/article/view/14956>>. Acesso em: 28 jan. 2024.

CAVALCANTE, F. The informational unit of topic: a crosslinguistic, statistical study based on spontaneous speech corpora. Tese (Doutorado) — Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil, 2020.

CAVALCANTE, F. A., RAMOS, A. C. The American English spontaneous speech minicorpus. *CHIMERA. Romance Corpora and Linguistic Studies*, v. 3, n. 2, p. 99–124, 2016.

CHRISTENFELD, N.; SCHACHTER, S.; BILOUS, F. Filled Pauses and Gestures: It's

Not Coincidence. *Journal of Psycholinguistic Research*, Nova Iorque, v. 20, p. 1-10, jan. 1991. CIBULKA, P. How to do things with holds. *Sign Lang. Stud.*, 16, 2016, p. 447-472.

CIBULKA, P. How to do things with holds. *Sign Lang. Stud.*, 16, 2016, p. 447-472.

CIENKI, A. Cognitive Linguistics: Spoken Language and Gesture as Expressions of Conceptualization. In: CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEIL, D.; MÜLLER, C.; TESSENDORF, S. *Body — Language — Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. v. 1, cap. 11, p. 182-201.

CLARK, H. *Using language*, Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

CONDON, W. S.; OGSTON, W. D. Sound film analysis of normal and pathological behavior patterns. *The Journal of Nervous and Mental Disease*, v. 143, n. 4, p. 338–347, out. 1966.

CRESTI, E. *Corpus dell'italiano parlato*. Firenze: Accademia della Crusca, 2000.

CRESTI, E., MONEGLIA, M. Informational Patterning Theory and the corpus based Description of Spoken Language: The compositionality Issue in the Topic-Comment Pattern. In: MONEGLIA, M., PANUNZI, A. *Bootstrapping information from corpora in a cross-linguistic perspective*. Firenze: Firenze University Press, 2010. p. 13– 45.

CRESTI, E., MONEGLIA, M. (Org.). *C-ORAL-ROM: Integrated reference corpora for spoken Romance languages*. Amsterdam; Philadelphia, PA: J. Benjamins, 2005. (Studies in corpus linguistics, v. 15).

CRESTI, E., LUO, S., MONEGLIA, M., PANUNZI, A. The annotation of information structure in spoken Chinese: a pilot study. In: BOTINIS, A. (ed.) *Proceedings ExLing 2022: 13th International Conference of Experimental Linguistics*. Paris: Université Paris Cité, 2022, p. 41-44.

CRYSTAL, D. *The English tone of voice*. Londres: Edward Norton, 1975.

DEMIR, Ö. E.; GOLDIN-MEADOW, S. Gesture's Role in Learning and Processing Language. In: HICKOK, G.; SMALL, S. L. (ed.). *Neurobiology of Language*. Cambridge: Academic Press, 2015. cap. 23, p. 275-283.

DIDIRKOVÁ, I. Disfluency in speech and language disorders. *Clinical Linguistics & Phonetics*, 38 (4), 2024, p. 285-286.

DUNCAN, S. Some Signals and Rules for Taking Speaking Turns in Conversations. *Journal of Personality and Social Psychology*, Chicago, v. 23, n. 2, p. 283-292, 1972.

EFRON, D. *Gesture and environment; a tentative study of some of the spatio-temporal and "linguistic" aspects of the gestural behavior of eastern Jews and southern Italians in New York city, living under similar as well as different environmental conditions*. 1941. 185 f. Ph.D. Thesis – Columbia University, Columbia, 1941.

EKLUND, R. Disfluency in Swedish Human-Human and Human-Machine Travel Booking Dialogues. Tese (Doutorado em Ciência e Tecnologia), Universidade de Linköping, 2004.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. The Repertoire of Nonverbal Behavior: Categories, Origins, Usage, and Coding, 1969.

ESPOSITO, A., MARINARO, M. What pauses can tell us about speech and gesture partnership. In: ESPOSITO, A., KELLER, E., MARINARO, M. (ed.). *Fundamentals of verbal and nonverbal communication and the biometric issue*. Amsterdam: IOS Press, 2007, p. 45-57.

FROSALI, L. Il lessico degli ausili dialogici. In: CRESTI, E. *Prospettive nello studio del lessico italiano*. Florença: Firenze University Press, 2008, p. 417-424.

GARROTE, M., KIMURA, C., MATSUI, K., SANDOVAL, A. M., TAKAMORI, E. C-ORAL-JAPON: Corpus of spontaneous spoken Japanese. *Corpus linguistics and ling. theory*, 11(2), 2015, p. 373-392.

GOBBO, O. R. Marcadores discursivos em uma perspectiva informacional: análise prosódica e estatística. 158 fls. (Dissertação de mestrado) Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

GOFFMAN, E. Behavior in Public Places. Nova Iorque: Free Press of Glencoe, 1963.

GOLDIN-MEADOW, S. Hearing Gesture: How Our Hands Help Us Think. Cambridge: Harvard University Press, 2003.

GOLDIN-MEADOW, S., NUSBAUM, H., KELLY, S. D., WAGNER, S. Explaining math: gesturing lightens the load. *Psychological Science*, v. 12, 2001, p. 516-522.

GRAND, S., MARCOS, L. R., FREEDMAN, N., BARROSO, F. Relation of psychopathology and bilingualism to kinesic aspects of interview behavior in schizophrenia. *Psychol*, 86, 1977, p. 492-500.

GRAZIANO, M., GULLBERG, M. When Speech Stops, Gesture Stops: Evidence From Developmental and Crosslinguistic Comparisons. *Frontiers in Psychology*, v. 9, artigo 879, 2018. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/journals/psychology/articles/10.3389/fpsyg.2018.00879/full>. Acesso em: 25 mai. 2023

GULLBERG, M. Gesture as a Communication Strategy in Second Language Discourse: A Study of Learners of French and Swedish. Lund: Lund University Press, 1998.

HADAR, U., BUTTERWORTH, B. Iconic gestures, imagery, and word retrieval in speech. *Semiotica*, v. 115, 1997, p. 147-172. HEEMAN, P. Speech repairs, intonational boundaries and discourse markers: Modeling speakers' utterances in spoken dialog. Tese (Doutorado). Universidade de Rochester, 1997.

JOHNSON, W. Measurements of oral reading and speaking rate and disfluency of adult male and female stutterers and nonstutterers. *The journal of speech and hearing disorders*, 7, 1961, p. 1-20.

JOKINEN, K., ALLWOOD, J. Hesitation in Intercultural Communication: Some Observations and Analyses on Interpreting Shoulder Shrugging. In: ISHIDA, T. (Ed.) *Culture and Computing. Lecture Notes in Computer Science*. Heidelberg, Berlin: Springer, 2010, p. 55-70.

KOSMALA, L., CANDEA, M., MORGENSTERN, A. Synchronization of (Dis)fluent Speech and Gesture: A Multimodal Approach to (Dis)fluency. *Gesture and Speech in Interaction*. [S.l.:s.n.], 2019. Disponível em: <<https://hal.science/hal-02360613>> Acesso em 27 maio 2023.

KENDON, A. Relationships between body motion and speech. [S.l.: s.n.], 1972. p. 177-210.

KENDON, A. Gesticulation and speech: Two aspects of the process of utterance. In: KEY, Mary Ritchie (Org.). *The relationship of Verbal and Nonverbal Communication*. The Hague: Mouton and Co., 1980. p. 207–227.

KENDON, A. *Gesture: Visible Action as Utterance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KENDON, A. How the body relates to language and communication: Outlining the subject matter. In: CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; MÜLLER, C.; TESSENDORF, S. (ed.). *Body — Language — Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. v. 1, cap. 1, p. 7-28.

KRAUSS, R. M., CHEN, Y., GOTTESMAN, R. Lexical gestures and lexical access: a process model. In: MCNEILL, D. (ed.). *Language and gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 261-283.

LADEWIG, S. 126. Creating multimodal utterances: The linear integration of gestures into speech. In: MÜLLER, C., CIENKI, A., FRICKE, E., LADEWIG, S., MCNEILL, D., BRESSEM, J. (Org.). *Handbücher zur Sprachund Kommunikationswissenschaft / Handbooks of Linguistics and Communication Science (HSK) 38/2*. Berlin, München, Boston: DE GRUYTER, 2014.

LEVELT, W. Monitoring and self-repair in speech. *Cognition*, v. 14, n. 1, 1983, p. 41–104.

LICKLEY, R. HCRC disfluency coding manual. HCRC Technical Report TR-100. 1998.

LICKLEY, R. Fluency and disfluency. In: REDFORD, A. (Ed.) *The handbook of speech production*. Malden: Wiley-Blackwell, 2015, p. 445-469.

LOEHR, D. Intonation and Gesture. 2004. 214 f. Doctoral dissertation – University of Georgetown, Washington, D.C., 2004.

MACLAY, H.; OSGOOD, C. E. Hesitation Phenomena in Spontaneous English Speech. *Word*, Nova Iorque, v. 15, n. 1, p. 19-44, 1959. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00437956.1959.11659682>>. Acesso em 9 set. 2023.

MAHL, G. F. Disturbances and silences in the patient's speech in psychotherapy. *The journal of abnormal and social psychology*, 53, 1956, p.1-15.

MAYBERRY, R. I.; JAQUES, J.; DEDE, G. What Stuttering Reveals About the Development of the Gesture-speech Relationship. *New directions for child development*, [S.l.], n. 79, p. 77-87, 1998.

MAYBERRY, R. I.; JAQUES, G. Gesture production during stuttered speech: insights into the nature of gesture-speech integration. In: MCNEILL, D. (ed.). *Language and Gesture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 199-214.

MCNEIL, N. M., ALIBABI, M. W., EVANS, J. L. The Role of Gesture in Children's Comprehension of Spoken Language: Now They Need It, Now They Don't. *Journal of Nonverbal Behavior*, 24, 2000, p. 131-150.

MCNEILL, D.. Gestures as a Window onto Mind and Brain, and the Relationship to Linguistic Relativity and Ontogenesis. In: CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; MÜLLER, C.; TESSENDORF, S. *Body — Language — Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Berlim, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. v. 1, cap. 2, p. 28-54.

MCNEILL, D. *Hand and Mind: What Gestures Reveal about Thought*. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, D. (Org.). *Language and Gesture*. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

MCNEILL, D. *Gesture and thought*. Chicago: University of Chicago Press, 2005.

MCNEILL, D., LEVY, E. T., PEDELTY, L. L. Speech and Gesture. In: HAMMOND, G. E. (Ed.). *Cerebral Control of Speech and Limb Movements*. North-Holland: Elsevier Science Publishers B.V., 1990, cap. 7, p. 203-256.

MELLO, H., RASO, T. Illocution, modality, attitude: different names for different categories. In: MELLO, H., PANUNZI, A., RASO, T. (Org.). *Pragmatics and Prosody: Illocution, Modality, Attitude, Information Patterning and Speech Annotation*. Florença: Firenze University Press, 2011. p. 1–18.

MONEGLIA, M. Spoken corpora and pragmatics. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 11, n. 2, 2011, p. 479–519. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbla/a/FfBjsDfJ5jQNrK4NSvKTLCN/?lang=en>> Acesso em: 29 de julho de 2024.

MONEGLIA, M., RASO, T. Appendix: Notes on the Language into Act Theory. In: RASO, T., MELLO, H. (Org.). *Studies in Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. v. 61. p. 468–495.

MORSELLA, E., KRAUSS, R. M. The role of gestures in spatial working memory and speech. *The American Journal of Psychology*, Vol. 117, No. 3, 2004, p. 411-424.

MÜLLER, C. Gestures as a medium of expression: The linguistic potential of gestures. In: CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; MÜLLER, C.; TESSENDORF, S. *Body — Language — Communication: An International Handbook on Multimodality in Human Interaction*. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2013. v. 1, cap. 12, p. 202-217.

PANUNZI, A., MITTMANN, M. M. The IPIC resource and a crosslinguistic analysis of information structure in Italian and Brazilian Portuguese. In: RASO, T., MELLO, H. (Org.). *Studies in Corpus Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2014. v. 61. p. 129–151.

PANUNZI, A., SCARANO, A. Parlato spontaneo e testo: analisi del racconto di vita. In: *I PARLANTI E LE LORO STORIE: COMPETENZE LINGUISTICHE, STRATEGIE COMUNICATIVE, LIVELLI DI ANALISI*, Palermo: Centro di studi filologici e linguistici siciliani, 2009. p. 121–132.

POSTMA, A., KOLK, H. The covert repair hypothesis: prearticulatory repair processes in normal and stuttered disfluencies. *Journal of Speech and Hearing Research*, 1993, p. 472-487. Disponível em: <<https://pubs.asha.org/doi/10.1044/jshr.3603.472>>. Acesso em: 13 ago. 2024.

POSTMA, A., KOLK, H., POVEL, D. J. On the relation among speech errors, disfluencies and self-repairs. *Language and speech*, v. 1, 1990, p.19-29.

QUINTILIAN, M. F. *The Institutio Oratoria of Quintilian*. Tradução para o inglês: H. E. Butler. Londres: W. Heinemann, 1922.

QUIRK, R., GREENBAUM, S., LEECH, G., SVARTVIK, J. *A Comprehensive Grammar of the English Language*. Londres, Nova Iorque: Longman, 1985.

RASO, T. O C-ORAL BRASIL e a Teoria da Língua em Ato. In: RASO, T.; MELLO, H. (org.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 91-124.

RASO, T., MELLO, H. (Org.). *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

RASO, T.; MITTMANN, M. M.; MENDES, A. C. O. O papel da pausa na segmentação prosódica de corpora de fala. *Revista Estudos da Linguagem*, v. 23, n. 3, p. 883, dez. 2015. Disponível em:

<<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/9536/8799>>.

Acesso em: 15 de junho de 2024.

RASO, T., VIEIRA, M. A description of Dialogic Units/Discourse Markers in spontaneous speech corpora based on phonetic parameters. *CHIMERA: Revista De Corpus De Lenguas Romances Y Estudios Lingüísticos*, 3(2), 2015, p. 221–249. Disponível em: <<https://revistas.uam.es/chimera/article/view/6516>>. Acesso em 14 jul. 2024.

RAUSCHER, F. H., KRAUSS, R. M., CHEN, Y. Gesture, speech, and lexical access: the role of lexical movements in speech production. *Psychological Science*, v. 7, 1996, p. 226-231.

ROCHA, B., MELLO, H., RASO, T. Para a compilação do C-ORAL-ANGOLA. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 20, n. Especial, p. 139–157, dez. 2018.

SANDOVAL, A. M., LLANOS, L. C., TOLEDANO, D. T. A quantitative study of disfluencies in formal, informal and media spontaneous speech in Spanish. 2012.

SANTOS, S. M. Parentético e outras unidades informacionais curtas: uma distinção através da análise das diferentes realizações prosódicas do lexema ASSIM. 2020. 142 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SCHWARTS, B. L., METCALFE, J. Tip-of-the-tongue (TOT) states: retrieval, behavior, and experience. *Memory & Cognition*, v. 39, 2011, p. 737-749. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.3758/s13421-010-0066-8>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

SEYFEDDINIPUR, M.; KITA, S. Gestures and disfluencies in speech. In: SANTI, S., GUAÏTELLA, I., CAVÉ, C., KONOPCZYNSKI, G. (ed.). *Oralité et Gestualité. Communication Multimodal, Interaction*. Paris: L'Harmattan, 2001, p. 266-270.

SEYFEDDINIPUR, M.; KITA, S.; INDEFREY, P. How speakers interrupt themselves in managing problems in speaking: evidence from self-repairs. *Cognition*, [S.l.], v. 108, n. 3, p. 837–842, set. 2008.

STARKWEATHER, C. W. Speech fluency and its development in normal children. *Speech and language*, v. 4, 1980, p. 142-200.

STEFANOWITSCH, A. *Corpus linguistics: A guide to the methodology*. [S.l.]: Language Science Press, 2020

VITAL, A. As Disfluências na Fala de Pacientes com Esquizofrenia em Relação à Fala Não Patológica: uma Comparação Baseada no C-ORAL-ESQ e no C-ORAL-BRASIL. Monografia (Bacharelado em Linguística) — Faculdade de Letras, Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.

WAGNER, S. M., NUSBAUM, H., GOLDIN-MEADOW, S. Probing the mental representation of gesture: is handwaving spatial? *Journal of memory and language*, v. 50, 2004, p. 395-407.

WITTENBURG, P.; BRUGMAN, H.; RUSSEL, A.; KLASSMANN, A.; SLOETJES, H. ELAN: A Professional Framework for Multimodality Research. *Max Planck Institute for Psycholinguistics*, Nimegue, p. 1556–1559, 2006. Apresentado no Fifth International Conference on Language Resources and Evaluation, 2006, Gênova, Itália. Disponível em: <<https://archive.mpi.nl/tla/elan>> Acesso em: 30 mar. 2023.

YASINNIK, Y., SHATTUCK-HUFNAGEL, S., VEILLEUX, N. Gesture marking of disfluencies in spontaneous speech. *Disfluency in spontaneous speech*. 2005, p. 173-178. Disponível em: <https://www.isca-archive.org/diss_2005/yasinnik05_diss.html> Acesso em: 27 out. 2024.

APÊNDICE A — ARQUIVOS DE ÁUDIO NO TEXTO

[EXEMPLO 2.1](#)

[EXEMPLO 2.2](#)

[EXEMPLO 2.3](#)

[EXEMPLO 2.4](#)

[EXEMPLO 4.1](#)

[EXEMPLO 4.2](#)

[EXEMPLO 4.3](#)

[EXEMPLO 4.4](#)

[EXEMPLO 4.5](#)

[EXEMPLO 4.6](#)

[EXEMPLO 4.7](#)

[EXEMPLO 4.8](#)

[EXEMPLO 4.9](#)

[EXEMPLO 4.10](#)

[EXEMPLO 4.11](#)

[EXEMPLO 4.13](#)

[EXEMPLO 4.14](#)

[EXEMPLO 4.15](#)

[EXEMPLO 4.16](#)

[EXEMPLO 4.17](#)

[EXEMPLO 4.18](#)

[EXEMPLO 4.19](#)

[EXEMPLO 5.1](#)

[EXEMPLO 5.2](#)

[EXEMPLO 5.3](#)

[EXEMPLO 5.4](#)

[EXEMPLO 7.1](#)

[EXEMPLO 7.2](#)

[EXEMPLO 7.3](#)

[EXEMPLO 7.4](#)

[EXEMPLO 7.5](#)

[EXEMPLO 7.6](#)

[EXEMPLO 7.7](#)

[EXEMPLO 7.8](#)

[EXEMPLO 7.9](#)

[EXEMPLO 7.10](#)

[EXEMPLO 7.11](#)

[EXEMPLO 7.12](#)

[EXEMPLO 7.13](#)

[EXEMPLO 7.14](#)

[LINK PARA TODOS OS ARQUIVOS DE EXEMPLOS](#)

APÊNDICE B — ARQUIVOS DE VÍDEO NO TEXTO

[FIGURA 2.1](#)

[FIGURA 2.2](#)

[FIGURA 2.3](#)

[FIGURA 2.4](#)

[FIGURA 5.3](#)

[FIGURA 5.4](#)

[FIGURA 5.9](#)

[FIGURA 5.10](#)

[FIGURA 7.8](#)

[FIGURA 7.9](#)

[FIGURA 7.10](#)

[FIGURA 7.11](#)

[FIGURA 7.12](#)

[FIGURA 7.13](#)

[FIGURA 7.14](#)

[FIGURA 7.15](#)

[FIGURA 7.16](#)

[FIGURA 7.17](#)

[FIGURA 7.18](#)

[FIGURA 7.19](#)

[FIGURA 7.22](#)

[FIGURA 7.23](#)

[LINK PARA TODOS OS ARQUIVOS DE VÍDEO](#)

APÊNDICE C — GLOSSÁRIO

Termo no original	Termo traduzido
Appropriateness repairs	Reparos de adequação
Arced movement	Arqueado
Away body	Para longe do corpo
Away center	Para longe do centro
Beats	Rítmicos
Break-down gestures	Gestos de quebra
Broken words	Palavras quebradas
Center	Centro
Center-center	Centro-centro
Circled	Circular
Cohesives	Coesivos
Combination of fingers	Combinação de dedos
Deitics	Dêiticos
Error repairs	Reparos de erros
Extreme-periphery	Periferia extrema
False starts	Partidas falsas
Filled pauses	Pausas preenchidas
Fist	Punho
Flat hand	Mão espalmada
Gesture phrase	Frase gestual
Gesture unit	Unidade gestual
Hold	Sustentação
Iconics	Ícônicos
Incomplete phrases	Sintagmas incompletas
Intruding incoherent sound	Sons incoerentes
Kendon's Continuum	Continuum do Kendon
Language into act theory	Teoria da Língua em Ato
Lexical retrieval hypothesis	Hipótese de recuperação lexical
Metaphorics	Metafóricos
Modal	Modal

Omission of words or part of words	Omissões de palavras ou parte delas
Original utterance	Enunciado original
Parsing	Processamento
Part-word repetition	Repetições de parte de palavras
Performative	Performativa
Periphery	Periferia
Phrase repetition	Repetições de sintagmas
Pragmatic aboutness	Domínio pragmático
Preparation	Preparação
Prolonged sounds	Sons prolongados
Recovery	Recuperação
Referential	Referencial
Repair	Reparo
Repeats	Repetições
Repetition of words	Repetições
Revisions	Revisões
S-line	Em linha S
Self-repair	Auto-reparo
Sentence correction	Correção da sentença
Sentence incompleteness	Sentenças incompletas
Single fingers	Um único dedo
Spiral	Espiral
Straight movement	Reto
Stroke	Ataque
Tip of the tongue state	Ponta da língua
Tongue slip	Deslizes da língua
Towards body	Para o corpo
Towards center	Para o centro
Unfilled pauses	Pausas silenciosas
Utterance visible action	Enunciados visuais
Word repetition	Repetições de palavras
Zigzag	Ziguezague

APÊNDICE D — TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) Participante,

Você está sendo convidado para participar do projeto C-ORAL-BGEST. Caso este Termo de Consentimento contenha palavras que você não entenda, peça ao pesquisador que explique as palavras ou informações não compreendidas. Essa pesquisa tem como objetivo analisar como certos gestos são realizados durante a fala espontânea e as relações que o movimento corporal pode ter com a prosódia (a modulação da voz em termos de entoação, intensidade e duração). Você foi selecionado porque fala português brasileiro, reside na região de Minas Gerais, é maior de idade e tem pouco ou nenhum conhecimento de línguas de sinais, mas sua participação é voluntária e o seu consentimento pode ser retirado em qualquer momento.

Para participar deste estudo, solicito a sua especial colaboração em permitir que você seja gravado e filmado durante um intervalo de tempo de não mais de uma hora, em um lugar e horário da sua preferência, combinado com o (a) pesquisador(a) que o(a) contactou, em que você conversará livremente com o pesquisador e/ou mais pessoas. O pesquisador se deslocará até o local por você indicado para que a gravação seja realizada, seja na UFMG ou em outro lugar. Será colocado um microfone de lapela em cada participante e uma ou mais câmeras vão capturar os seus movimentos e, eventualmente, aqueles dos outros participantes da gravação. As câmeras estarão posicionadas de maneira frontal ou lateral sobre tripés ou móveis, de maneira que sua atenção não recaia sobre elas e a interação ocorra da maneira mais natural possível. Espera-se que você permaneça sentado ou de pé com o tronco exposto para a câmera e com as mãos livres, para possibilitar a captura dos movimentos faciais e gestuais.

Essas gravações têm o fim único de serem objeto de pesquisa. Elas serão agrupadas em um corpus (C-ORAL-BGEST) que se tornará acessível à comunidade científica. Essas gravações têm o fim único de serem objeto de pesquisa. Elas serão agrupadas em um corpus (C-ORAL-BGEST) que se tornará acessível à comunidade científica. Não mais de 10 minutos de áudio/vídeo de cada gravação será transcrito e disponibilizado para a comunidade, devidamente anonimizado. O restante do material gravado será armazenado no servidor do Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL) por no máximo 6 anos. Depois deste prazo as gravações serão destruídas. A imagem facial das pessoas gravadas será anonimizada. Portanto você não será reconhecível. Mesmo assim, você tem o direito de assistir à gravação e decidir se ela poderá ou não ser usada. Durante a gravação, você poderá ficar constrangido, cansado ou desconfortável. Caso isso aconteça, a gravação será interrompida imediatamente. Você não terá nenhum gasto com a sua participação no estudo e, também, não receberá pagamento por ele. Consideramos que essa pesquisa não trará benefícios diretos para você, salvo o benefício indireto de ampliar os conhecimentos sobre como gestualidade interage com a prosódia, ao doar o seu tempo e imagem para uma pesquisa científica.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

Garantimos que sua identidade será preservada, pois seu nome será identificado com uma sigla e o registro da correspondência de cada sigla ao informante será mantido em sigilo. Tal sigla será associada aos seguintes dados: faixa etária (dentro de um leque de pelo menos 10 anos); nível de estudo (dividido entre nenhum ou primeiro grau incompleto, primeiro grau completo, segundo grau completo, terceiro grau completo); sexo; tipologia de trabalho e origem. Se em algum trecho da gravação ocorrer que você se identifique ou der alguma informação sensível, o trecho será bipado de modo a impossibilitar a recuperação das informações.

Trechos das gravações (normalmente dez minutos) serão transcritos e anotados e as amostras escolhidas para o estudo constarão em um banco de dados alojado em uma plataforma sob o controle do Laboratório de Estudos Empíricos e Experimentais da Linguagem (LEEL) da Faculdade de Letras da UFMG. Apenas os pesquisadores responsáveis poderão acessar as gravações que serão consideradas idôneas para pesquisa. As gravações originais e os dados dos participantes serão armazenados em nosso banco de dados eletrônico cujo acesso é restrito aos responsáveis por esta pesquisa. Você ficará com uma via de igual teor e conteúdo deste Termo e poderá manifestar suas dúvidas, a qualquer tempo, ao pesquisador que o(a) contatou, em Belo Horizonte.

Em casos de dúvidas quanto a pesquisa contate: Tommaso Raso, Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Letras – UFMG. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: traso@ufmg.br, Tel: 34996065. Ou a pesquisadora: Marianna Bicalho de Albuquerque, Av. Antônio Carlos, 6627, Faculdade de Letras, Sala 4015 – UFMG, Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: mariannab@ufmg.br).

Dúvidas a respeito da ética dessa pesquisa poderão ser questionadas ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG: Av. Antônio Carlos, 6627. Unidade Administrativa II – 2º andar – Sala 2005. Belo Horizonte, MG – Brasil. CEP: 31270-901. E-mail: coep@prpq.ufmg.br. Tel: 34094592.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo. Após ter lido as informações contidas neste documento e terem sido os objetivos, a importância do estudo e o modo que os dados serão coletados e armazenados, dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar do estudo C-ORAL-C-ORAL-BGEST, conhecendo os riscos, desconfortos e benefícios que ela trará para mim e ter ficado ciente de todos os meus direitos.

Confirmo também que recebi uma via de igual teor e conteúdo deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Compreendo que sou livre para me retirar do estudo em qualquer momento, sem perda de benefícios ou qualquer outra penalidade.

Autorizo a gravação e a utilização de imagem para fins acadêmicos.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do colaborador da pesquisa

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ

Eu, _____, AUTORIZO a gravação em vídeo da minha imagem e voz para utilização na pesquisa C-ORAL-BGEST a serem exibidos total ou parcialmente, veiculados em meios de comunicação, publicações e apresentações para fins de pesquisa e divulgação de conhecimento científico. Porém, não devo ser identificado por nome ou qualquer outra forma.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a concessão de direitos da veiculação das imagens não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem e voz ou a qualquer outro, e assino a presente autorização retendo uma via de igual teor e conteúdo.

- Autorizo que minha imagem seja usada integralmente em publicações científicas.
- Autorizo que minha imagem seja usada no corpus C-ORAL-B-GEST em publicações científicas, desde que na forma de ilustração ou com algum tratamento de imagem que dificulte minha identificação.
- Não autorizo que minha imagem seja usada em publicações científicas de nenhuma forma.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do colaborador da pesquisa